



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE
JANEIRO.**

Mestranda: Kelly Rodrigues de Souza

Orientadora: Mônica Dias Peregrino Ferreira

**Estudantes trabalhadores do Ensino Médio - EJA de Angra dos Reis:
como vivem seu direito à juventude?**

RIO DE JANEIRO

2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE
JANEIRO.**

Mestranda: Kelly Rodrigues de Souza

Orientadora: Mônica Dias Peregrino Ferreira

**Estudantes trabalhadores do Ensino Médio - EJA de Angra dos Reis:
como vivem seu direito à juventude?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a todos os jovens que invisibilizados por sua condição social, têm suas histórias apagadas, desqualificadas e transformadas em números. Jovens com sonhos, histórias e grande potencial desperdiçados!

AGRADECIMENTOS

“*Vem por aqui*” pode ser uma frase de confiança entre orientador(a) e orientanda(o)! Imensa gratidão por Mônica Peregrino ter indicado o caminho e o praticado junto comigo. Mônica nunca desistiu de mim e nem desta pesquisa trazendo palavras de incentivo, indicando caminhos metodológicos “*Vem por aqui.*” se traduzindo em práticas amorosas, mas não por isso menos comprometida com o fazer científico.

Aos companheiros pesquisadores: Marcelo Duarte, incansável com orientações práticas do processo e troca de ideias fundamentais para o projeto com toda paciência e carinho; Marriete Alentejo com leituras e dicas e Marcelo Souza com longas conversas e cumplicidade. Agradeço imensamente a todas as palavras, todas as contribuições e toda troca de ideias com os colegas do núcleo de pesquisa Juventude, Escola Trabalho e Território – JETT (Derickson Souza, Cláudia Silva, Roselene Miranda, Ivana Doralí, Kesley Menezes, Jaqueline Lopes, Jonas Sales, Juliana Prata, Kelly Marques, Tamires Souza, Tamires Silva), espaço que me propiciou convivência e crescimento, agradeço ainda a troca de ideias com Isabel Santana, que mesmo não sendo do grupo de pesquisa, muitas vezes me motivou e me instigou a pensar, a pensar junto e a compartilhar visões plurais.

Agradecimento especial as contribuições tão lúcidas, simples e de grande valia que a banca de qualificação: professores Marize Bastos e Diógenes Pinheiro, trazendo para este trabalho maior consistência e qualidade.

Agradeço às minhas companheiras de vida, amigas queridas que ao longo dessa jornada souberam me apoiar com generosidade e dar sustentação ao meu trabalho em Angra dos Reis: Wanda Lúcia, Cláudia Menta e Cláudia Peixoto.

Agradecimento muito especial à minha família que forjou em mim a alegria, o companheirismo e a vontade de viver cada vez mais intensamente como uma pessoa do bem no mundo e nunca desistir do que é essencial.

RESUMO

Esta pesquisa se caracteriza por ser um estudo de caso para compreender a experiência da juventude estudante trabalhadora (jovens de 18 a 29 anos) da Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio - EJA-EM no território Angra dos Reis, tomando como foco os alunos do Ciep João Gregório Galindo no bairro do Areal. Constatamos estar diante de uma invisibilidade desta faixa etária de 18 anos em diante que não está seguindo o fluxo escolar regular, ficando evidente a descontinuidade de políticas públicas que os auxiliariam a viver a sua juventude. A noção de que todos os jovens devem fazer parte da agenda política através da implementação de políticas públicas, vinha se consolidando em um novo paradigma sobre a juventude como sujeitos de direitos, através de mobilizações sociais e de governos pós Constituição Federal – CF 88. Essa mobilização ao longo das últimas décadas trouxe aos jovens a moratória social. Aprofundamos este debate ao analisar a vivência dos jovens numa paisagem fronteiriça entre Rio e São Paulo, no município que passa por um momento de dilapidação do emprego e consequentemente da economia baseada na construção naval e na logística de armazenamento e distribuição de petróleo afetadas pela política nacional e mercados mundiais. Para analisar os suportes ofertados aos jovens neste momento de rupturas construímos o conceito de moratória social descontínua que se materializa na fase de experimentações dos diversos jovens, num suporte desigual ofertado pelas ações do poder público, com a interrupção e descontinuidade de políticas importantes, verbas essenciais, programas, projetos e ações voltadas para a juventude. Os jovens do campo de pesquisa nos apontaram suas estratégias para continuar sua vivência nesse novo contexto.

Palavras chaves: Juventude, Moratória Social, Moratória Social Descontínua, Fronteiras e Políticas Públicas

ABSTRACT

This research is characterized by being a case study to understand the experience of the working student youth (youths from 18 to 29 years old) of Youth and Adult Education in High School - EJA-EM in Angra dos Reis territory, focusing on students do Ciep João Gregório Galindo in the neighborhood of Areal. We found that we are facing an invisibility of this age group from 18 years onwards that is not following the regular school flow, becoming evident the discontinuity of public policies that would help them to live their youth. The notion that all young people should be part of the political agenda through the implementation of public policies, had been consolidated in a new paradigm about youth as subjects of rights, through social mobilizations and governments after the Federal Constitution - CF 88. This mobilization over the past few decades has brought a social moratorium on young people. We deepened this debate by analyzing the experience of young people in a border landscape between Rio and São Paulo, in the city that is going through a time of dilapidation of employment and, consequently, of the economy based on shipbuilding and on the logistics of storage and distribution of oil affected by national policy. and world markets. In order to analyze the support offered to young people at this time of rupture, we built the concept of discontinuous social moratorium that materializes in the experimentation phase of different young people, in an unequal support offered by the actions of the public power, with the interruption and discontinuity of important policies, essential funds , programs, projects and actions aimed at youth. Young people in the research field pointed out their strategies for continuing their experience in this new context.

Keywords: Youth, Social Moratorium, Discontinuous Youth Moratorium, Borders and Public Policies

LISTA DE SIGLAS

CEB- Câmara de Educação Básica

CF- Constituição Federal

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNE- Conselho Nacional de Educação

CONJUVE - Conselho Nacional de Juventude.

CSN - Companhia Siderúrgica Nacional

EF- Ensino Fundamental;

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EJA- EM - Educação de Jovens e Adultos na etapa do Ensino Médio

EM- Ensino Médio

FUNDEB- Fundo de Valorização da Educação Básica

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

NEJA – Nova Educação de Jovens e Adultos

PMAR - Prefeitura Municipal de Angra dos Reis

PNAD- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

PROJOVEM - Programa Nacional de Inclusão de Jovens

SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação

SEC - Secretaria de Educação de Angra dos Reis

TEBIG - Terminal da Bahía da Ilha Grande

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Cidade fronteiriça entre os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.....	26
Mapa 2 – BR- 101 (Rio-Santos) fronteira entre habitações subnormais e mansões do município.....	27
Mapa 3 – O Areal e os bairros ao entorno.....	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – População de Angra dos Reis.....	29
Gráfico 2 – Variação de postos de trabalhos de 2010 a 2017 em Angra dos Reis.....	30
Gráfico 3 – Angra dos Reis (% das tipificações no total de roubos)	32
Gráfico 4 – Retrato da criminalidade.....	33
Gráfico 5 – Número de matrículas por etapa de escolaridade.....	37
Gráfico 6 – Sexo: mulheres e homens.....	60
Gráfico 7 – Cor e raça.....	61
Gráfico 8 – Idades.....	61
Gráfico 9 – Trabalho.....	62
Gráfico 10 – Trabalho 2.....	62
Gráfico 11 – Trabalho 3	63
Gráfico 12 – Local de Origem.....	64

TABELA

Tabela 1 – Série histórica de matrículas EM e EM/EJA 2013 -2017.....	38
---	-----------

IMAGEM

Imagem 1 - Palavras-chaves das entrevistas.....	69
--	-----------

LISTA DE ANEXOS

1.	Questionário reaplicado em 2019.....	97
2.	TCLE.....	100
3.	Carta de anuência.....	103
	Transcrição das entrevistas.....	104
4.	Lucas – O matador de mato.....	104
5.	Maycon – O migrante desempregado	107
6.	Ronny – O supervisor de uma clínica.....	115
7.	Antônia – A imigrante que só conta consigo mesma.....	119
8.	Mary – A jovem que nem estuda e nem trabalha	122
9.	Planilha de atividades físicas e esportivas realizadas no município de Angra.....	126

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
INTRODUÇÃO.....	18
1.Capítulo 1 Angra dos Reis - Território e fronteiras.....	26
1.1. Caracterização geral do município	26
1.2. A violência como fronteira	32
1.3. Políticas Públicas	33
1.4. Contrastes estruturais.....	35
1.5. Trabalho e renda.....	35
1.6. Educação	37
1.7. EJA – EM em Angra dos Reis	37
2.Capítulo 2 Juventude e moratória – os jovens e suas redes.....	40
2.1. O que estamos chamando de juventude? Direitos através da moratória social.....	40
2.2. Por que juventudes e não juventude?.....	41
2.3. Juventude como idade social – poder simbólico do termo.....	42
2.4. Juventudes: transição para a vida adulta com e sem moratória – moratória descontínua.....	45
2.5. Sujeitos de direitos.....	48
2.6. Os jovens também têm direito à EJA.....	49
2.7. Desigualdades no tratamento das juventudes – oferta de políticas públicas.....	50
2.8. Breve panorama da complexidade da combinação escola e trabalho	53
2.9. A democratização do acesso à escola para a(s) juventude (s).....	56
3. Os jovens da EJA-EM.....	58
3.1. O Ciep do Areal.....	58
3.2. Perfil dos estudantes	60
3.3. Trabalhar e estudar	62
3.4. Um mergulho qualitativo - análise das entrevistas com Lucas, Maycon, Ronny, Antônia e Mary.....	65
Procedimentos metodológicos.....	65
Apresentação das entrevistas – achados da pesquisa	69
Lucas - O matador de mato.....	70

Maycon - O migrante desempregado	72
Ronny - O supervisor de uma clínica.....	77
Antônia - A imigrante que só conta consigo mesma.....	78
Mary - A jovem que nem estuda e nem trabalha	80
3.4 - Síntese das entrevistas -Visão de juventude, composição escola com trabalho e suportes para a vivência da juventude.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94
ANEXOS.....	97

APRESENTAÇÃO

“Parto do pressuposto de que a proclamação de direitos, ainda que com o risco de que se tornem “letra morta”, sinaliza em direção ao direito e obrigação de lutar para que se efetivem, haja vista terem sido proclamados” Silva (2015)

A noção de que todos os jovens brasileiros devem ser atendidos em suas necessidades pelas políticas públicas está consolidada, mas na prática há formas desiguais de oferecer estas políticas a jovens de classes sociais e com capital social diferentes.

Vamos analisar a oferta de políticas públicas aos jovens da Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio - EJA-EM em Angra dos Reis e de maneira mais ampla como esses sujeitos vivem seu direito à juventude, a quais outros suportes, além da educação formal têm acesso, com quais redes de apoio contam nesse período de suas vidas.

Pesquisar sobre o direito de jovens estudantes trabalhadores da EJA-EM de viverem sua juventude no contexto em que estão, se mostra coerente com minhas inquietações profissionais sobre como os alunos da EJA vivem o processo educativo como caminho para aproveitar melhor as oportunidades de formação e desenvolvimento para a vida adulta.

Mostra-se coerente também com meu processo de formação de cidadania enquanto jovem na cidade de Volta Redonda, processo de formação que apresento de forma breve a seguir para apontar o quão fundamental foram as políticas públicas para a minha vivência de juventude e o quanto determinaram minhas escolhas profissionais e afetivas na vida adulta. Testo em primeiro lugar, minhas reflexões acadêmicas na minha própria vivência, ou seja, ter moratória social determina nossas experimentações na juventude e a abertura de possibilidades futuras.

Venho de uma cidade fundada recentemente, há apenas 65 anos, nela a incongruência entre direitos sociais e a realidade vivida estiveram presentes desde sua criação, classificada como área de segurança nacional, assim como Angra dos Reis no mesmo período, como nos aponta Santos (2003), a cidade de Volta Redonda foi fundada para abrigar o projeto governamental de criação da então estatal Companhia Siderúrgica Nacional - CSN e cresceu ao seu redor, tendo com ela uma relação ambígua, onde a dependência econômica e os danos ambientais e trabalhistas sempre estiveram em jogo.

Inicialmente composta por operários e suas famílias, vindos principalmente do estado de Minas Gerais e de outros estados do Brasil (IBGE), não oferecia infraestrutura para a

população que deu um salto de aproximadamente três mil habitantes quando deixou de ser distrito de Barra Mansa para trinta e cinco mil, dez anos depois, em 1950.

A cidade tem como marco histórico a luta por direitos num momento em que as leis trabalhistas ainda não estavam consolidadas na prática. Seguiram-se anos de lutas, greves e repressões em função da defesa dos direitos dos trabalhadores por melhores condições de trabalho, vida e segurança.

Os movimentos sociais da década de 90 com a reabertura política no Brasil foram decisivos para que vivêssemos um período de efervescência de discussões sobre cidadania, direitos humanos e política e criássemos redes de suporte para a vivência de nossa juventude. Venho desse chão, de lutas e defesa de direitos, onde muitos inclusive deram suas vidas, como os três operários da CSN: Carlos Augusto Barroso, de 19 anos, Valmir Freitas Monteiro, de 27 anos, e William Fernandes Leite, de 22 anos, em uma das greves por melhores condições de trabalho e salários mais violentamente combatidas em Volta Redonda.

Atuando junto à União Brasileira de Estudantes Secundaristas – UBES - participei de conversas, manifestações e atos sobre as pautas em disputa na cena política da cidade de Volta Redonda e no estado do Rio de Janeiro, em especial sobre o direito à mobilidade através da busca do passe livre para os estudantes no final da década de 90, além de protestos e passeatas que visavam garantir outros direitos.

Em função de todas as lutas por direitos realizadas ao longo de sua história, atualmente a cidade é considerada uma das primeiras cidades do estado fluminense em IDH - Índice de Desenvolvimento Humano de 0.771 (IBGE 2010), ficando atrás somente de Niterói e da capital, Rio de Janeiro, no Grande Rio, e de Rio das Ostras na Região dos Lagos.

Desde então, desenvolvi como valor pessoal, a noção de que a dignidade é traço intrínseco ao ser humano e que nem sempre ela é respeitada e que em muitos momentos se faz necessário a mobilização social para sua defesa. E o caminho para que o respeito a dignidade ocorra passa pela defesa de direitos na sociedade. Silva (2015) nos indica que é a defesa dos direitos proclamados e a luta pelos que ainda estão por serem conquistados, mesmo que esses sejam constringidos pela realidade e pelos interesses contrários à sua implementação dentro do jogo das disputas por pautas a serem privilegiadas é que garante que os interesses sociais sejam transformados em políticas públicas.

A implementação da EJA vem na esteira dos interesses sociais transformados em políticas públicas. Trabalho na modalidade desde os anos 2000 quando da sua implementação, inicialmente como docente na alfabetização de idosos em Volta Redonda, logo após através de concurso público em Angra dos Reis trabalhei ainda como docente na Ilha Grande na turma inicial na 1ª etapa ¹.

Este período, a partir de 2007, foi quando o governo municipal iniciou a oferta de vagas para a 1ª e 2ª etapas correspondente no município ao Ensino Fundamental, e em paralelo participei da organização curricular da modalidade que substituiu o Regular Noturno - RN para jovens e adultos. A oferta de vagas para a modalidade no Ensino Médio na cidade ocorreu a partir de 2013, trataremos desta oferta de forma detalhada no 1º capítulo desta dissertação.

Em todas essas experiências, são recorrentes questões relacionadas às dificuldades de acesso e permanência dos estudantes de periferia na educação formal, dificultados por política pública implementadas de maneira superficial e sem estrutura. Essas questões sempre estiveram presentes nas minhas reflexões sobre o cotidiano escolar e nas produções acadêmicas lidas e escritas por mim sobre a temática da EJA. Acesso, permanência ou desistência na EJA foi meu tema de pesquisa no trabalho de conclusão de curso – TCC na graduação.

Inspirada nas propostas pedagógicas de Paulo Freire, que eram naquele momento debatidas para o ensino de jovens e adultos, realizei com os alunos uma pesquisa sobre a história da Ilha Grande e do seu contexto naquele final dos anos 2000, o que nos levou a descobertas interessantes sobre a cultura e economia caiçaras, como por exemplo o fato de terem construído mais de 20 fábricas de sardinha nas diversas praias da ilha, outra descoberta importante foi sobre o tráfico de escravos para o Rio de Janeiro e São Paulo, ter na Ilha Grande um dos seus portos principais.

Descobrimos ainda, através de livros sobre a ilha e relatos e entrevistas de moradores antigos, como eram as relações de trabalho e moradia dos habitantes no período em que o presídio de Dois Rios estava ativo, e que depois de seu fechamento é que de fato a Ilha como destino turístico se tornou fonte de renda e de como os jovens se caracterizaram como a maior parte da mão de obra para a construção da Rio-Santos.

Todas essas situações nos levaram a perceber que, à sua maneira, as relações de trabalho envolveram ao logo da história da cidade e da Ilha Grande situações tensas e essenciais para o

¹ Correspondente aos Anos Iniciais (do 1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental.

desenvolvimento local o que a pesquisa atual reafirma ao tratar das situações de trabalho em especial as que envolvem os estudantes da EJA-EM.

Trabalhar na EJA naquele momento me fez olhar para a história daquele lugar e conhecer o que havia de influência da cidade no contexto nacional desde sua ocupação pelos portugueses até aquele momento transformando esse resgate histórico sobre a cultura, economia e trabalho local em material de alfabetização e produção de conhecimento pelos alunos.

As descobertas que fizemos me sensibilizaram para as potencialidades, riquezas e problemáticas vividas pelas pessoas no município, que possui uma diversidade de culturas que convivem desde sua formação (povos caiçara, indígena e quilombola, imigrantes da capital do estado e de estados principalmente do Nordeste e de outros países, como Argentina e Alemanha), uma cidade essencialmente conectada com o Brasil e com outros países a partir da Ilha Grande inicialmente.

A questão da migração se apresentava de forma expressiva no sistema educacional da cidade. Dados sobre as matrículas gerais das etapas de ensino e específicas da modalidade EJA no ano de 2016 coletadas sobre a cidade³, nos apontam que os imigrantes chegam predominantemente da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, do sul do estado e do Nordeste, esses dados que serão detalhados ainda no primeiro capítulo ao tratarmos do campo de pesquisa, apontam a tendência do município de absorver pessoas para postos de trabalho em sua maioria sazonais de acordo com as demandas por turismo e construções navais.

Depois desta experiência trabalhei como supervisora educacional no continente também em Angra dos Reis, com as turmas de 1ª e 2ª etapas da EJA, acompanhando o processo de juvenilização⁴ principalmente da 2ª etapa (do 6º ao 9º ano).

³ Dados coletados do Sistema de informações e estatísticas da Secretaria Municipal de Educação em: sectonline.com.br.

⁴ Estamos utilizando aqui o conceito de juvenilização da EJA abordado por Duarte(2019) como o processo que leva para a modalidade EJA os jovens pobres que já passaram por uma série de processos de escolarização (Peregrino2012p. 12 apud Duarte2019) fragmentados, com repetências, renitências, analfabetismo mesmo com anos de escolaridade, fracassos e desqualificação, desenraizamento institucional, entre outros, vividos numa escola desigual. Esses processos se dão de tal forma que temos acompanhado a chegada de alunos cada vez mais jovens e escolarizados na modalidade.

Depois desta experiência trabalhei como supervisora educacional no continente também em Angra dos Reis, com as turmas de 1ª e 2ª etapas da EJA, acompanhando o processo de juvenilização⁵ principalmente da 2ª etapa (do 6º ao 9º ano).

A chegada maciça dos jovens com idades principalmente entre 15 e 17 anos que não estavam vinculados ao mundo do trabalho, causou na modalidade voltada até aquele momento para trabalhadores, novas questões e conflitos, pois estavam indo para a EJA jovens alunos, que já não se enquadravam nas regras estabelecidas no sistema regular de ensino diurno e que estavam com distorção de idade e ano de escolaridade desejável⁶ em que estivessem. Esses alunos, desta forma estavam sendo reinseridos (De La Fare 2015) no sistema escolar em um ambiente onde a convivência com os adultos criou diversos conflitos intergeracionais, agregando a EJA novas questões e características em seu grupo de alunos.

Essas experiências fizeram do jovem, aluno da modalidade, objeto das minhas reflexões acadêmicas, na busca de compreender sua relação com o espaço escolar e o mundo do trabalho de modo geral e em especial na EJA, além de buscar compreender o quanto as políticas públicas o influenciam neste contexto, fazendo-me pensar em meu próprio percurso, reconhecendo o valor decisivo de políticas públicas ao longo de toda minha trajetória escolar e profissional (passe livre, escola e universidade públicas de qualidade, concursos públicos, a EJA, os projetos pedagógicos, as pesquisas acadêmicas), descritas brevemente nesta apresentação.

Os direitos sociais transformados em políticas públicas a partir da CF 88 através das pressões e movimentos sociais das décadas de 90 e início dos anos 2000, foram essenciais para ampliar os horizontes, o campo de possibilidades e efetivamente as escolhas da geração de jovens daquele contexto histórico no qual me incluo e para inspirar toda uma parcela da sociedade a acreditar na importância e necessidade da mobilização social para o exercício do direito à juventude.

⁵ Estamos utilizando aqui o conceito de juvenilização da EJA abordado por Duarte(2019) como o processo que leva para a modalidade EJA os jovens pobres que já passaram por uma série de processos de escolarização (Peregrino2012p. 12 apud Duarte2019) fragmentados, com repetências, renitências, analfabetismo mesmo com anos de escolaridade, fracassos e desqualificação, desenraizamento institucional, entre outros, vividos numa escola desigual. Esses processos se dão de tal forma que temos acompanhado a chegada de alunos cada vez mais jovens e escolarizados na modalidade.

⁶ As próximas citações quando se tratar da disparidade entre a idade dos alunos e o ano ou etapa de escolaridade em que deveriam estar cursando definidos pela legislação em vigor (LDBEN, pareceres do CNE entre outros) serão descritas apenas com o termo “defasagem escolar”. Tomamos esse caminho apenas para manter um parâmetro em relação ao que essa legislação define como as idades para o fim do processo de alfabetização, para o fim do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, mas lembramos que essas definições ainda são objeto de debate.

Ao resgatar a história da mobilização social em volta da juventude desse período, buscamos apontar os passos que a sociedade brasileira deu para que nas décadas seguintes se consolidassem a noção de que os jovens devem fazer parte da agenda política através da implementação de políticas públicas que lhes garantam moratória social.

A mobilização social de fato construiu um novo paradigma sobre a juventude como sujeito de direitos que será a tônica da agenda governamental na década de 2000 até meados da década de 2010.

Os aprendizados pessoais, profissionais e acadêmicos ao longo da minha trajetória pessoal motivou as questões que serão aqui tratadas e nos motivaram a formular a pesquisa: Estudantes trabalhadores do Ensino Médio - EJA de Angra dos Reis: como vivem seu direito à juventude? Que descrevemos a seguir.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se caracteriza por ser um estudo de caso da situação atual da juventude estudante trabalhadora da EJA / EM em Angra dos Reis, tomando como ponto de partida os alunos do Ciep 055 – João Gregório Galindo localizado no Areal, um dos bairros da periferia da cidade onde a violência cresceu nos últimos cinco anos. Vale ressaltar que o bairro abriga o único colégio de E.M. da região, sendo espaço estratégico recebe estudantes de diversos bairros do seu entorno.

Segundo Goldenberg (2011), o estudo de caso se transformou em uma das principais modalidades de pesquisa qualitativa, onde se estuda em profundidade e de maneira holística uma unidade social (indivíduo, família, grupo, instituição). Este método reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa para então ver recorrências, fazer comparações para então chegarmos às generalizações próprias das ciências, ou como nos apontam as reflexões de Bourdieu (1989) o método comparativo nos permite pensar um caso particular constituído como um caso particular do possível.

Com o passar das décadas houve uma mudança no olhar da sociedade sobre a juventude no contexto das políticas públicas, num primeiro momento era vista como problema social, como nos aponta Krauskopf(2003) mais tarde junto com o aprofundamento das reflexões em algumas linhas de pesquisa sobre essa temática os jovens passaram de meros expectadores da formulação de políticas voltadas para eles a atuantes em todo o processo e dentro dessas correntes teóricas passaram também a ser vistos como sujeito de direitos para os quais a políticas públicas devem se voltar.

Para analisar esse contexto usaremos neste trabalho a noção de política pública trazida por Ruas (2008).

“As políticas públicas são respostas que não ocorrerão a menos que haja uma provocação. Em linguagem mais especializada, as políticas públicas se destinam a solucionar problemas políticos, que são as demandas que lograram ser incluídas na agenda governamental. Enquanto essa inclusão não ocorre, o que se tem são ‘estados de coisas’: situações mais ou menos prolongadas de incômodo, injustiça, insatisfação ou perigo que atingem grupos mais ou menos amplos da sociedade sem, todavia, chegar a compor a agenda governamental ou mobilizar as autoridades políticas.” (RUAS, 2008, pág.731)

Temos como princípios que nortearam a criação dos marcos legais sobre juventude em relação as políticas públicas as noções de que elas deveriam: combinar mecanismos de proteção social; criar expedientes redistributivos indispensáveis em um contexto em que predominam

situações de exclusão juvenil e incentivar as ações que gerem oportunidades de inserção profissional, societária e cultural e incentivar a participação dos jovens

Do particular ao geral – o território da cidade de Angra dos Reis e as condições sócio-históricas da pesquisa.

A análise inicial dos dados do questionário survey para a pesquisa Escola Trabalho e Território⁷ quando da sua aplicação para os alunos da EJA – EM nas escolas CEAV e Ciep 055 no Areal em 2016⁸, nos fez perceber que parte da juventude da cidade de Angra dos Reis não apontava a utilização de políticas públicas em seu cotidiano. Esta análise também é parte do que nos motivou a realizar o atual estudo de caso com os alunos da EJA - EM nesta cidade e em particular com os alunos do Ciep do Areal, área de periferia que segundo Monteiro (2018) é um dos quinze bairros onde a violência cresceu nos últimos dez anos e as políticas públicas seriam essenciais para oferecer o suporte do poder público aos jovens.

Goldenberg (2011) traz um alerta sobre a pretensão da neutralidade das pesquisas quantitativas, apontando que sua padronização traz a ilusão de que questões formalmente idênticas tenham o mesmo significado para todos os pesquisados e pesquisadores. Para esta pesquisa, levando em consideração este alerta, serão utilizados os métodos quantitativos para nos indicar tendências relevantes para então através de entrevistas e interpretações analíticas voltarmos nosso olhar para as características, identidade e vivência dos pesquisados do campo de estudo, ou seja, os alunos, o bairro, o colégio e a cidade.

Julião (2019) nos aponta a importância dos estudos sobre a EJA e seus integrantes no Diagnóstico da EJA na Costa Verde:

Quando refletimos sobre a educação para jovens e adultos no Brasil, várias questões emergem nesta discussão, principalmente as que envolvem o campo das políticas sociais. É considerado como um tema ainda extremamente relevante e de pouco interesse de estudiosos das diversas áreas do conhecimento, está ainda muito restrito ao campo educação. Geralmente os estudos enfrentam o debate dialogando com

⁷ Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Rio de Janeiro –UNIRIO: Escola, Trabalho e Território: elementos para a compreensão dos modos de transição para a vida adulta de jovens em defasagem escolar no Rio de Janeiro iniciado em 2013 sob a coordenação: Prof.^a Doutora Mônica Dias Peregrino Ferreira. Em 2016 um recorte do Survey inicial foi aplicado em Duque de Caxias, São Gonçalo e Angra dos Reis., fazendo parte da expansão da pesquisa.

⁸ Fui convidada para participar da aplicação do questionário citado em 2016, como voluntária por um membro do Grupo de pesquisa JETT – Juventude, Escola, Trabalho e Território da UNIRIO onde a pesquisa da nota anterior foi realizada e me interessando pela temática participei da aplicação e acabei me envolvendo com o grupo de pesquisa do qual passei a fazer parte no ano seguinte (2017).

questões das áreas de ciências humanas e sociais, principalmente sobre divisão de classes, divisão racial, desemprego, mercado de trabalho, pobreza, desigualdade social, exclusão social, direitos humanos, políticas para juventude, gênero, geração, educação popular, dentre outras. (JULIÃO et al., 2017 p.12).

Essas questões trazidas por Julião, que emergem nos estudos sobre a EJA foram debatidas por nós com o auxílio de uma revisão bibliográfica, também através do levantamento da conjuntura sócio-histórica do município de Angra dos Reis e do aprofundamento qualitativo sobre as histórias de vida dos alunos pesquisados, cada um desses três aspectos metodológicos comporá um dos capítulos aqui desenvolvidos.

Inicialmente fizemos uma revisão bibliográfica com os autores das temáticas sobre Juventude, Moratória social, Fronteiras, Direitos da juventude, e desigualdades sociais. Nos ajudaram neste contexto os estudos de Adalberto Cardoso (2008), Pierre Bourdieu (1983), (2008), Felícia Madeira (2006), Elionaldo Julião (2017) Mônica Peregrino (2016) (2014) (2010), Margulis e Urresti (1996), Mezzadra e Nielson (2017) e Regina Novaes (2011) e a partir dessas reflexões e dos achados no campo de pesquisa, desenvolvemos o conceito de moratória social descontínua que nos ajudará a refletir sobre todos os aspectos levantados nos três capítulos.

Como parte exploratória inicial deste estudo, foram escolhidas e aplicadas no ano de 2019, treze questões (Anexo 1) tiradas do questionário survey “Jovens Fora de Série” do qual participamos da aplicação integral no ano de 2016 (nota de rodapé número 4). As questões que se referiam ao perfil dos alunos (idade, sexo, cor, local de origem), as relações com o mundo do trabalho e educação, esta etapa teve como objetivo dar visibilidade ao uso de políticas públicas em seu cotidiano, em especial, nos campos de educação e trabalho.

O survey foi aplicado pessoalmente por mim, nas turmas das 4 fases da EJA – EM no Ciep do Areal, onde foram respondidos 47 questionários pelos presentes na aula do dia da aplicação de um total de 92 alunos matriculados na modalidade naquele ano.

Para obter mais algumas informações relevantes e específicas sobre os alunos participantes fizemos individualmente algumas perguntas pertinentes sobre alguns pontos do questionário quando do seu recolhimento. Perguntas como “Você pode nos contar em que emprego está no momento?” ou “Você pode nos contar porque não está procurando trabalho atualmente?” foram feitas a partir das respostas padrão que deram.

Informações coletadas reafirmam a questão já apontada quando da aplicação do questionário completo em 2016: os jovens não indicam participar ou ter participado de programas e projetos governamentais. Do total de alunos que responderam ao questionário, 71% apontaram nunca ter participado de programas e projetos federais que poderiam lhes dar suporte para a transição para a vida adulta em aspectos ligados à escola, a qualificação e o mundo do trabalho. Sendo que os outros 29% apontaram apenas o Bolsa Família como programa de que já fizeram ou ainda fazem parte, ou seja, mesmo os que utilizam, não acessam ou acessaram política pública direcionadas de forma específica para a sua faixa etária e condição sociocultural.

Como sequência desta etapa foi feita uma análise do perfil dos alunos e depois em continuidade, num mergulho qualitativo, a pesquisa traz os resultados de entrevistas analisadas com o método da compreensão proposto por Bourdieu (2008).

Através de pesquisa documental nos sites oficiais da Prefeitura Municipal de Angra dos Reis e na Seeduc, e em conversa com os gestores da Coordenadoria de Juventude Municipal constatamos que esta possui ações, programas e eventos realizados para a juventude da cidade mas que não são direcionados ou pensados levando em consideração as especificidades do público da EJA – EM, ou seja, para jovens de dezoito anos ou mais em defasagem escolar, com histórico de abandonos da escolarização em função de empregos precários e que não lhes possibilita conciliar com a escola não foi verificado um plano de ação do governo local. Daí, poderíamos pensar que não temos campo para responder os questionamentos levantados ou mesmo que a resposta inicial negativa, ou seja, o fato de não haver políticas públicas específicas para esta parcela da juventude ou ainda o fato de não conhecerem ou ter acesso a políticas públicas encerrariam a viabilidade da pesquisa.

Porém vendo por outro ângulo, quando trazemos para este debate as questões sobre as desigualdades sociais brasileiras que, na fase de experimentações dos jovens, se materializam em facilidades ou dificuldades de acesso as experimentações no mundo do trabalho, nos espaços e equipamentos culturais e de esporte e lazer para citar alguns, temos uma pista para o fato desta realidade se apresentar dessa maneira.

Posto que para a população jovem caracterizada pelos estudantes da EJA EM não haver políticas públicas voltadas para suas especificidades, mas haver no município ações voltadas para outras juventudes, como o transporte para as universidades fora do município, o estágio nas secretarias municipais para universitários, o jovem aprendiz para os adolescentes, podemos

nos perguntar se estamos diante de uma invisibilidade desta faixa etária de 18 anos em diante que não está seguindo o fluxo escolar regular. Estes alunos estariam excluídos do acesso ao suporte de políticas públicas para viver seu direito à juventude?

Para enfrentar esse debate tomamos as reflexões de Peregrino (2010, 2017) quando aponta que a expansão do acesso da população ao sistema escolar a partir da década de 90, atenua os mecanismos de exclusão, mas que a instituição escola, com novos contornos continua a selecionar, segregar e marginalizar conjuntos da população de educandos, produzindo uma estratificação escolar mais complexa, onde continuam a acontecer trajetórias escolares desiguais.

No caso dos alunos do EM que sequer são contemplados por políticas públicas que levem em conta suas necessidades específicas, esta estadia na EJA não fala apenas do processo de escolarização, mas também da forma como esses sujeitos que a compõem são vistos socialmente, também como margem da sociedade, figurando pouco nas políticas públicas, quase não são alvo destas. Mas o que de fato seriam estes suportes dados a juventude? Vamos explorar os conceitos de moratória, moratória social percebendo suas descontinuidades na prática de implementações das políticas públicas.

Moratória

No segundo capítulo vamos trabalhar com o conceito de moratória social, tomada como lente de aumento, como medida para melhor analisar a distribuição desigual dos direitos relativos ao uso da condição juvenil, esta análise nos ampliará a visão do campo de pesquisa.

O conceito de moratória é termo advindo da economia, sendo ressignificado inicialmente nas ciências humanas como base para importantes reflexões sobre juventude para autores como Eric Erickson, na psicologia, permitindo-o estudar fenômenos do desenvolvimento individual, é utilizado para explicar como indivíduos jovens confusos com seus papéis e identidade entre a infância e a vida adulta têm um tempo dedicado à “renovação do eu” (Peregrino 2019) e na sociologia por Margulis e Urresti, que o utilizaram para compreender melhor as relações sociais entre gerações. Com viés completamente diferentes (na psicologia para estudar o eu e na sociologia para repensar as relações sociais e geracionais) o termo nos ajuda a compreender elementos de como é feita a transição da adolescência para a vida adulta, ou seja, como se vive a juventude.

Este conceito da forma como é utilizado na sociologia será base para as reflexões do campo desta pesquisa, nos permitindo entender em que medida a moratória social é dada aos jovens das classes populares na cidade de Angra dos Reis, assim vamos poder analisar se estes indivíduos podem contar com as políticas públicas para viver sua juventude.

Moratória vital e social

Margulis e Urresti (1996) redefinem o conceito de moratória carregando-o de sentidos relativos as funções simbólicas dadas a este tempo extra no ambiente social, período que eles definem como de Moratória Social, ou seja um tempo extra ofertado pelas sociedades e governos, através de investimentos para que jovens de classes média e alta pudessem adiar responsabilidades com família e trabalho, propiciando a eles espaço alargado de tempo para a formação e para postergar o casamento e ter filhos.

Os autores trazem ainda o conceito de Moratória Vital que é o crédito de base biológica, o impulso energético corporal da juventude partilhada por todos os jovens indistintamente diferente da moratória social que é um crédito dado de maneira controlada e intencional pela sociedade e governos

Este crédito temporal para experimentações, hoje pretensamente democratizado para todos os jovens de todas as classes sociais se materializa em ações que garantem mobilidade, ajudas de custo, tempo dedicado exclusivamente para os estudos e qualificação profissional, tempo livre, entre outros suportes. Estas ações são investimentos que a sociedade e governos fazem na formação, na qualificação e nas experimentações de um modo geral que a juventude vivencia.

Dizemos pretensamente democratizado devido ao fato de ser este crédito, ou seja, a moratória social distribuída de maneira desigual para os jovens, dependendo de sua classe social, sua cor e gênero, o que nos faz retomar as reflexões de Margulis e Urresti sobre as distinções da moratória vital e social e desta última ser oferecida apenas a certos grupos sociais.

Ao analisar as políticas públicas que são oferecidas no município de Angra dos Reis, fica evidente que esta moratória é dada de maneira desigual aos jovens quanto mais estão em defasagem escolar. A juventude da EJA – E.M., que geralmente, deveria estar cursando a universidade, não aponta contar com o poder público para o exercício da sua condição juvenil, nem mesmo com as políticas públicas estaduais e federais a que tem direito.

Violência

Ponto importante sobre a vivência de juventude atualmente diz respeito a violência e no que se refere aos jovens pobres de periferia estes números são alarmantes: jovens negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no país, ou seja, são 48% desse total, segundo dados do Atlas da violência (2017). A estimativa, para 2018 é que dos 10% da população mais exposta a homicídios, os que são mais vulneráveis sejam os jovens pretos e pardos das periferias, que do total dos 10% somam 78,9% das vítimas. Violência esta que na cidade de Angra dos Reis vem crescendo de forma alarmante.

Ao analisar dados como esses Arroyo (2015) aponta que atualmente, os jovens e adolescentes são segregados pela criminalização e injustiças, até mesmo dentro do sistema escolar; quando na verdade são fruto das profundas desigualdades sociais e econômicas que marcam nosso país e neste ponto ele nos lança uma questão: "Em que tempo estamos na garantia do direito à educação das crianças, dos adolescentes, jovens adultos trabalhadores, pobres, negros, indígenas, quilombolas, das periferias e dos campos?". Ao analisarmos a vivência dos jovens na cidade de Angra dos Reis no período de 2015 a 2000 nos capítulos um e três vemos essa questão muito presente e sobre ela refletimos.

A presente dissertação está dividida em três capítulos sendo o primeiro para tratar do território em que os jovens da pesquisa vivem e são atravessados por dinâmicas sociais, políticas e econômicas que vão além de seus interesses pessoais, mas que têm papel determinantes em suas possibilidades de vivência da juventude, tratamos neste capítulo sobre o município de Angra dos Reis. Fizemos a opção epistemológica de trabalhar com o conceito de fronteira e suas características ligadas a elasticidade do território onde, a fronteira é mais um fator regulador dos fluxos de pessoas, mercadorias e capitais do que barreiras intransponíveis. Tomamos as fronteiras físicas e sociais que a cidade tem como mirante de onde se analisa a violência, a exclusão, a inclusão diferencial, a migração e a regulação do trabalho, elementos constitutivos de toda fronteira e que estão fortemente marcando a dinâmica da cidade atualmente.

O segundo capítulo traz uma revisão bibliográfica sobre conceitos fundamentais para o entendimento do campo de pesquisa, tratamos nele em diálogo com os pesquisadores já citados as temáticas da juventude, moratória social, como os jovens passaram a figurar como sujeitos de direitos em políticas públicas e como a partir daí a moratória social passou a fazer parte do cotidiano dos jovens de classes populares, o que nos fez extrapolar o termo e refletir sobre

como a moratória atualmente se apresenta para esta parte da população, ou seja, ela está presente em suas vidas mas de maneira descontínua, com interrupções e fragmentações em sua oferta.

O terceiro capítulo traz um retrato da realidade dos alunos do Ciep do Areal e em particular dos cinco jovens entrevistados onde as reflexões do capítulo anterior ganham materialidade, rostos e são postas a prova. Neste capítulo a moratória descontínua, conceito que estamos desenvolvendo para nos auxiliar na leitura do campo de pesquisa, se apresenta de maneira clara nas revelações trazidas por esses jovens, nele percebemos também toda a violência, problemas relativos ao mundo do trabalho e as oportunidades oferecidas e negadas aos jovens da periferia da cidade de Angra dos Reis

Nas considerações finais faremos um resgate dos objetivos de cada capítulo e uma síntese de como esses objetivos foram alcançados ou não através das reflexões que foram possíveis ser feitas e quais foram achados da pesquisa bem como as questões que suscitou e que ainda merecem ser melhor desenvolvidas e pesquisadas.

Passamos agora a análise do território em que a pesquisa acontece.

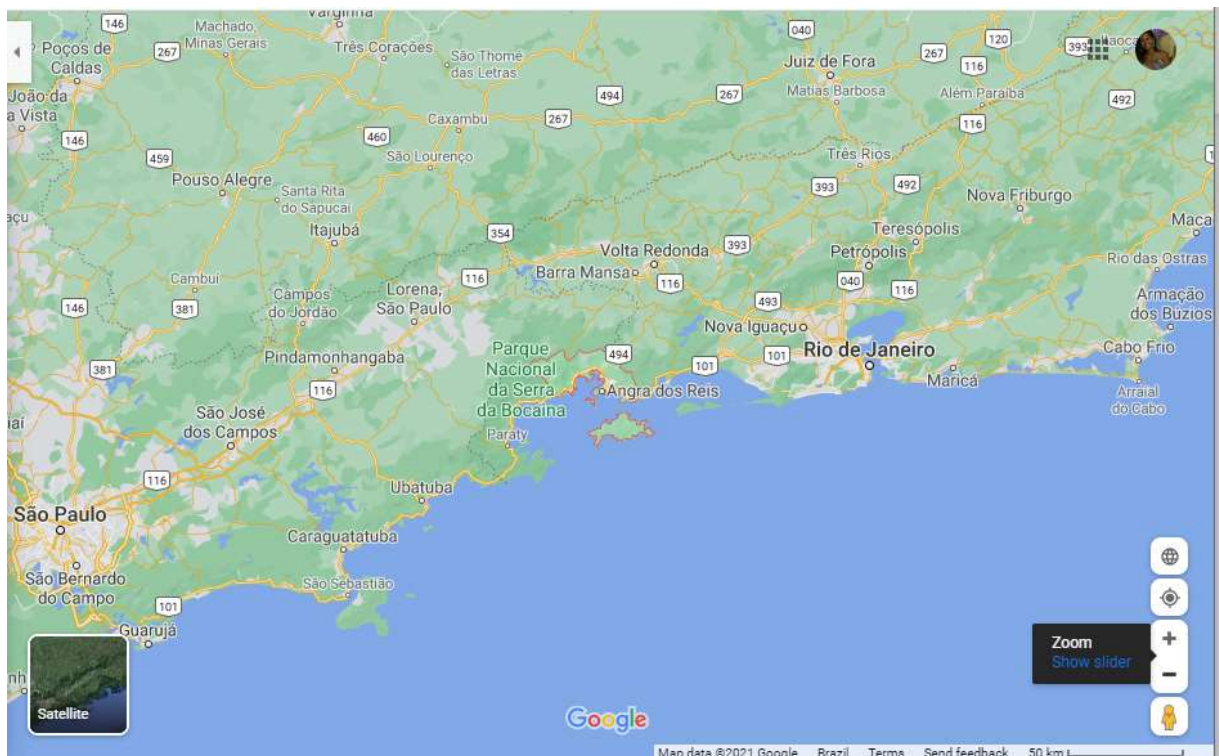
Capítulo 1 Angra – Território e fronteiras

1.1- Caracterização geral do município

Este capítulo traz como objetivo investigar as mudanças operadas em Angra nos últimos anos, qual o impacto delas sobre a vida dos moradores em geral e da juventude/dos jovens? O objetivo é desenhar esse contexto, levar a entender melhor esse território.

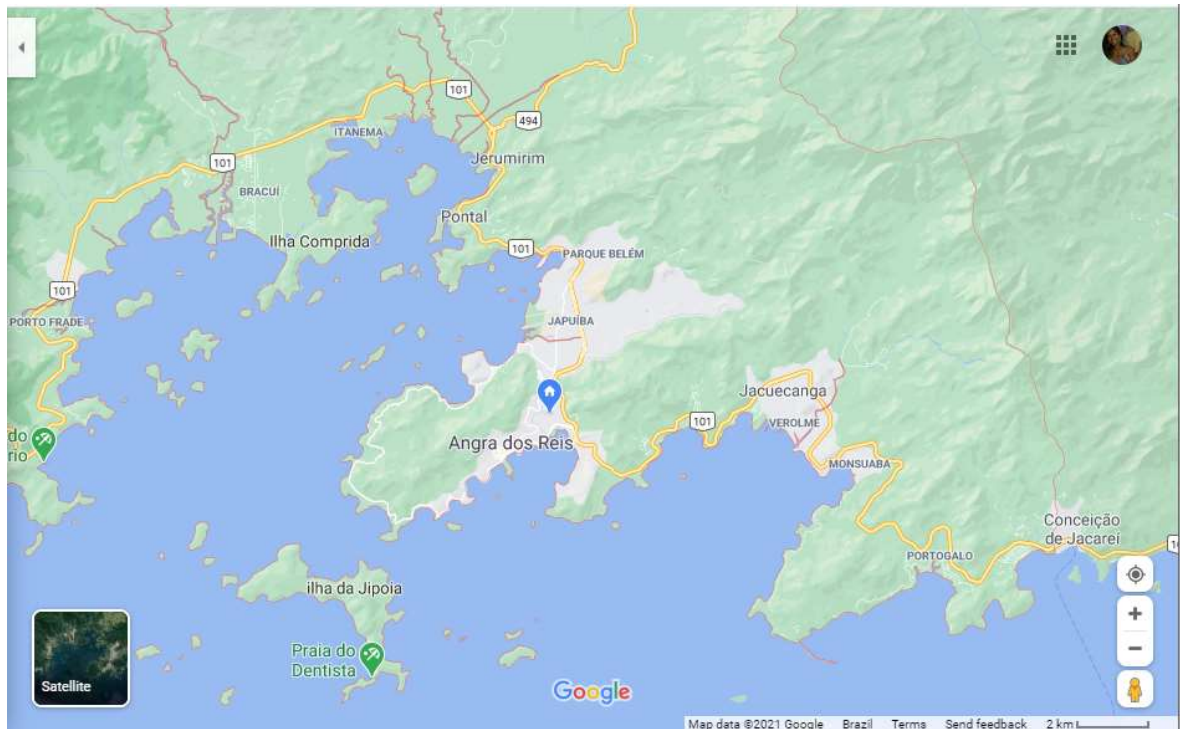
Para isso começamos situando os pontos chaves da cidade em mapas:

Mapa 1 - Cidade fronteiriça entre os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.



Fonte: Google Maps.

Mapa 2 - BR- 101 (Rio-Santos) fronteira entre habitações subnormais e mansões do município.



Fonte: Google Maps.

A seguinte descrição nos ajuda na caracterização da cidade:

Típica e centenária cidade do litoral sul-fluminense, como o próprio título diz, “de tantos reis e rainhas”, cheia de histórias e de tradições culturais, não foge à regra das principais cidades brasileiras. É repleta de diversidades e contradições, mesclando tradições e modernidade, reunindo em um mesmo universo uma riqueza de matizes socioeconômica e cultural. Lá, convivem no mesmo espaço o urbano e o rural, o campo e a cidade, empresas de alta tecnologia (como usinas nucleares, importantes estaleiros e petroquímicas) e economias ainda tradicionalmente familiares cuja base é a pesca, a plantação e a criação de pequenos animais. Turistas de toda parte do mundo se misturam à indivíduos remanescentes de quilombo, de indígenas e caiçaras com suas diversas técnicas consideradas “ainda rudimentares de sobrevivência” e de relação com a natureza. (CARRANO, 1999, p.20)

Essas contradições expressas por Carrano (1999) nos trazem para as questões da cidade entre os anos de 2015 a 2020, onde se concentra a área de interesse da pesquisa, utilizamos algumas opções metodológicas para traçar esse caminho, a primeira delas é utilizar o conceito de fronteira, como ferramenta de análise da realidade como nos propõe os autores citados a partir de vários aspectos descritos por eles e que passamos a utilizar para compreender a configuração atual do território da cidade conflagrado pela violência crescente, comungamos com a visão de que sua complexidade vai além de muros e delimitações formais de territórios nacionais como refletem MEZZADRA E NEILSON(2017)

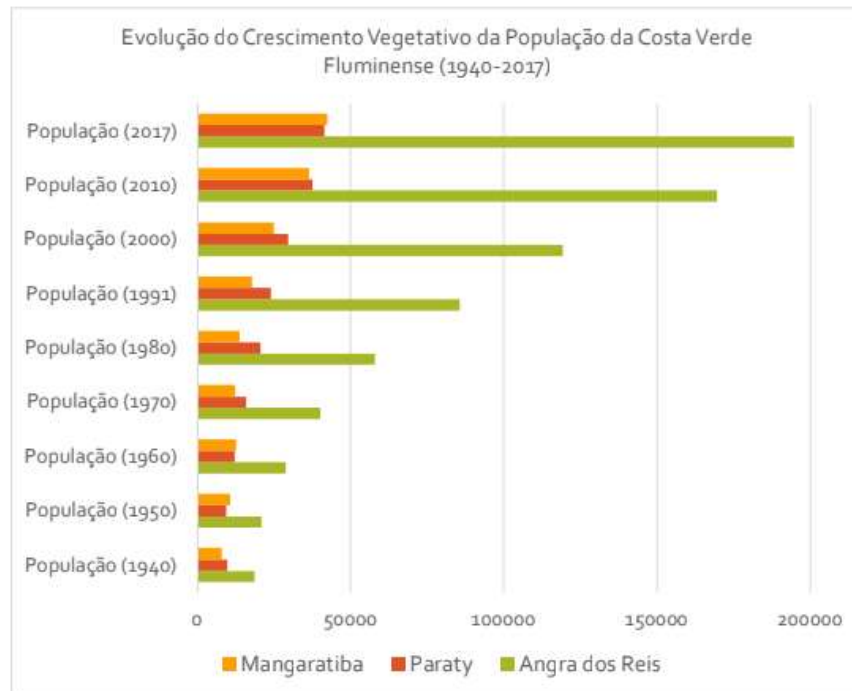
Angra possui importância nacional ao longo vários momentos históricos-chaves, principalmente na cena de trabalho nacional, com a construção das usinas nucleares, a inauguração do estaleiro Verolme e a construção da BR101, estrada que liga a capital do estado do Rio de Janeiro ao litoral paulista obras feitas em função do modelo desenvolvimentista do governo brasileiro ao longo das décadas de suas construções. (IBGE 2019).

Como nos descreve:

Dois setores são particularmente importantes para a configuração regional atual e sua articulação com os centros metropolitanos. O primeiro pode ser identificado pela presença de indústrias ligadas ao setor energético e naval e parte de sua cadeia produtiva. A entrada de tais agentes e suas imponentes estruturas causou um grande fluxo de trabalhadores, reorganizando a ocupação do território dos municípios e intensificando as demandas sobre as municipalidades, especialmente a partir dos anos 1950, junto com a construção da rodovia BR-101 e a aceleração dos fluxos inter-regionais. O segundo setor que teve acelerado crescimento a partir da década de 1970 foi o turismo, auxiliado pela implementação do Projeto Turis e incentivado regionalmente pela promoção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O modelo de turismo vinculado aos resorts e áreas de lazer exclusivas para a elite das metrópoles nacionais do Rio de Janeiro e São Paulo se beneficiou dos arrendamentos e grilagens dos anos anteriores e ocupou a face litorânea da BR-101, construindo diversos enclaves ao longo da costa verde fluminense. Os dois setores construíram porções fechadas e voltadas para contextos externos à dinâmica tradicional da região, desenvolvendo conflitos com a população local ao longo dos últimos quarenta anos.

A cidade atrai um número grande e sazonal de mão de obra, tendo o crescimento da sua população mais que dobrado em 50 anos sem um planejamento urbano que o acompanhasse o que foi decisivo para o aumento dos aglomerados subnormais atualmente visto na cidade.

Gráfico 1 População de Angra dos Reis



Fonte: IBGE, 2016 In: Relatório final do diagnóstico de segurança pública e social do município de Angra dos Reis (2018)

Segundo o Censo de 2010, Angra dos Reis era a 3ª cidade do Estado com maior número de pessoas vivendo em aglomerados subnormais, perfazendo um total de 37 conjuntos com uma população de 60.000 pessoas ou seja 34,2 da população (10º lugar entre as cidades brasileiras), o que mais uma vez nos remete as profundas desigualdades inscritas nesta cidade, os números contabilizam os impactos da pandemia deverão ser ainda mais críticos.

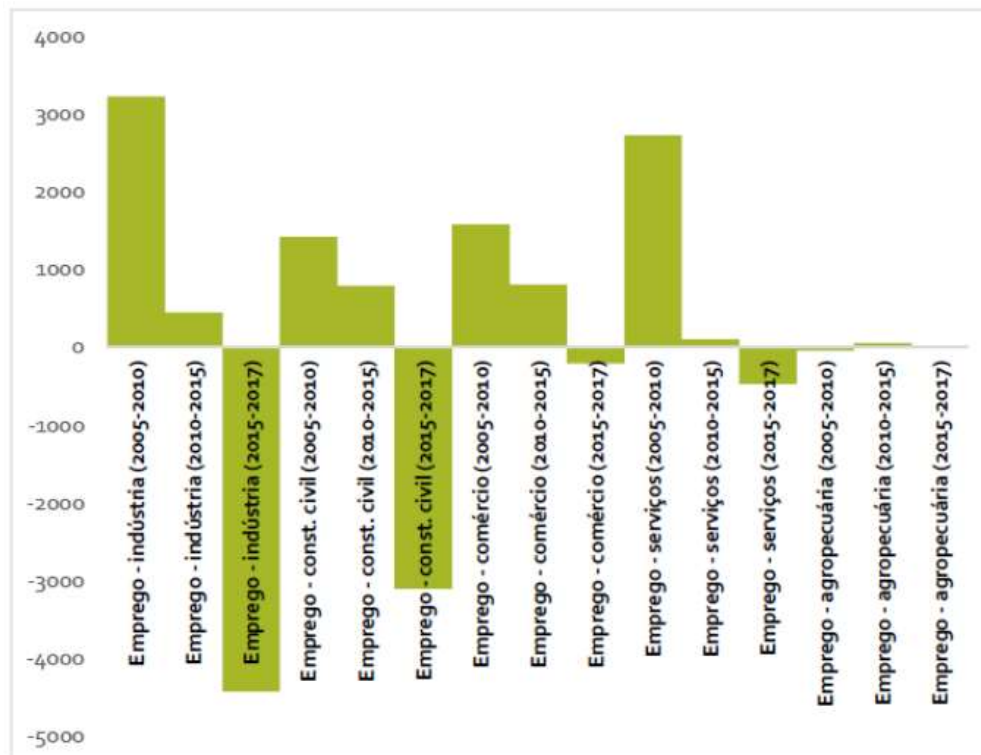
Entendendo que é neste contexto sócio-histórico que a juventude pesquisada vive e que para a compreensão de sua história torna-se fundamental analisar tal espaço com os atravessamentos que este lhes impõe com toda influência no seu cotidiano e na sua transição para a vida adulta.

Para MEZZADRA E NEILSON (2017), longe de se encerrar na força simbólica do muro de concreto, das barricadas e paramentos militares, ícones das fronteiras, essas devem ser vistas em sua complexidade, como espaços cuidadosamente afiados para administrar, calibrar e governar o trânsito de pessoas, dinheiro e mercadorias. Para além de espaços de barragem de pessoas entre nações, elas são criadas, administradas e encerradas de acordo com as necessidades das várias esferas de governo em seus territórios e com a influência decisiva dos mercados globais.

Fazem uma distinção importante, ao dizer que as fronteiras dos mercados globais (financeiros e outros) e dos estados-nações podem ou não coincidir, estar alinhadas ou ir de encontro, provocando assim inúmeras crises e violências, ressaltam ainda que essas interações estão criando a realidade a que se destinam limitar de acordo com os interesses desses sujeitos mencionados.

Neste ponto podemos trazer para a análise a situação dos empregos na cidade, atualmente muito mais regulada pelos interesses do capitalismo do que pelas necessidades brasileiras e em especial das necessidades da cidade. Quando a crise econômica mundial atingiu com maior intensidade a economia brasileira, entre os 2015 a 2017, tivemos nesse último ano citado entre uma série de projetos de desmonte da economia nacional, novas normativas do então presidente da república que eliminaram a obrigatoriedade da contratação de empresas sediadas no Brasil para a produção de plataformas petrolíferas para atendimento às necessidades da Petrobrás, a empresa Kepel responsável pelo estaleiro Verolme a principal indústria com postos de trabalho no município, na época, iniciou uma série de demissões em massa que alinhou a cidade a um bolsão de desemprego na indústria naval e com efeito cascata levou o desemprego para todos os outros setores do mercado de trabalho do município. Como nos confirma o Gráfico 1, que trata da variação dos postos de trabalhos de 2010 a 2017 na cidade.

Gráfico 1 - Variação dos postos de trabalhos de 2010 a 2017 em Angra dos Reis



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego In: Relatório final do diagnóstico de segurança pública e social do município de Angra dos Reis (2018)

Aliado a esta conjuntura temos a diminuição dos postos de trabalho nas subsidiárias do Terminal da Bahia da Ilha Grande - TEBIG¹⁰, a Petrobrás quebrou o contrato com várias firmas que prestavam serviço no terminal devido as imposições das operações da Lava Jato. Ou seja, estamos diante da efetiva atuação das fronteiras de regulação do trabalho e das muitas fronteiras, os limites e margens criadas em locais, cidades, regiões e continentes pelos interesses do capital e dos governos MEZZADRA E NEILSON (2017).

Os autores citados nos apontam a proliferação das fronteiras internas como características de determinados territórios estudados por eles, a proliferação das fronteiras internas no município pesquisado se estabelece em grande parte pela BR101 que liga a capital do Rio e ao litoral de São Paulo, na Rio-Santos, como também é chamada, é onde hoje a violência, exclusão e inclusão diferencial, fronteiras temporárias específicas.

Essas fronteiras se proliferam em função da guerra pelo controle do tráfico de drogas, armazenamento de armamentos e drogas para distribuição para fora da cidade, ou pela oferta de cultura e esporte que estão disponíveis num momento e em outro já não estão por não mais serem subsidiadas pelo governo local, ou seja, aspectos que trazem problemas e possibilidades para os jovens que nela vivem.

O trabalho desses autores nos traz várias nuances ligadas a configuração de uma fronteira, e que nos interessam como ponto de vista epistemológico, falam do aspecto de inclusão diferencial, ou seja, há oportunidades como daremos exemplos logo abaixo, mas elas não são para todos. Esta característica muito presente antes da entrada sistemática da violência como principal característica das fronteiras no município.

Eram as questões sociais que delimitavam e ditavam o passo das possíveis realizações, das possíveis oportunidades que cada indivíduo teria dentro desta sociedade como formação para o trabalho, oferta de políticas públicas federais com capilaridade no município, parcerias com instituições como o Colégio Naval para atividades destinadas a crianças e adolescentes entre outras.

Mas entramos em um novo campo de fronteiras que passaram a delimitar e construir a realidade vivida na cidade, o campo da violência.

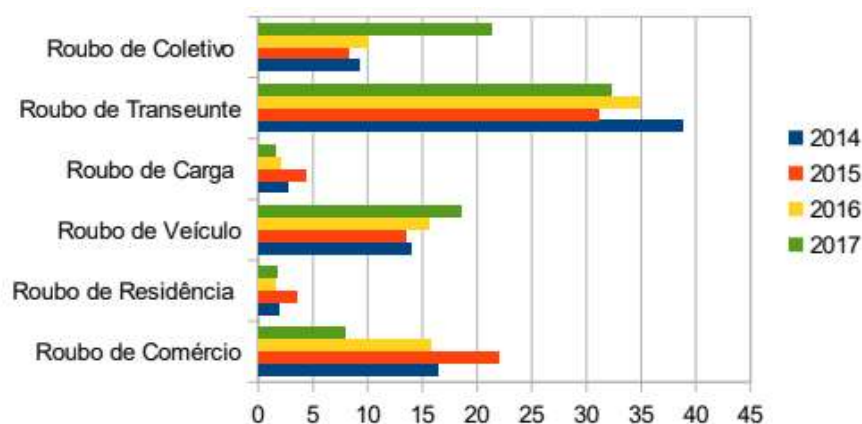
¹⁰ O Terminal de Angra dos Reis (TEBIG) faz o transporte de petróleo e visa, por meio da importação ou da cabotagem, atender às refinarias de Duque de Caxias (RJ) e Gabriel Passos (MG). Atua também como entreposto de exportação e cabotagem para terminais de menor porte. [...] Texto retirado do site da Transpetro: <http://transpetro.com.br/transpetro-institucional/nossas-atividades/dutos-e-terminais/terminais-aquaviarios/angra-dos-reis-rj.htm>

A violência como fronteira

As marcas e as degradações vistas com maior frequência nas grandes cidades relativas à educação e às políticas públicas, educação e violência começam a aparecer de maneira mais dramática nos bairros de periferia da cidade de Angra dos Reis de cinco anos para cá, guardadas as devidas proporções, constantes assaltos, tiroteios, fogos para a chegada da droga nos morros entre outros aspectos de violência estão ocorrendo na cidade com maior frequência, como acontecem nas periferias das grandes cidades.

Fechamentos ocasionais da estrada, tiroteios por disputas dos morros que acumulam a maioria dos aglomerados subnormais, descritos anteriormente, que se constituem em mais uma fronteira imposta aos mais pobres da cidade, que em muitos casos não conseguem descer e ir para seus trabalhos e escolas.

Gráfico 3 – Angra dos Reis (% das tipificações no total de roubos)



Fonte: ISP/RJ/Conjuntura Costa Verde IEAR/UFF

O gráfico abaixo demonstra os registros de ocorrência e suas naturezas na delegacia de Angra dos Reis, a 166ª DP.

Gráfico 4 – Retrato da criminalidade



Fonte: Site Jornal Extra de 26/05/19 acessado em 15/07/19

Em se tratando da juventude municipal envolvida em situações de violência, analisamos 20 capas do jornal local de maior circulação no município, chamado A Cidade, do período de junho a outubro do ano 2019, utilizando análise de conteúdo. Em todas estavam presentes de maneira condenatória a imagem dos jovens, chamados de bandidos, meliantes, malandragem e outras palavras depreciativas, outros termos associados ao mundo do crime, invisibilizando sua condição de pessoa em desenvolvimento com todas as contradições impostas pelas situações de violência em que se envolvem e em sua maioria desassistido de políticas públicas para viver esse período de suas vidas. Este grupo não está autorizado a ser incluído na categoria juventude nesta sociedade. Vamos aprofundar no segundo capítulo a seguinte discussão: quem tem direito a ser considerado jovem hoje no Brasil? E, portanto, usufruir de todos os benefícios que este título traz.

1.3 - Políticas Públicas: planos, programas e ações do governo.

O município apresenta ações descontínuas para atendimento de crianças, adolescentes e jovens como Jogos Estudantis de Angra dos Reis – Jear, estágio remunerado para universitários, o transporte para universidades fora do município, a elaboração Plano Municipal Decenal de Atendimento Socioeducativo (PMDASE) de Angra dos Reis, o incentivo a implementação da Lei da aprendizagem (14 a 18 anos).

Dizemos que são ações descontínuas devido ao seu caráter fortemente atrelado a planos de governo e não a políticas de Estado. Na página oficial da prefeitura¹¹, onde são descritas as ações governamentais podemos constatar que estavam bem marcados os tipos de ações implementadas em consonância com os períodos dos governos eleitos.

Na contramão dessas discontinuidades pudemos constatar que os esforços e incentivo para instalação de campus e universidades na cidade(reativação do Campus UFF, Estácio, Universidades com EAD) foram uma constante em todos os governos através da continuidade das negociações dos seus antecessores, o que culminou no momento com um número elevado de universidades e faculdades instaladas, desde as públicas, passando por universidades particulares já estabelecidas até pequenas iniciativas da educação privada na área(como as seguintes: UNOPAR - Faculdades Integradas Norte do Paraná, FCE - Faculdade Campos Elíseos, UNYLEYA- Ead , Instituto Graduarte).

O anexo 5 traz um quadro de atividades esportivas desenvolvidas no ano de 2019 na cidade, nosso interesse em analisá-lo foi para refletir sobre a capilaridade das ações neste campo de políticas públicas tão importante para a juventude, nele podemos perceber que a maioria dos bairros da cidade em especial os bairros atendidos pelo Ciep do Areal não estão contemplados no momento com atividades.

Percebemos também que para os jovens que estudam e trabalham não há horários para que se desloquem para fazer as atividades ofertadas pela prefeitura durante a semana conciliando escola, o trabalho e os deslocamentos para a realização fora de seu bairro e nos fins de semana a oferta destas atividades diminui consideravelmente. Ou seja, quando os jovens nas entrevistas apontam que não há mais nem mesmo as atividades esportivas que tinham antes, estão falando desse contexto em que elas ainda existem, mas de fato não estão disponíveis para eles.

Não terão oportunidades de desenvolvimento satisfatório alunos que não contam com o suporte de ações governamentais diferentemente daqueles que no seu processo de transição para a vida adulta já partem do fato de estarem no ano de escolaridade desejável para a sua idade e poderem contar com garantia de mobilidade, estágios remunerados, entre outras ações, programas e projetos.

¹¹ Endereço eletrônico da Prefeitura de Angra dos Reis: www.angra.rj.gov.br

Contrastes estruturais

O município vive de intensos contrastes como os relativos ao modelo desenvolvimentista, citado anteriormente e que trouxe consigo o crescimento desordenado e todos os problemas que esta condição acarreta ao cotidiano de uma cidade.

Vamos citar de maneira breve alguns outros contrastes que identificamos nesta realidade: é uma cidade histórica rica em tradições culturais que vem passando por um processo de descaracterização seu patrimônio histórico, cultural e arquitetônico. Tem uma abundância de recursos naturais (rios, plantas nativas, mangues, pesca, solo fértil) mas sofre os impactos ambientais de desastres ecológicos de grandes proporções, a Ilha Grande continua sendo ponto estratégico e um dos destinos turísticos internacionais mais procurados do Brasil. Apesar de sua arrecadação ser uma das mais altas do estado sua infraestrutura é precária e há vários momentos históricos de decadência econômica.

Cultura e mobilidade

Possui rico acervo patrimonial, com inúmeros prédios tombados pelo IPHAN(Igrejas e sobrados), a religiosidade tem seu ponto alto na festa do Divino Espírito Santo, que é uma das tradições religiosas mais antigas da cidade. Acontecem de forma descontínua festivais culturais, de música e de teatro como a Fita – Festa Internacional do teatro, há coletivos de skatistas, literatura e fotografia como o FOCAR

Com relação a mobilidade urbana conta com uma única empresa de transporte público com 28 linhas de ônibus, quase todas com conexão de apenas um bairro com o centro da cidade, possui um aeroporto de pequeno porte que passou por uma ampliação recentemente. O acesso às ilhas e praias são por barcos, táxi boat, lanchas, catamarã, sendo que algumas praias são melhor atendidas por esse transporte que outras.

1.5 - Trabalho e renda

A migração para a cidade acontece desde que foi colonizada a partir de 1556, inicialmente para o trabalho nas fazendas nos ciclos do açúcar e do café. Estes trabalhos eram realizados por escravizados e homens livres vindos de outros países, posteriormente a cidade atraiu mão de obra jovem de fora da cidade para a construção da Rio-Santos em função da Usina Nuclear Angra 1 e mais recentemente, do início a até em meados dos anos 2010, atraiu mão de obra para atender as 12 mil vagas criadas no Estaleiro Verolme, neste momento chegaram trabalhadores de todo o país e em especial do Estado do Rio de Janeiro, podemos dizer que a realidade de migração para a conquista de trabalho é uma constante na vida da cidade até hoje, reforçando sua importância nacional.

Guardadas as devidas peculiaridades dos dois processos, podemos comparar os números absolutos de postos de trabalho fechados na cidade com os 5.000 empregos que a Ford fechará no Brasil com sua saída do país neste momento reforçando assim sua importância estratégica para o país.

Angra vive de grandes ciclos produtos e de decadência entre eles como a que estamos observando neste momento, confirmada pela drástica diminuição dos postos de trabalho observada no gráfico sobre a variação dos postos de trabalho acima descrito. Além dos ciclos já mencionados citamos ainda outros que a colocam como zonas fronteiriças entre diversas regiões e cidades brasileiras, seja por estradas de ferro, rodovias ou pelo mar: já foi o principal porto de ligação entre Rio/São Paulo, criação e utilização intensa da estrada de ferro e reabertura do Porto em meados do séc. XX local para escoamento da produção da CSN, instalação do Estaleiro da Verolme na década de 60, do TEBIG e das Usinas nucleares como um dos últimos ciclo que ainda se encontram ativos mencionamos o turismo, que acontece de maneira mais intensa nas ilhas após o fechamento do Presídio de Dois Rios em 1994.

Como podemos observar a Ilha Grande participou e ainda participa de maneira decisiva desses momentos históricos, como no período das fazendas de cana de açúcar e café, na pesca, na pirataria, abrigando a colônia penal e o hospital de quarentena, como as comunidades tradicionais e atualmente como destino turístico para trilhas e passeios, setor esse com retomada acelerada em meio a pandemia.

A crise atual do emprego fez o município perder em 10 anos (2010 a 2019) mais de 13 mil postos de trabalho na indústria naval, turismo e comércio, restando a prefeitura e o setor de serviços para absorver parte dessa mão de obra, sendo a saída do município em uma migração caminho para a sobrevivência.

Alguns dados antes da pandemia já se mostravam alarmantes como os que apontam que em 2015 antes da crise do emprego se instalar de maneira sistemática a população ocupada era de 46.236 pessoas, o que equivale a apenas 24,6% da população total, na comparação com os outros municípios do estado, ocupava a posição 28 de 92 neste quesito.

O percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até $\frac{1}{2}$ salário-mínimo em 2010 era de 34,9% da população.

1.6. Educação

Gráfico 5 – Número de matrículas por etapa de escolaridade



Fonte: IBGE- Cidades 2020

Em 2015, os alunos dos anos iniciais da rede pública da cidade tiveram nota média de 4.9 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 3.6. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava esta cidade na posição 58 de 92. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava a 77 de 92. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 96.4 em 2010. Isso posicionava o município na posição 79 de 92 dentre as cidades do estado e na posição 4281 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

1.7- EJA-EM Angra (escolas, número de matrículas, sexo, idade etc..)

A EJA– EM¹² tem seu início em Angra dos Reis em 2013 com um total de matrículas em uma série histórica em ascensão (veja a tabela abaixo). Sua expansão enquanto política de Estado, em Angra dos Reis se torna mais expressiva a partir do ano de 2015 segundo dados do censo escolar e tem seu ápice em 2016 quando foram matriculados 880 alunos estando

¹² No estado do Rio de Janeiro a EJA - E.M. de acordo com sua proposta pedagógica se chama Nova Educação de Jovens e Adultos contando com 4 semestres indo do NEJA 1 ao NEJA 4.

atualmente num momento de declínio de procura pela modalidade em todo o município, os dados de 2017 revelam essa continuidade de queda, sendo um total 550 matrículas realizadas para aquele ano.

Tabela 1 – Série histórica de matrículas EM e EM/EJA 2013 -2017

Ano	Ensino Médio Parcial	Ensino Médio Integral	EJA Fundamental	EJA Médio
2013	4920	200	1657	351
2014	4758	216	1418	537
2015	4712	235	1648	659
2016	5165	283	1630	897
2017	4846	301	1331	550

Fonte: Tabela própria a partir das PNAD Contínuas 2013 – 2017.

Nossa hipótese é que entre outros fatores, os rituais de violência vivenciados por escolas com aulas interrompidas no turno da noite por causa de tiroteios ao seu redor e em algumas vezes invadidas por traficantes e polícia em perseguição venha influenciando decisivamente na procura pela modalidade. Pois dados como número ainda elevado de jovens com defasagem escolar no município não ter diminuído no período é um dos indícios de que a demanda ainda existe. Veremos a seguir dados nacionais sobre esta questão

Oferta e demanda por matrículas na EJA-EM

Como nos revela a série histórica acima, hoje temos um declínio das matrículas de EJA numa série histórica apresentada por Julião e Peregrino (2018), mesmo mantendo a demanda alta:

Os dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 mostram-nos que o Brasil, embora tenha universalizado o ensino fundamental para o público de 6 a 14 anos, ainda tem uma população de 65 milhões de pessoas com 15 anos ou mais que não concluíram o Ensino Fundamental e 22 milhões com 18 anos ou mais que, apesar de terem concluído o Ensino Fundamental, não concluíram o Ensino Médio (JULIÃO E PEREGRINO, 2018, p.7).

Uma das questões para esse descompasso entre demanda e número de matrículas na EJA são as dificuldades em conciliar escola e trabalho, dificuldades que se mostram persistentes e merecem investigação a que pretendemos dedicar parte desta pesquisa que tem como questões as seguintes perguntas que surgiram a partir da análise inicial dos questionários aplicados: O que é ser estudante e trabalhador ao mesmo tempo? Quais são as influências e interferências retroalimentadas entre escola e trabalho no Ensino Médio que facilitam a vivência da juventude por parte dos alunos? Como esta dobradinha os caracteriza na EJA – EM? O jovem estudante trabalhador vive a moratória juvenil? Como os jovens das classes populares vivem a moratória juvenil? Hoje podemos estar diante de tempos de moratória social dados a juventude de maneira descontínua ao longo da transição para a vida adulta?

Para nos ajudar na compreensão deste contexto passaremos as reflexões sobre os conceitos que norteiam a pesquisa com o próximo capítulo que traz a análise da revisão bibliográfica feita.

Capítulo 2 – Juventude e moratória - Os jovens e suas redes

Neste capítulo iremos buscar luzes sobre os conceitos chaves que nos ajudarão a entender a realidade do campo da pesquisa, os alunos da EJA-EM no geral e em especial a vivência dos entrevistados.

Os autores citados na introdução nos ajudam a refletir sobre as seguintes questões: Como o jovem vive a moratória? Trabalhamos a partir da premissa que há uma distribuição desigual das políticas públicas para os jovens: Eles têm outras redes de apoio para dispor?

Para nos ajudar a responder essas questões iremos discutir em primeiro lugar os conceitos de Juventude, políticas públicas no Brasil, transição entre escola e trabalho e por fim moratória social e moratória social descontínua.

2.1 O que estamos chamando de juventude?

“Aqui a juventude se caracteriza num tipo de condição social liminar, que demarca processos de transição social, e que são fundamentais exatamente na medida em que delimitam, no presente, possibilidades ou limites futuros”. (PEREGRINO 2014)

O conceito e quem pode se identificar com ele sempre estiveram em disputa ao longo da história e em todas as sociedades como diversos estudiosos nos confirmam entre eles Bourdieu (1983), Margulis e Urresti (1996), Pais (1990), Peregrino (2014). Ao revisitarmos essas reflexões podemos compreender que os conceitos de infância, juventude e velhice, além de serem noções socialmente construídas e terem seus limites de idade difíceis de serem definidos, trazem em si uma disputa pelo domínio do conceito e pelo direito a seu uso.

Esta compreensão nos permite entender o porquê de alguns indivíduos, mesmo estando na faixa etária definida como juventude não poderem usufruir de seus benefícios enquanto sujeito de direitos.

Margulis e Urresti (1996) nos apontam que há uma luta social para se ter o monopólio da definição legítima de juventude, ou seja, há uma disputa para se garantir a autoridade para se definir quem é reconhecido com jovem.

A juventude e toda a carga sociológica e simbólica que a palavra que a define trazem foi alvo de reflexões de Bourdieu (1983) e de Margulis e Urresti (1996). Esses autores são críticos da ideia de uma homogeneidade de características dentro desta categoria social. A crítica se deve ao fato de que o termo pretensamente abarca toda uma gama de indivíduos, com

contextos sociais, de classe, raça e sexo que combinados de diversas formas produzem também experiências tão diversas o que não permite que possam ser classificados da mesma maneira, esses autores apontam ainda a dificuldade de identificar a todos com uma definição hegemônica que representa apenas um dos seus tipos, invisibilizando as outras distintas maneiras de ser jovem.

2.2 Por que juventudes e não juventude? Direito adquiridos através da moratória social

Bourdieu (1983) aprofunda esta reflexão ao analisar a polissemia da palavra Juventude com a seguinte crítica: *“é por um formidável abuso de linguagem que se pode subsumir no mesmo conceito universos sociais que praticamente não possuem nada em comum”*. E como sequência dessa crítica esse autor nos provoca a olhar a variedade de formas de vivenciar a juventude, nos levando a perceber que entre os dois polos: o dos jovens da classe alta e o dos jovens operários com todas as dificuldades e facilidades que estas posições lhes conferem, existe uma gama infinita de figuras intermediárias.

Usaremos o termo juventudes nesta perspectiva que trata Bourdieu considerando que há uma multiplicidade de formas de vivenciar este período com todas as visões de mundo decorrentes dessas experiências múltiplas. Entendemos poder utilizar o termo para as diferentes modalidades de juventude que Margulis e Urresti (1996) descrevem como o resultado de situações sociais diversas, levando em consideração uma série de variáveis como geração, moratória vital, classe social e sexo.

Bourdieu nos aponta que um dos motivos dessa gama de possibilidade ter sido aberta entre esses dois polos, entre essas “duas juventudes” foi a democratização do acesso ao ensino, em especial o acesso ao ensino médio, pois parte significativa dos jovens que até então não tinha acesso a esta etapa de escolaridade, estariam inseridos apenas no mundo do trabalho, sem poder ter o status de adolescentes e que esta nova situação alcançada por eles, a de estudantes, lhes garantia uma condição de “meio-criança, meio-adulto”, “nem criança, nem adulto” numa espécie de vida separada a parte do jogo social. Ou seja estudar lhes conferia juventude.

A ideia de uma vida à parte para se dedicar a formação, que colocava o jovem em uma espécie de existência separada foi retomada e reapropriada por Margulis e Urresti (1986) para os quais havia sim um tempo dado em especial a juventude das classes média e alta para que se preparassem para a vida adulta com investimentos da sociedade e de suas instituições e governos, neste ponto eles conceituam este espaço de tempo como Moratória Social.

Esses autores descrevem que há uma outra face da moratória e esta sim independe das relações sociais, eles a chamam de Moratória Vital. Este aspecto da moratória juvenil se constitui por um crédito temporal, uma reserva de força biologicamente ligada ao corpo e a idade cronológica, apontam que há um acúmulo energético que se traduz em um tempo maior de vida se comparado ao tempo de vida dos adultos e idosos, por isso a morte parece irreal aos jovens, distante, gerando uma sensação de invulnerabilidade em comparação com a situação dos mais velhos que mesmo não desejando vão perdendo ao logo do tempo esta potencialidade energética e a sensação de invulnerabilidade. Esse crédito biológico, segundo os autores, é dado aos jovens independe de suas condições sociais e econômicas, é inato ao ser humano nesta idade cronológica.

2.3 - Juventude como idade social – poder simbólico do termo

Sobre a base da moratória vital, sobre este crédito temporal vão aparecendo, mediados pela sociedade, os atributos, características e papéis que se materializam num jovem ideal, e que se transformam em símbolo que está ligado a uma imagem “*a do jovem bonito, saudável, com o futuro pela frente, mas já antenado com ele (pelas roupas, que usa, pelos gostos culturais que professa e pelas ideias que expressa)*” Peregrino (2019). Todos os jovens o quanto mais se aproximarem dessa imagem ideal, mais serão identificados como pertencentes à juventude.

Como se aproximar de uma imagem masculina, sim “O jovem bonito...”, Juventudes de diferentes gêneros, classes sociais, religiões, etnias, com experiências e visões de mundo onde esta imagem não faz o menor sentido? Grande parte dos jovens não se enquadra nessa imagem ideal utilizada como referência para creditar juventude aos membros da sociedade. Alguns deles para além de não serem classificados como pertencentes a ela, ainda são invisibilizados no contexto social, não tendo, portanto, tratamento adequado nas políticas públicas, o que se transforma em uma das causas do aparecimento das desigualdades sociais. Este contexto será aprofundado no próximo capítulo com as experiências de vida trazida pelos jovens entrevistados.

A imagem que Peregrino (2019) descreve como o símbolo da juventude que se transforma em moeda de troca, em passaporte, segrega e impede parte dos jovens de obter todos os benefícios da moratória social, isto ocorre para além dos discursos de democratização do

acesso de todos aos benefícios do alargamento do tempo para viver as experimentações típicas da juventude.

A efetiva democratização pode ser medida através da moratória social que, corroborando com nossa hipótese, vai sendo distribuída de maneira desigual dependendo da classe social, da raça, gênero e das condições de acesso as instituições que a oferecem.

A Moratória Social seria então, “*um espaço de possibilidade concedido a certos setores sociais e limitado a determinados períodos históricos*” (Margulis e Urresti, 1996). Este espaço é concedido inclusive para mulheres e homens, que mesmo diminuindo sua moratória vital, continuam fazendo uso do símbolo juventude, semelhantes aos jovens na aparência física, no uso de roupas semelhantes, na continuação de experimentações típicas dessa fase e na ausência de responsabilidades sociais que seriam compatíveis com sua idade cronológica.

Este exemplo nos confirma que a disputa pela utilização simbólica do termo é feita de forma arbitrária dentro da sociedade excluindo indivíduos que pertencem a categoria, mas não são valorizados como tal e permitindo que outros desfrutem de seus benefícios mesmo que sua idade cronológica já não seja compatível.

Margulis e Urresti (1996) fazem ainda um alerta sobre a importância de vermos a juventude não apenas por um de seus aspectos, como por exemplo o seu poder de símbolo social que é tão valorizado e manipulado em sociedade, pois ao limitar a visão, corremos o risco de desvinculá-la das condições materiais e históricas chegando a esvaziar o conceito.

Peregrino (2014) aponta que, para além da definição da idade pela qual um indivíduo pode ser considerado jovem, é de fundamental importância nos debruçarmos a conhecer as formas como os processos de identificação dos sujeitos se faz socialmente nesta categoria, visto que, quando a ela identificados mais chance ele terá de ver garantidos para si, os direitos associados a juventude.

O conhecimento desses processos de identificação se faz necessária devido a possibilidade de ao ampliarmos a lista de características que definem juventude, mais indivíduos serão a ela associados, portanto incluiremos maiores faixas da população ao acesso aos direitos que lhe são conferidos.

Com a concepção moderna de Juventude, estar na escola passou a ser sinônimo de vivência da condição juvenil, por um bom período era o único meio. Bourdieu referindo-se a França nas décadas de 50, 60 descreve que os jovens das classes populares ao acessarem o

ensino secundário passaram a ter o status de adolescentes, ou seja, através da escola passaram a ter direitos relativos à juventude na época.

Segundo Novaes (2013) principalmente após o final da Segunda Guerra Mundial estar na escola passou a definir a condição juvenil, atrelada a essa estadia estava o afastamento do trabalho:

“Falar em ‘juventude na sociedade moderna’ significava falar sobre segmentos juvenis afastados do mundo do trabalho e com possibilidades de produzir questionamentos políticos e culturais”. (Novaes, 2013)

Novaes (2013) referindo-se também às décadas de 50 e 60 aponta que no Brasil havia duas juventudes: uma a ser preparada para a vida adulta através da educação valendo-se da moratória social e outra que nem mesmo era considerada como juventude, destinada a ser mão de obra precoce em sua maioria sem direito a continuação dos estudos.

A moratória vista na prática social deste período confirma que na maior parte do tempo ela era destinada as classes sociais média e alta, sendo importante ressaltar que Novaes (2013) relata que apenas uma parcela pequena de jovens conseguia conciliar, naquele período, escola e trabalho e manter o status de jovem. Descreve ainda que os movimentos sociais deste período eram feitos pelos estudantes e a Igreja católica através da Ação Católica Internacional e que mesmo esses grupos eram divididos segundo a escolarização e classes sociais (Juventude Católica Operária, Juventude Universitária Católica etc..).

Ao refletir sobre os resultados que nos trouxeram as entrevistas, vamos discutir o quanto a moratória social adequada as especificidades do público da EJA EM os auxilia a conciliar escola e trabalho, visto que no Brasil, o trabalho também produz juventude, como nos apontam os estudos de Peregrino (2011) embasada nas reflexões de Marília Spósito (2002).

Também, pois em suas pesquisas Peregrino (2011) nos descreve que a instituição escola, no Brasil na década de 90, após se abrir às classes populares das periferias vem representando um importante papel na construção de sentidos e identidades juvenis. Pesquisar sobre as relações que a juventude tece entre escola e trabalho ao vivenciarem esta etapa de suas vidas, se mostra fundamental quando:

“O sentido para a escolarização é constituído também a partir de fora da escola sendo o trabalho uma das instituições que mais lhe fornece significado.” (2010)

Esta concepção nos é cara por pontuar a importância mútua que existe entre escola e trabalho, sendo dois aspectos que se entrelaçam neste momento da vida dos jovens para então

não mais se apartarem por um longo período, ou assim o deveria, por serem estes aspectos fundamentais para garantir uma transição adequada para a vida adulta.

2.4 - Juventudes: transição para a vida adulta com e sem moratória – moratória social descontínua.

Juventude como espaço para experimentações, a partir da diluição dos marcos demográficos se vê diante da diacronia em relação aos diferentes campos (de trabalho, de construção de relacionamentos e de uma família, de busca da escolarização, de saúde e bem-estar) podendo o sujeito continuar sendo classificado como jovem em alguns campos de sua vida e em outros não mais. O que nos faz reafirmar a dificuldade em se estabelecer limites bem demarcados entre as categorias infância, juventude, velhice e nos lança a duas questões.

A primeira é a que Madeira (2006) nos propõe: “Se a vida se alongou, suas várias fases também se alongaram?” Em nossas sociedades estamos cada vez mais adiando a passagem dos jovens para a vida adulta, seja por não os responsabilizar por suas atitudes no cotidiano, seja no assumir compromissos familiares, seja através do investimento em formação e qualificação profissional em detrimento da entrada no mundo do trabalho formal.

Este alongamento vem ocorrendo segundo as conclusões da autora, mas se efetiva de maneira mais qualitativa quanto mais o governo de um país investe em políticas públicas de educação como plano de desenvolvimento nacional, ressalta ainda que o acesso e conclusão do Ensino Médio prolongam a juventude em pelo menos 10 anos além de estar relacionado diretamente com o desenvolvimento econômico.

Este prolongamento que se verifica pelo acesso ao EM como constatamos nos dados da pesquisa de campo no Ciep do Areal, em que 75% dos alunos jovens não têm filhos ainda.

Rios-Neto (2005 apud Madeira, 2016, p. 144) defende a hipótese de que, na sociedade, a postergação do primeiro filho e do casamento só ocorreriam após as mulheres terem seu nível de escolaridade aumentado e se fosse democratizado o acesso ao E.M. Estaríamos nós neste momento?

Em relação aos eventos demográficos citados por Madeira (2006) vemos hoje um aprofundamento das tendências apresentadas por ela, dos jovens que responderam ao questionário, mais de 55% são jovens entre 18 e 24 anos que em sua maioria estão solteiros e

sem filhos, diferente das estatísticas da década de 90 analisadas por aquela autora, identificando assim a maternidade precoce.

Os marcos demográficos ao se diluírem no tempo permitem o prolongamento da juventude, o que contribuiu para o aparecimento da moratória social descontínua, aqui lançamos a segunda questão que levantamos após analisar o fato: Qual é o papel da moratória social neste contexto?

Mas afinal o que estamos chamando de Moratória social descontínua? Estamos chamando de Moratória social descontínua o tempo extra para experimentações oferecido pelo Estado e sociedade, dado aos jovens, mas que não se caracteriza mais por um tempo único, linear, bem delimitado e contínuo, com começo e fim previstos e seguidos conforme o planejamento.

Esta nova moratória social se caracteriza em teoria por ser dada para todos os jovens independente da sua classe social, ou seja criando períodos de oferta descontínua de oportunidade de formação e experimentações para todos os jovens. Diferente do contexto em que foi criado o conceito de moratória social, onde apenas as classes média e alta eram beneficiadas, durante os anos 2000 até meados dos anos de 2010 tivemos uma democratização do acesso a moratória, isto ocorreu de forma transversal nas classes sociais, sem deixarmos de considerar as limitações impostas as classes trabalhadoras, que de acordo com os resultados do questionário aplicado indicam que todos os estudantes, jovens e não jovens já trabalharam e estudaram ao mesmo tempo a partir dos 10 anos de idade em diante, ou seja não tiveram a moratória social de forma contínua que os permitisse apenas estudar e se preparar para a vida adulta.

Esta nova realidade afeta a forma como esferas governamentais, sociedade e famílias lidam com os jovens. Em se tratando de políticas públicas temos mudanças de regras na oferta, a descontinuidade de programas e projetos, a diminuição de verbas, entre outras questões que levam os jovens a serem atendidos por elas de forma entrecortada pela descontinuidade dos investimentos.

Em se tratando da sociedade, apoios e investimentos podem também ser descontínuos, pautas importantes para a juventude podem não mais ser apoiadas pela opinião pública o que faz com percam força e saiam das agendas governamentais. Ou ainda pressões feitas por determinados grupos sociais impedem a viabilidade de certas políticas públicas ou ainda a

aprovação de determinadas leis que manteriam determinados serviços ou beneficiariam a população jovem.

Em se tratando das famílias, o fato de parte da juventude ainda poder continuar fazendo suas experimentações na formação acadêmica e em outros aspectos da vida, mesmo tendo filhos por serem ajudados por seus pais e outros familiares com suportes habitacionais, financeiros para garantir tempo de dedicação a novas formações para se qualificar para outras posições no mercado de trabalho, como por exemplo em concursos públicos. Um filho que em um determinado período se sustentava e já morava fora, volta para casa de seus pais que voltam a prover seu sustento e formação para que este procure novas formações ou colocações melhores de emprego.

Do ponto de vista pessoal o uso desta moratória social descontínua carrega em si o mesmo jogo contido na ideia do trocadilho feito por Bourdieu “meio adulto meio criança, nem adulto nem criança”, que neste caso assim traduzimos “meio jovem, meio adulto, nem jovem nem adulto”.

Esta descontinuidade agrega à moratória social descrita por Margulis e Urresti um componente a mais, o fato de em um ou mais aspectos da vida o jovem precisar assumir mesmo que temporariamente uma postura de adulto, o que o força a ir amadurecendo de maneira entrecortada, isto se dá devido os investimentos em seu desenvolvimento serem dados e retirados diversas vezes, não inviabilizando que o jogo apresentado no trocadilho descrito: “meio jovem, meio adulto, nem jovem nem adulto” que continua a acontecer em outras áreas de sua vida, ou seja, em certas áreas da vida o jovem continua a viver natureza exploratória da sua coorte.

A quem é dado o direito à moratória social ou a moratória social descontínua? Como podemos saber se a juventude está se valendo destes créditos dados pela sociedade, Estado e famílias?

Precisamos analisar como se dão as saídas e voltas intermitentes da casa dos pais, de trabalhos precários, da escola, a permanência na escola, os novos rearranjos familiares onde são agregados esposos e esposas nas moradias da família de origem, questões que de forma isolada e/ou combinadas de maneira difusa não constituem mais o fim das experimentações da juventude, ou seja não caracteriza o fim da moratória social.

Esta moratória como já afirmamos não é dada para a maioria da juventude, isolando os jovens do mundo do trabalho e nem de certas responsabilidades da vida adulta, acontece em meio as discontinuidades. Isto se dá em grande medida pela oferta e extinção de programas, projetos e ações, pelo acesso, pelo suporte familiar a moratória é dada e retirada diversas vezes principalmente aos jovens de classes populares. Daí o termo moratória social intermitente vem nos auxiliar na compreensão do fenômeno criado pela interrupção do investimento que é dado e retirado dos jovens, em especial das classes populares e em vulnerabilidade pelas dificuldades e decisões de ordens variadas, ou pela discontinuidade de programas e projetos e ações que mesmo fazendo parte de políticas públicas de Estado sofrem rupturas, retomadas, reordenações, bem como os investimentos familiares descontínuos pelas diversas situações econômicas e de convivência a que estão expostos os jovens.

Os eventos citados de forma isolada ou em pequenas combinações não demarcam a passagem definitiva para a vida adulta o que nos permite ver uma oferta maior de investimentos feitos em um determinado período, este fato nos colocar diante da questão do alongamento dos períodos da vida, o que no caso da juventude tem o nome genericamente denominado prolongamento da juventude (Sheehy, 1996 APUD Madeira 2006).

As experiências se mostram desiguais em tempo a ser dedicado aos estudos, em oportunidades de trabalho posterior a formação, por mais que defendamos que o jovem trabalhador atualmente tenha mesmo que de maneira fragmentada, experimentado a moratória social, a ela não tem pleno acesso. Esta juventude não terá, por exemplo, a chance de despreocupadamente renunciar a empregos que não lhes satisfaça ou que nada acrescente à sua formação pois deles depende a sua subsistência como vamos poder ilustrar no capítulo três com as experiências relatadas pelos jovens entrevistados. O crédito extra para experimentações para a maioria da juventude trabalhadora da EJA EM atualmente é escasso, frágil e descontínuo.

2.5 Sujeitos de direitos

A ideia sistematizada atualmente de que os jovens são “sujeitos de direitos” tem seu início no final dos anos 80, ela foi se formando devido ao avanço das reflexões sobre os inúmeros problemas sociais envolvendo os jovens da época que se configuravam como jovens excluídos que causavam desordem social. “Os problemas dos jovens” passaram a ser pauta das disputas políticas e merecer as atenções de governos e organizações da sociedade civil como aponta Novaes (2013).

As mobilizações juvenis foram intensas por todo o país em busca de efetivar direitos proclamados na Constituição Federal – CF 88, marco legal decisivo para a defesa dos direitos civis e humanos no país recém-saído da Ditadura Militar, fato ilustrado na apresentação com minha história pessoal.

Na esteira dessas mudanças, seguiram-se diversas conquistas e reivindicações, pautadas na busca de diálogo com o poder público que segundo Novaes (2013), ainda que timidamente, iniciava algumas articulações através de espaços institucionais de coordenadorias e assessorias da juventude em alguns municípios brasileiros para atender as demandas juvenis.

Uma dessas demandas é a recolocação dos jovens com defasagem de aprendizagem no sistema educacional, ou seja os jovens da EJA, fizemos a análise seguinte para situarmos os jovens da pesquisa no atual sistema educacional.

2.6 - Os jovens também têm direito à EJA

Em se tratando da EJA temos como marcos legais: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96 – LDBEN), as Diretrizes Nacionais Curriculares, a Resolução CNE/CEB nº 01/2000) que reconhece a EJA como modalidade de Ensino, uma importante conquista e as Diretrizes Operacionais (Resolução CNE/CEB nº 03/2010) que também se mostraram essenciais na definição de critérios para acesso e conclusão da modalidade nas etapas do Ensino Fundamental e Médio.

Essas legislações foram aprovadas, respectivamente em 2000 e em 2010, pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que mesmo trazendo questões polêmicas como as idades mínimas de ingresso na modalidade nas etapas citadas acima, buscavam atender as necessidades de criação de relativa autonomia da modalidade em relação a Ensino Fundamental diurno, segundo Julião e Peregrino (2018).

Esses autores nos apontam que a efetivação desses marcos legais não se deu de maneira completa e trazem neste ponto a seguinte reflexão:

Esses dados mostram que, apesar dos avanços, as deficiências do sistema escolar brasileiro ainda produzem grandes contingentes de pessoas com escolaridade insuficiente, lançando no horizonte a necessidade de construir um sistema educacional que melhore a qualidade do ensino oferecido em todas as modalidades, contemplando

a EJA e orientando as políticas para a superação das desigualdades educacionais e sociais (Brasil, 2009, p. 17,) Julião e Peregrino (2018).

Retomando a ideia de direitos proclamados, mas constringido pela realidade como nos traz Silva (2015) e inspirados nas reflexões do fragmento acima, percebemos que os alunos que estão na modalidade, ainda precisam ser identificados como sujeitos de direitos de uma modalidade que surgiu com o uso do princípio da equidade, com as funções reparadora, equalizadora e qualificadora das demandas educacionais de jovens e adultos que não tiveram acesso a escola ou que dela tiveram que se afastar por diversos motivos. Refletir sobre políticas públicas que viabilizem a moratória social para esta parte da população é transformar os marcos legais em realidade, ou seja, é desdobrar o princípio e funções citados em ações práticas para dar suporte a vivência da juventude.

A modalidade EJA não surgiu com o objetivo de resolver questões disciplinares de alunos do ensino diurno, mas atualmente vem recebendo estudantes que são obrigados pelos estabelecimentos de ensino a deixarem a escola diurna pelas mais diversas questões (disciplinares, sociais, judiciais e de aprendizagem) numa espécie de exclusão integrativa, ou seja, estão sendo colocados à margem do processo de escolarização ao serem identificados como problema, lançando para a EJA o desafio de lidar com o direito à aprendizagem de alunos com questões de vulnerabilidade social.

Esta demanda em muitos momentos não atendida de forma plena pelo poder público, demanda mobilização e participação para a garantia desses direitos proclamados, mas que precisam ser reconhecidos e implementados na prática.

2.7 - Desigualdades no tratamento das juventudes – oferta de políticas públicas

As políticas públicas relativas ao trabalho e a escola, marcam de forma decisiva a vida futura da juventude.

Para analisarmos os enfoques dados pelas políticas públicas para os jovens vamos trazer a classificação e as análises feitas por Krauskopf (2003) sobre como certos tipos de políticas públicas concebem e tratam a juventude. Esta classificação traz várias concepções de juventude e estão na base das ações dos governamentais, a autora elenca 4 enfoques na literatura sobre a temática, são eles citados no livro Estação Juventude BRASIL (2014).

Segundo Krauskopf (2003), podem-se identificar na literatura quatro enfoques acerca das diferentes concepções sobre a juventude, a saber: 1) juventude como etapa de preparação, transição entre a infância e a idade adulta; 2) juventude como etapa problemática; 3) juventude como atores estratégicos para o desenvolvimento; 4) juventude cidadã como sujeito de direitos.

Nesta primeira abordagem os jovens são vistos como seres em formação que são atendidos por ações unilaterais de governos e sociedades, que não os veem como sujeitos sociais atuantes na elaboração dessas ações, são sujeitos sociais apenas do futuro.

Enquanto etapa problemática os jovens são vistos através das vulnerabilidades a que estão expostos enfocando as atuações que os fazem parecer o problema, estigmatizando-os de acordo com Spósito (2003).

A terceira forma de conceber os jovens os coloca como passíveis de investimento devido seu potencial em enquanto capital humano estratégico para o desenvolvimento do país. Abramo (2005) questiona neste modelo o fato de o modelo de desenvolvimento não ser avaliado e ficar a responsabilidade da inclusão dos jovens para si próprios.

Sendo a quarta classificação que mais se aproxima das buscas desta pesquisa posto que vê os jovens de maneira global com suas pautas e necessidades, os veem como sujeitos plenamente capazes de ocupar e atuar no espaço público de maneira que as políticas públicas sejam de fato adequadas as suas necessidades e lhes possibilite a vivência plena da cidadania.

Essa análise foi publicada no ano de 2014, onde os ataques as políticas públicas ainda não haviam começado sendo que a conclusão deste artigo faz um balanço positivo dos resultados das políticas públicas de juventude implementadas até aquele momento corroborando com o que já mencionamos sobre a importância do período das décadas de 80 e 90 para a definição da juventude como sujeito de direitos. Traz o fato ainda de naquele momento se ter as políticas públicas para EJA em diálogo com os próprios sujeitos, ou seja, os tratem como sujeitos de direitos que em diálogo com o poder público atuam para o atendimento de suas próprias demandas.

Temos dificuldades atualmente em ver as formas de mobilização da juventude que não mais passam pelos movimentos sociais tradicionais. Aspectos das relações que os jovens estabelecem com a sociedade, em especial da juventude de periferia nos apontam a tensão criada pela negação do acesso aos direitos e as demandas levantadas e cobradas por eles.

Analisar esta relação se faz necessário principalmente em um contexto como nos aponta Ribeiro e Macedo (2018) onde as políticas públicas para juventude vem sofrendo ataques, que podem ser irreversíveis ao menos em médio prazo.

No ano de 2005 inicia-se um ciclo importante de criação e implementação de políticas públicas de juventude no Brasil, que se encerra em 2015 segundo Ribeiro e Macedo (2018). Este momento que é a consolidação das reivindicações e disputas que a juventude enfrentou para que suas temáticas entrassem na pauta das políticas públicas pós CF 88, até chegar a essa consolidação foram sendo criadas políticas compensatórias, para contornar “os problemas da juventude” que se configurava como a parte da população mais afetada pela crise criada pela nova divisão do trabalho no início dos anos 2000 (BRASIL 2014).

Políticas como Agenda do Trabalho Decente para a Juventude, que estava em processo de implementação no Brasil com o apoio da OIT - Organização Internacional do Trabalho e a própria EJA estão ameaçadas neste momento. A Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), seguem sendo desarticulados como vários outros mecanismos de organização e participação da sociedade civil na arena de políticas públicas, ainda segundo o que nos informam Ribeiro e Macedo (2018).

O que se segue após o *impeachment* da presidenta eleita, Dilma Rousseff, reflexo da crise política na qual o Brasil ainda se encontra, segundo as autoras são retrocessos nas conquistas entre outras áreas as que afetam diretamente os direitos da juventude, enumeram as importantes conquistas na arena política através da criação e implementação de diversas políticas públicas no ciclo e um conjunto de ameaças a essas políticas.

Ameaças, naquele momento ligadas a implementação do Estatuto da Juventude(Lei 12.852/2013), a participação e organização dos jovens nas instâncias de decisões, a criação de trabalhos dignos, através da Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude (ANTDJ), extinção do Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos e a aprovação da Emenda Constitucional nº 95, de 15/12/2016 (PEC 241), que limita os gastos governamentais pelas próximas duas décadas, incluindo os gastos com educação e saúde. Além dos:

Ataques ao conjunto de direitos já adquiridos também têm afetado, direta e indiretamente, os povos indígenas, as mulheres, a população LGBT, os jovens negros, moradores de comunidades pobres (maiores vítimas de ações violentas); e aumentando a violência policial contra jovens. (RIBEIRO E MACEDO 2018, p.9)

Em tempos de desarticulação, precarização e apagamento de políticas sociais, em especial as que afetam diretamente a juventude, como a imposição da nova BNCC; cortes no

orçamento que restringem o desenvolvimento de projetos como - Programa Nacional de Inclusão de Jovens - PROJOVEM, bolsas estudantis, cortes esses que também limitam a atuação de fóruns e conselhos; a Reforma do Ensino Médio criada por decreto sem a participação de professores estudantes e comunidade acadêmica tornando-o integral o que inviabiliza o jovem que é trabalhador de cursá-lo.

É importante salientar que tais mudanças afetam de maneira decisiva as possibilidades da juventude de alcançarem mobilidade social através da educação e do trabalho, mais uma vez estamos vendo na prática a moratória social descontínua que interrompe políticas importantes para a juventude, que necessita se reorganizar nesses novos contextos para continuar sua vivência.

Analisamos a seguir parte fundamental dessa vivência que são as combinações possíveis entre escola e trabalho

2.8 - Breve panorama da complexidade da combinação escola e trabalho

A transição já não pode ser chamada de transição da escola para o trabalho, trabalhar ajuda a manter o jovem na escola “*Agora, os jovens transitam da escola para a força de trabalho, não necessariamente empregada, ou para a inatividade pura e simples.*” (Cardoso 2008). Tendo como base este argumento no capítulo 2 refletimos sobre as variações da moratória oferecida aos jovens atualmente.

Para responder à questão levantada na introdução “Hoje podemos estar diante de tempos de moratória dados a juventude de maneira intermitente ao longo da transição para a vida adulta?” Precisamos analisar como se dão as saídas e voltas intermitentes da casa dos pais, de trabalhos precários, da escola, permanência na escola, os novos rearranjos familiares onde são agregados esposos e esposas nas moradias da família de origem, questões que de forma isolada e/ou combinadas de maneira difusa não constituem mais o fim da juventude.

Neste contexto fluido em que a contradição e complexidade das reflexões apontadas são a tônica, faz-se necessário discutir questões macro como a estratégia de organização e sustentação do capitalismo ao utilizar-se de crises econômicas e conseqüentemente do desemprego como sua força motriz (Frigotto 2017).

Em 2016 o Brasil vivenciou um dos impactos mais marcantes da Crise Mundial, que em outros países já dava sinal de declínio. Os dados apresentados sobre busca pelo EM-EJA e o fechamento de postos de trabalho em Angra dos Reis confirmam que diante das incertezas e desemprego os jovens buscam se desenvolver educacionalmente.

Conforme pudemos observar na série histórica de matrículas totais no Ensino Médio regular e na modalidade EJA trazido no capítulo um (pág. 30), os anos em que o desemprego cresceu¹³ foram os anos de maior número de matrículas efetivas na modalidade EJA-EM, confirmando assim a busca pela continuidade da trajetória escolar em tempos de incerteza e desemprego.

Cardoso (2008) nos aponta que a sociedade brasileira adotou um padrão de desenvolvimento, entre os anos 1940 e 1980, marcado pela pouca valorização da escolarização para o início das atividades laborais em oposição ao padrão de transição da escola para o trabalho, adotado em países do capitalismo avançado¹⁴.

Cardoso (2008) nos aponta ainda que esses dois padrões estão em crise nos últimos trinta anos, essa crise se deve ao fato de vir acontecendo de maneira acelerada mudanças estruturais na maneira como estão organizadas nossas relações com o trabalho, o avanço tecnológico substituindo a mão de obra com baixa qualificação e a flexibilização das leis trabalhistas. Podemos inferir que tais acontecimentos se propagaram de maneira mais direta, no mundo todo, principalmente após o Consenso de Washington no final da década de 80, que entre outras medidas político-econômicas visavam ações como as citadas em países em desenvolvimento.

O autor acrescenta que se neste período, principalmente na Europa Ocidental, a juventude fazia de modo geral uma transição linear da escola para o trabalho, seguindo passos pré-determinados ligados ao Estado de Bem-Estar Social, a saber: nascimento, socialização em família, entrada na escola, depois a entrada no mercado de trabalho momento que coincidia mais ou menos com a constituição da própria família. Seguir este modelo de vida passou a ser cada vez mais impossível devido as mudanças estruturais das sociedades capitalistas.

Sobre as origens do tipo de capitalismo implementado no Brasil que molda até hoje a forma que vivemos sob esse regime, Koslinski (2016) reflete sobre o período decisivo de

¹³ Vide gráfico sobre a variação dos postos de trabalhos de 2010 a 2017 no capítulo um (pág. 23)

¹⁴ Para melhor compreensão desses padrões assim denominados ver em Cardoso(2008) p. 571- 583

entrada do Brasil em um contexto capitalista entre as décadas de 1930 a 1980, deixando de ser um país prioritariamente rural para se tornar urbano, e diz que “*o crescimento econômico do período aconteceu de forma concentrada, o que contribuiu para manter sempre em níveis muito baixos a renda do trabalho urbano*”, fato esse que nos deixou um legado para a organização do trabalho no país, baseado em desigualdades, exclusões e explorações; que na maioria das vezes faz com que o jovem trabalhador só possa priorizar seus estudos em momento de desemprego, como nos confirma o aumento de matrículas na série histórica apresentada.

Cardoso (2008) cita a elevada concentração de renda, o aumento acelerado da população, o emprego sempre foi inferior ao volume de riqueza produzido pela força de trabalho, a desindustrialização do Brasil, que antes via nesse setor produtivo seu maior potencial de crescimento econômico, entre outros aspectos como responsáveis pelas desigualdades sociais presentes num contexto de complexificação das relações de trabalho na década de 2000.

As alterações na Consolidação das Leis do Trabalho - CLT no Brasil, seguem esta tendência e confirmam as dificuldades impostas por este modelo, chegando em certos momentos a inviabilizar a permanência do trabalhador na educação. A flexibilização das relações de trabalho, como por exemplo, a extensão da jornada de trabalho para até 12 horas, a contratação de autônomos pelas empresas sem configuração de vínculo, trabalho intermitente pago por hora trabalhada entre outras, agudizam a instabilidade no emprego de um modo geral e mais ainda para a juventude que transita entre escola e trabalho.

A partir das reflexões que Cardoso (2008) nos propõe podemos assim concluir que o substantivo *transição* pode facilmente, neste contexto, ser substituído pelo verbo *transitar*, mais fluido, mais instável e abrindo possibilidades quase infinitas de combinações desses dois aspectos na vida da juventude, pois os jovens, atualmente vivem nesses dois campos de atuação onde um exige, impõe a atuação no outro para que a mobilidade social aconteça. Principalmente quando afirma: “*No tratamento da transição da escola para o trabalho, estão em causa os processos mais gerais de construção de identidades sociais e de delimitação de oportunidades de vida de indivíduos e coletividades*” Cardoso (2008).

Ele aponta como conclusão que a exigência de maior escolaridade para melhores postos de trabalho cresceram nas décadas de 80 e 90, aliada ao aumento do desemprego juvenil no mercado de trabalho. Esta conclusão de Cardoso (2008) dialoga com a aposta de Santos (2016) ao dizer que a consciência geracional daquele momento chegava para a juventude através da condição de maior qualificação e crescente desemprego, ao se referir ao cenário

desolador da falta de empregos para os jovens portugueses, ou seja, ambos os autores apontam que o desemprego aliado ao aumento da formação dão consciência aos jovens de que sua geração passa por uma crise onde a desvalorização da formação e o desemprego estrutural fazem parte da vivência de sua juventude.

Podemos afirmar que a precarização exposta por Cardoso e a nova onda de mudanças estruturais na CLT e em outras políticas de emprego continuam a precarizar o trabalho juvenil, esta afirmação está em consonância também com os dados coletados com o questionário aplicado aos alunos da EJA-EM no Areal, que demonstram que 60% dos alunos jovens que trabalhavam quando responderam à pesquisa, estavam no setor informal (Item :Sim, faço bicos/biscates).

2.9 - A democratização do acesso da(s) juventude(s) a escola.

BOURDIEU (2007) ao analisar as mudanças significativas geradas pela universalização do acesso ao Liceu francês aponta a necessidade de se aprofundar a discussão sobre as desigualdades sociais reproduzidas na escola em estabelecimentos improvisados para populações de periferia e em estabelecimentos altamente preservados para alunos oriundos do que chama de “boas famílias”. Diz ainda que esta exclusão socialmente aceita por se basear supostamente na seleção de alunos por aptidões pessoais oriundos de famílias culturalmente desfavorecidas era clara e direta até a década de 50, mas que a universalização do acesso ao ensino trouxe outras formas de exclusão bem mais sutis, mas não por isso menos danosas ou ignoradas por aqueles que mesmo estando no sistema escolar não são atendidos por ele, neste contexto utiliza o termo “excluídos do interior” para expressar esta nova forma de eliminação dos excluídos.

Peregrino (2010) em diálogo com esta reflexão de Bourdieu aponta que esta reorganização ocorreu no Brasil na década de 90 e que *“a exclusão integrativa levada a cabo pela escola não constitui em processo tranquilo, sendo tensionada e negociada na escola. Este espaço, portanto, é cenário de disputas”*.

Esta categoria, excluídos do interior, nos ajudou a compreender como em contexto histórico e social tão diverso do qual o termo foi criado, podemos ainda sim utilizá-lo para compreender os mecanismos de exclusão de grupos sociais no interior da escola, em especial, joga luz sobre a invisibilidade dos jovens da EJA-EM, que mesmo estando no interior da escola, nos apontam a ausência de ações governamentais que lhes deem suporte específicos conciliar

escola, trabalho e vida familiar. Esta realidade não é vivida de maneira tão marcante pelos alunos que estão seguindo o fluxo regular de ensino.

A distribuição desigual de ofertas e oportunidades educacionais, culturais e de emprego para a juventude e demais partes da população brasileira tem raízes na forma como nossa sociedade historicamente pensa a educação escolar para as classes populares, o que vem forçando-as ao seu enfrentamento. Ou seja, a forma como é encarada, segregada e até mesmo negado o direito a viver sua juventude faz com que os jovens criem mecanismos para o enfrentamento, fuga ou isolamento dentro de nossa sociedade.

Para continuar essas reflexões passamos agora à análise do perfil e entrevistas feitas com os alunos do campo de pesquisa.

Capítulo 3: Os jovens da escola da EJA-EM

Neste capítulo de formação empírica iremos buscar responder questões fundamentais para a compreensão da vivência de juventude dos alunos da EJA-EM. São elas: Qual o perfil dos alunos jovens (de 18 a 29 anos) pesquisados? Quais são as redes de apoio que os jovens estudantes trabalhadores têm ou não para viver sua juventude no território de Angra dos Reis? Responderemos a estas questões através da análise dos dados coletados sobre o bairro e a escola e das informações trazidas pelos questionários e entrevistas.

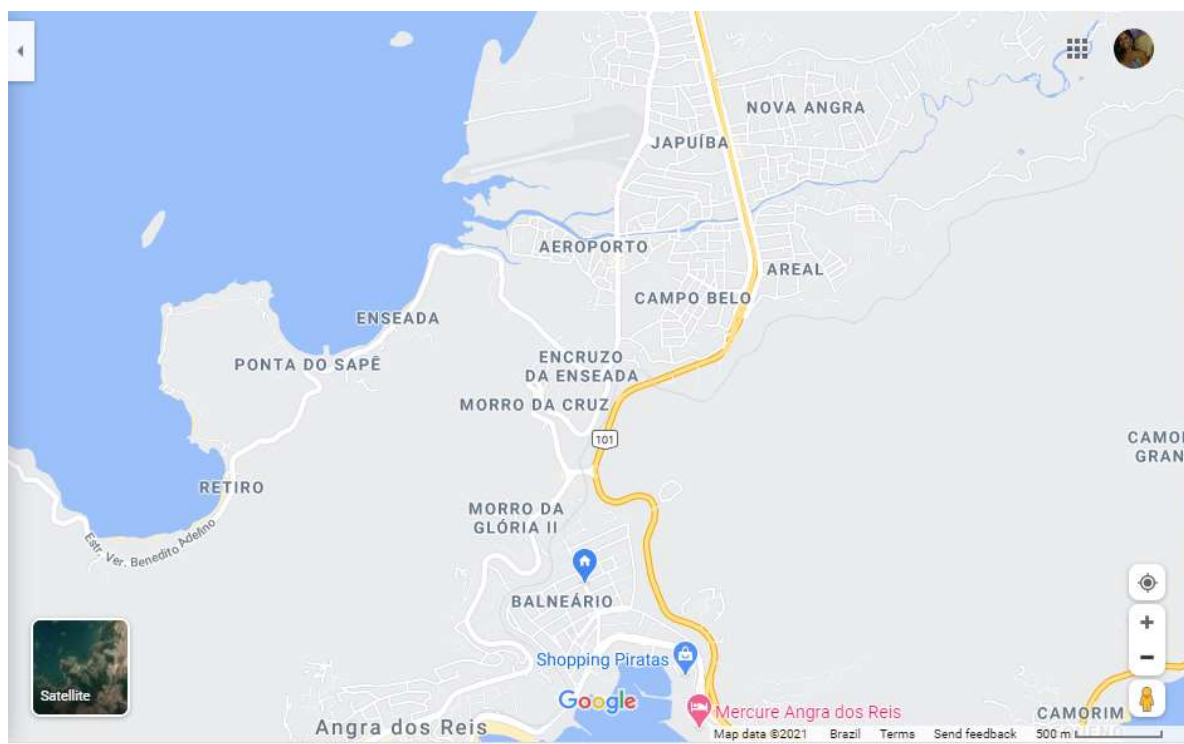
3.1- O bairro e o Ciep

O bairro Areal se caracteriza por ser um bairro de periferia da cidade, ficando às margens da Rio-Santos. Suas casas de alvenaria são todas no plano tendo a Mata Atlântica ao fundo, o que lhe confere características territoriais importantes para que seja alvo de facções criminosas em disputa por território no bairro, por ser a mata região estratégica para seus negócios ilícitos.

As informações trazidas neste tópico sobre matrícula, etapas e modalidades atendidas no colégio se referem aos anos de 2019 e 2020.

Os equipamentos do poder público no local são o posto de saúde e o Ciep, este último é um colégio de Ensino Médio com aulas diurnas e noturnas para alunos do próprio bairro e bairros vizinhos que não ofertam a etapa e modalidade EJA.

Mapa 3 – O Areal e os bairros ao entorno.



Fonte: Google Maps.

A escola é considerada de fácil acesso, localizada no 2º distrito chamado Cunhambebe. Os alunos da Ilha Grande, sertões e 1º e 3º distritos são atendidos nos demais colégios nestas áreas, totalizando 7 colégios estaduais de E.M. regular e na modalidade EJA no município.

Ciep 055 João Gregório Galindo, escola que no ano de 2020 deixou de atender aos alunos do Ensino Fundamental na segunda etapa, passando a se caracterizar por ser um colégio apenas de Ensino Médio, no diurno com E.M. Empreendedor e a noite com o E.M. regular e na modalidade EJA, numa comunidade em que os jovens estão expostos a vulnerabilidade social, são considerados pela equipe diretiva como bons alunos e não possuem projetos e programas específicos implementados para dar suporte a sua vivência de juventude.

No perfil dos alunos do Ciep do Areal, os estudantes estão assim caracterizados: 54% dos alunos são homens e 46% são mulheres (Gráfico 1 - Perfil dos alunos), 39% são imigrantes predominantemente da própria região do sul do estado, seguido da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e depois do Nordeste, situação que no ensino fundamental na EJA¹⁵ se inverte

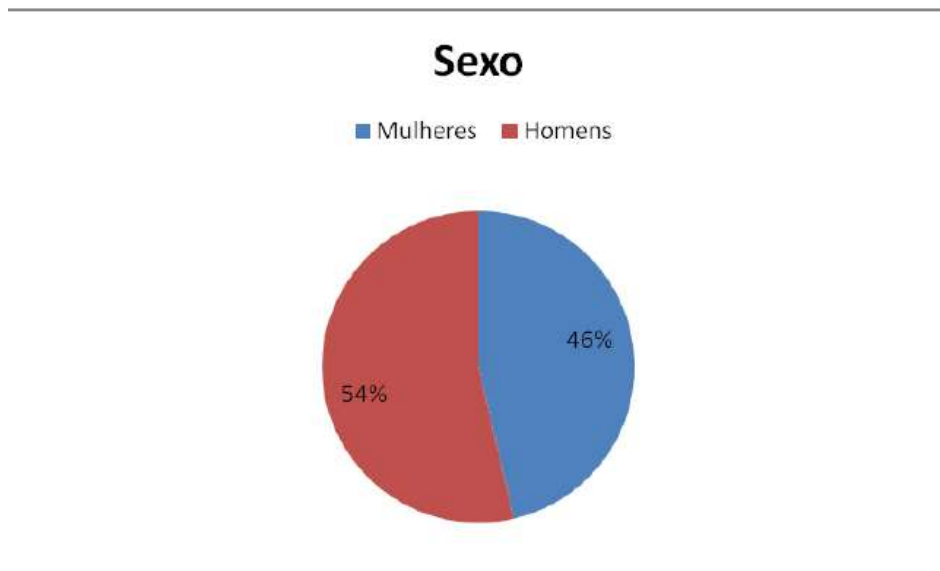
¹⁵ Dados coletados do Sistema de informações e estatísticas da Secretaria Municipal de Educação, no endereço: sectonline.com.br.

sendo o maior número de imigrantes da região metropolitana, seguido do Nordeste e em terceiro da região do sul do estado.

Esses dados batem com as informações obtidas na pesquisa descrita na introdução sobre a Ilha Grande e a cidade de modo o geral e confirma a tendência histórica do município absorver pessoas para postos de trabalho, vindas de outras áreas do estado do Rio de Janeiro e de outros estados do Brasil.

3.2 Perfil dos estudantes

Gráfico 6 – Sexo: mulheres e homens



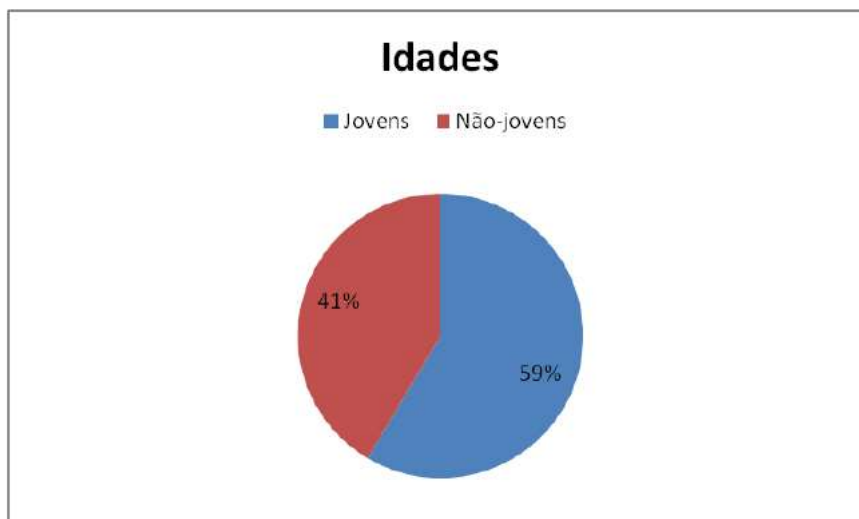
Fonte: Questionário aplicado no Ciep do Areal

São pretos e pardos, de acordo com a autodeclaração, 50% dos alunos (Gráfico 2). Quando se trata do local de moradia, naquele momento, declararam morar em comunidade 45% dos pesquisados.

Gráfico 7 – Cor e raça

Fonte: Questionário aplicado no Ciep do Areal

Jovens somam 59% da amostra e não jovens 41% - Gráfico 3, seguindo esta linha, 60% são solteiros e 75% não têm filhos.

Gráfico 8 – Idades

Fonte: Questionário aplicado no Ciep do Areal

Resumindo este perfil temos uma EJA – EM no Areal composta em sua maioria por um grupo de alunos/as trabalhadores/as, da periferia da cidade, com uma leve maioria de homens, de pretos e pardos, moradores de comunidades, majoritariamente solteiros/as e sem filhos.

Trabalhar e estudar – intermitências, recorrências e ambiguidades

39% dos alunos começaram a trabalhar entre 10 e 15 anos e 34% de 16 aos 18 anos e apenas 12% após os dezoito anos – Gráfico 5, o fato de começar a trabalhar ainda na fase inicial da juventude não foi bem-visto por eles que identificam essa dobradinha como prejudicial aos seus estudos. Mas ao mesmo tempo pontuaram que o trabalho os incentiva continuar seus estudos reconhecendo que para melhorar suas condições de trabalho precisam continuar seus estudos.

Gráfico 9 – Trabalho

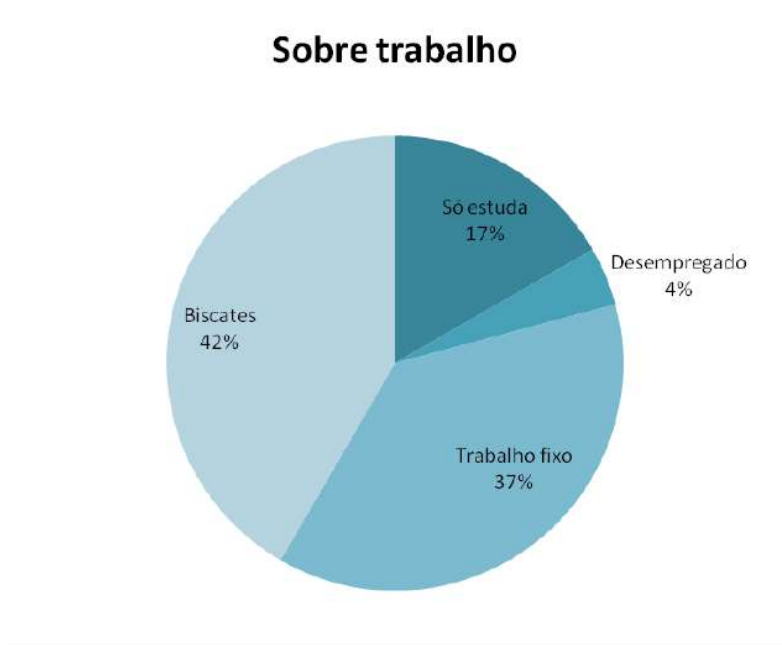
Com que idade começou a trabalhar?



Fonte: Questionário aplicado no Ciep do Areal

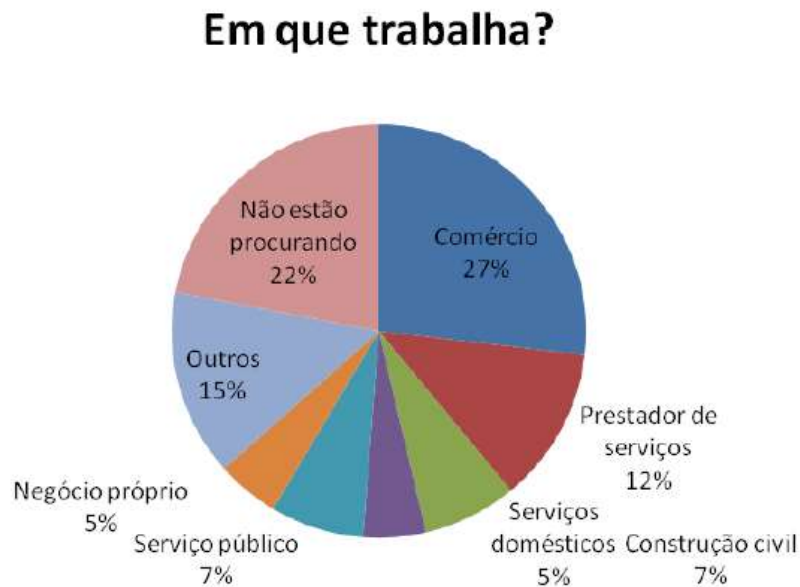
95% apontam que em algum momento já trabalharam e estudaram e 78% disseram estar estudando e trabalhando à época da pesquisa – Gráfico 6, fazer as duas atividades de forma concomitante e avaliam em sua maioria que este contexto não atrapalha seus os estudos.

Gráfico 10 – Trabalho 2



Fonte: Questionário aplicado no Ciep do Areal

Gráfico 11 – Trabalho 3



Fonte: Questionário aplicado no Ciep do Areal

Em relação aos setores de trabalho mencionados estarem ligados atualmente podemos analisar as ocupações no gráfico 11, revelando que o setor de serviços e comércio predomina nas ofertas de trabalho oferecidas aos jovens sem qualificação.

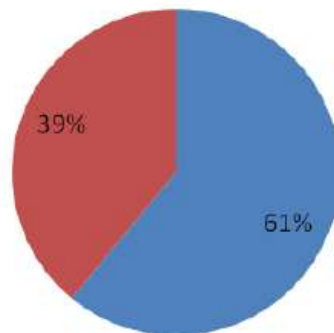
Diante da declaração de 4 alunos que não estavam procurando trabalho, fizemos as seguintes perguntas para eles: Você poderia dizer por que não está procurando trabalho no momento, sendo a resposta de um dos alunos muito interessante para pensarmos a noção de moratória social. “Não estou procurando trabalho, pois já trabalhei muito e agora meus pais é que estão me sustentando.” Sabemos que há todo um jogo social que permeia as respostas num contexto em que estávamos, mas também sabemos que há uma intenção clara em se responder de determinada maneira quando se está fazendo parte de uma pesquisa, o que se quer que o pesquisador pense e intérprete.

Não podemos esquecer também que a desistência de busca por trabalho, chamada de desalento, é um dos fenômenos mais preocupantes hoje, atingindo principalmente os jovens em situações vulneráveis.

Gráfico 12 – Local de Origem

Local de Origem

■ Angrenses ■ Imigrantes



Fonte: Questionário aplicado no Ciep do Areal

Esses dados já trabalhados nos fazem definir a EJA EM no Ciep do Areal como de maioria pretos e pardos, com ligeira alta de homens ao invés de mulheres, trabalhadores em situações precarizadas de trabalho, quando o município passa por intensa crise no setor naval, no TEBIG e de emprego de um modo geral.

3.3 Um mergulho qualitativo - análise das entrevistas com Lucas, Maycon, Ronny, Antônia e Mary

Procedimentos metodológicos

[...] jamais houve um contrato tão carregado de exigência tácitas como um contrato de confiança. (Bourdieu 2008)

Trazer aqui revelações e informações dadas por jovens de como vivem sua juventude, é uma honra e ao mesmo tempo um desafio muito grande, os cinco jovens que aceitaram conversar, trazem de sua experiência aspectos relacionados ao cotidiano da juventude que acontece na cidade e ao mesmo tempo questões tão particulares como medos, abandonos, invisibilidades, revelam sonhos muito particulares aos quais se apegam e como suas famílias têm sido importantes nos momentos de crise, cada um com suas peculiaridades mas com linhas gerais que demonstram uma forma de ser jovem dependendo do lugar que se ocupa na sociedade angrense(o matador de mato no pasto, o imigrante desempregado que retornou para sua terra natal, o supervisor de uma clínica, a imigrante que só conta consigo mesma e a que atualmente nem estuda e nem trabalha).

Em cada posição desta reconhecem algumas das desigualdades que os atingem mas de modo geral, todos demonstraram uma força pra continuar sua trajetória escolar mesmo que em alguns momentos as condições de trabalho os obrigue a parar de estudar, lembremos que se trata de alunos que estão na EJA-EM, ou seja, estão na modalidade por já trazerem um histórico de abandonos e desistências longas ou curtas da escola, mas reconhecem nela seu valor fundamental para a formação e capacitação para o trabalho.

Inspirados nas palavras de Bourdieu (2008) quando diz: "Não deplorar, não rir, não detestar, mas compreender", assim utilizaremos a análise compreensiva das entrevistas, método desenvolvido por este autor e colaboradores como um trabalho minucioso de análise global das falas, da realidade e do contexto em que os entrevistados dizem o que dizem, pensam e se comportam de tal maneira. Em nosso caso nos auxiliará a compreender como os alunos pesquisados foram se tornando jovens, como compõem escola com trabalho e suas redes de apoio para sua vivência.

Para manter suas identidades preservadas trocamos seus nomes reais por nomes fictícios pelos quais os iremos chamar durante todo o trabalho.

Para nos guiar nesta segunda etapa deste capítulo utilizaremos a seguinte questão: Quais são as redes de apoio que os jovens estudantes trabalhadores têm ou não para viver sua juventude no território de Angra dos Reis? Para isso utilizamos como temáticas: os conceitos-chaves que foram trabalhados no capítulo anterior e que agora voltam em forma de roteiro para ouvir dos jovens sua experiência: Juventude, Moratória social (em especial a ofertada por políticas públicas), Desigualdade e Fronteiras e mudanças no território da cidade nos últimos anos (de 2015 a 2020)

O roteiro seguido foi o seguinte:

1 -Apresentação do participante

2 -Pergunta 1: Como é ser jovem para você? Foram problematizadas neste contexto: as dificuldades (violência, preconceito etc...), apoios recebidos, gênero, o dia a dia/rotina, estudo e trabalho, E.M. como status e responsabilidades de adulto.

3 -Pergunta 2: Quais oportunidades Angra dos Reis oferece para os jovens? Quais você aproveita? Em que locais acontecem? Foram problematizadas as seguintes áreas: esporte, lazer, transporte, cultura/teatro, educação, trabalho e como é estudar e trabalhar ao mesmo tempo.

Os critérios para seleção dos alunos a serem entrevistados foram: foram selecionados alunos representativos do perfil geral delineado a partir da análise do questionário aplicado em 2019. Por ser um banco pequeno optamos por entrevistar 5 alunos que se encaixavam nas seguintes características:

- Homens (leve maioria nos números da escola), negros e pardos entre 20 e 24 anos
- Mulheres, entre 21 e 29 anos
- Nascidos na cidade e imigrantes
- Trabalhadores e alunos em busca de emprego.

Esses critérios são relativos ao contexto em que viviam em 2019. O que se apresentou com pequenas diferenças agora durante o ano de 2020.

Trato a seguir de um panorama geral que de certa maneira envolve a todos os entrevistados, em seguida a partir das conversas por telefone, mensagens de texto e voz no WhatsApp, maneiras que encontramos depois de várias tentativas com chamadas de vídeo pela internet ou pelo WhatsApp, através das quais não obtivemos retorno para criar um canal de diálogo com eles, vamos mediando as falas desses jovens com reflexões que as ligam com a realidade da cidade já analisada no primeiro capítulo e também com a parte teórica desta dissertação.

Ainda sobre a forma de contato que foi viável para realizar as entrevistas, vemos duas questões importantes que nos intrigaram, a primeira é sobre o fato de os jovens se sentirem mais à vontade hoje em não se apresentar em vídeo, estaria esta situação lhe proporcionando não ter que lidar com suas vergonhas ou não ter que expor aspectos ligados ao local onde mora e a forma como vivem? E a segunda é que de fato a pandemia vai mudar definitivamente as nossas formas de comunicação.

Parte fundamental das entrevistas sempre foi a análise do gestual, da imagem, da forma de se portar no espaço aliada a análise das falas propriamente ditas (Bourdieu 2008), talvez para alguns hoje estar frente a frente com o entrevistador seja um limitador de sua expressão e da exposição suas ideias, reconhecendo no mundo virtual um caminho para lidar com essa timidez. Pensando na prática de pesquisa que teremos daqui para a frente com todas as mudanças estruturais que a pandemia vem nos impondo será fundamental discutir mais sobre essas experiências.

Por outro lado, percebemos também que poderia haver barreiras práticas relativas ao uso de dados do pacote de internet dos alunos, pois assim que mudamos a estratégia de utilizar uma chamada de vídeo para uma ligação telefônica, que seria feita para eles, os alunos toparam. Como são muito recentes essas novas realidades de comunicação, cabe uma análise posterior sobre as implicações do uso da tecnologia a partir desse momento na pesquisa social.

Pensando no contexto geral de onde falam os entrevistados, é importante salientar questões que já foram trabalhadas no capítulo um quando tratamos do território, a violência na cidade que se intensificou nos últimos 6 anos sendo uma interrupção no cotidiano da população de um modo geral e em especial em bairro como o Areal, bairro da escola, sendo assim cenas descritas pelos alunos não era rotina da maior parte da cidade até meados de 2017 e que de forma dramática passou a fazer parte do seu cotidiano.

Também é importante o fato da violência ao não ser abordada diretamente por eles demonstra um tabu sobre o assunto em especial a questão dos jovens se envolverem com tráfico de drogas, 4 dos entrevistados citam a questão dizendo que é um problema os jovens estarem à mercê de se envolverem com o tráfico e que de maneira geral são os próprios jovens que escolhem suas vidas, mas esses são apontamentos feitos em meio a outras temáticas, não sendo dado muitos detalhes sobre o assunto.

A pandemia foi um divisor de águas para os alunos da EJA, posto que a maioria parou de estudar neste período, por questões relativas a encaminhamentos do setor público que num primeiro momento, não deu de imediato a EJA caminhos para o ensino remoto, pararam de estudar também pela falta de acesso às plataformas e dificuldades das mais diversas em relação ao seu uso e meios remotos que o poder público colocou em movimento num segundo momento.

De uma maneira geral eles fazem uma divisão não muito precisa no tempo para ressaltar que a cidade já apresentou melhores condições de cultura lazer esporte para juventude. Fizeram uma divisão clara dos investimentos nessas áreas pelo poder público na cidade em anos anteriores e agora. Uma expressão muito citada por eles é: "*hoje em dia não tem mais*", não são ofertadas essas oportunidades. Eles não citam a pandemia como motivo para isso sua visão é de que a cidade não se importa com a juventude que tem, podemos dizer que com parte de sua juventude.

Em alguns casos fomos confirmando que essa é uma frase muito utilizada na cidade e que se por um lado revela o grau de abandono sentido pela sociedade, por outro revela também uma invisibilidade das ações que se efetivam na cidade e que poderiam contribuir para uma melhor qualidade de vida, como já foi demonstrado no primeiro capítulo.

E por último ressaltamos as questões ligadas a mobilidade urbana que em Angra é muito diversa por causa da topografia do município, que apresenta lugares de fácil acesso que são as comunidades que se desenvolveram nas encostas ao longo da Rio-Santos com a Mata Atlântica ao fundo, outros lugares de difícil como as comunidades localizadas nas ilhas com transporte marítimo regular e outros ainda de difícil acessibilidade compostos pelos sertões, zonas rurais e ilhas isoladas com habitantes.

Há bairros no sertão, por exemplo, nos quais não passa ônibus e há outros que tem uma ligação extremamente fácil com centro da cidade através da BR, mais uma das formas desiguais a que o jovem está exposto. Os alunos que frequentam o Ciep do Areal moram em parte dessas diferentes regiões, sendo a escola como as demais de EM polo onde se agrega alunos de bairros na maioria das vezes próximos a escola, mas há casos em que é necessário um gasto enorme de tempo e recursos para se chegar à escola como no caso de Lucas.

Apresentação dos entrevistados – achados da pesquisa

No primeiro momento de análise recorreremos ao formato visual da nuvem de palavras para nos auxiliar no reconhecimento de ideias centrais das entrevistas, utilizando este recurso de mídia foi possível analisar a partir da importância e recorrência de determinadas palavras nas respostas a entrevista, o que nos possibilitou criar uma disposição visual das temáticas mais relevantes, favorecendo assim ressaltar tais aspectos na análise que fizemos.

Assim se constituiu as ideias principais.

Imagem 1 - Palavras-chaves das entrevistas



Fonte: transcrição das entrevistas.

LUCAS - O matador de mato no pasto.

“Não tem muita oportunidade, bem dizer tem, mas não é pra gente!”

Lucas é um jovem negro de 22 anos, casado que estudou na NEJA 2 o ano passado. As questões relativas ao mundo do trabalho são para Lucas um dos grandes temas de sua vida desde a adolescência. Relata que ao começar a trabalhar aos 14 anos precisou parar de estudar, e essa descontinuidade entre escola e trabalho, durou por toda a sua vida escolar.

Em sua fala espontânea aponta pelo menos quatro vezes em que apenas trabalhou devido a horários e trabalhos incompatíveis com a escola. O que não se mostra diferente neste momento, pois o trabalho atual, o extenua física e emocionalmente em uma grande empresa agrícola da região como matador de mato no pasto e que não exige qualificação, continua o impedindo de estudar.

Seus trabalhos foram de difícil conciliação com os estudos devido a horários, desgastes físicos e mentais provocados pelo tipo e condições precárias (trabalhos com carga horária de mais de dez horas diárias que não lhe permitia chegar à escola que fica a pelo menos uma hora de ônibus de sua residência). Esse tipo de trabalho é o ofertados para jovens que como ele vivem num isolamento territorial na zona rural da cidade, sem facilidades de transporte e ofertas de escolarização, formação, lazer e cultura próximas de sua residência.

Atualmente é casado e demonstra muita preocupação com as responsabilidades que tem com a família, razão de sua prioridade e foco no trabalho devido a ser o responsável por manter financeiramente sua família: *“tem que sustentar a família, tem que caçar um serviço porque tem família pra sustentar”* (Lucas), mesmo tendo dito que sua esposa também trabalha.

Refletindo sobre as questões de trabalho e juventude diz que há falta de oportunidades de empregos que levem em consideração as dificuldades de vida (mobilidade urbana, necessidade de estudar, isolamento geográfico) e a pouca qualificação e experiência dos jovens.

Acrescenta de maneira impactante que as autoridades não conseguem ver os jovens que vivem neste contexto de estudo e trabalho, que esses são invisibilizados pelo poder público, não recebendo investimentos: *“infelizmente eles não vê o jovem, eles não vê com o olho, tipo assim 'Ah ele é jovem e ele trabalha, ele estuda, eles precisam de alguma coisa?'. Eles pensam que a gente já tá até perdido assim.”*(Lucas)

Houve mudança das regras para a escolarização neste momento de pandemia, o que supostamente poderia facilitar o acesso à aprendizagem dos que têm barreiras físicas para estar no espaço escolar, mas Lucas traz questões relativas as demais desigualdades e os jovens em condições desfavoráveis de classe e renda passam a enfrentar neste novo contexto: ele hoje não estuda não por não ter acesso a plataforma mas porquê sente uma pressão relativa ao volume de atividades, seu cansaço e o tempo para assumir todas as responsabilidades que tem.

O casamento é um divisor de águas na vida de Lucas pois com ele ganhou outras responsabilidades que só dá conta com muita dedicação: construção da própria casa, pagar todas as despesas, aguentar estar no trabalho precário para não ficar desempregado.

Ao dizer que teve que parar de estudar novamente na pandemia, nos mostra que neste momento não é apenas uma questão de acesso ao ensino remoto ou online que conta, os entraves para a inclusão digital são de diversas ordens e se apresentam com maior força neste momento, inclusão não é apenas ter acesso ao meio digital é ter condições de usá-lo deve levar em conta as condições de tempo dedicado ao estudo, adequação da linguagem, do volume e tipo de atividades. *"É porque fica muita coisa para mim fazer e eles colocam tudo num dia só e aí não dá tempo para eu descansar, e o sábado e domingo é o dia que eu tenho para resolver a minha vida, para pagar uma conta resolver alguma coisa e também é o dia que eu tiro para fazer a obra da minha casa aí eu não tenho tempo nenhum."*(Lucas)

Essas questões nos levam a refletir que as barreiras para jovens em sua condição são sistemáticas e permanecem mesmo trocando-se contextos específicos como: o trabalho em si, se todos vão exigir uma carga horária extenuante que retroalimenta a falta de qualificação, posto que tem que parar de estudar para trabalhar, ficando a possibilidade de maior qualificação para obter melhores empregos sempre postergada. Ou ainda a forma de oferecer a formação acadêmica se ela não vai levar em consideração questões como as levantadas no parágrafo anterior.

Lucas tem uma visão muito descrente da atuação das instituições na cidade, diz que falta oportunidades para os jovens, mais precisamente para jovens como ele (pobres, negros, de periferia). Aponta que a cidade de Angra dos Reis proporcionava esportes para as crianças nos bairros e que atualmente isto não acontece mais, na verdade como dito no primeiro capítulo ainda há atividades esportivas acontecendo, mas elas não se destinam mais enquanto políticas públicas para seu bairro.

Tem clareza que acontece um racismo institucional da polícia com os jovens negros. Analisando dados da violência no município encontramos que a maior parte dos presos por tráfico e venda de entorpecentes são de jovens negros (gráfico Retrato da criminalidade na região discutido no primeiro capítulo). Esta situação os coloca na mira das autoridades policiais, muitas vezes sem motivo, de forma seletiva, segregadora e violenta.

Ele ressalta que a família é quem lhe dá uma rede de apoio para vivência da sua juventude, ela que o aconselha, que o acompanha em todos os momentos seja nos mais difíceis ou nos momentos de lazer, lhe dá forças para continuar mesmo diante de situações estressantes. Importante ressaltar que ele não cita como parte desse apoio questões objetivas como pagar cursos, ajudar com a compra de bens materiais, mas seu foco é na orientação é no que essas pessoas lhe dão de apoio emocional e a experiência de vida. Lucas incorpora o enteado como família, ou seja, é mais uma responsabilidade para ele.

As fronteiras impostas a este trabalhador estudante estão relacionadas as dificuldades de conciliar escola e trabalho o que garantiria a continuação da sua qualificação, sendo uma constante em seu percurso a intermitência na trajetória escolar e nos postos de trabalho, há barreiras de espaços, tempo e de tecnologia e há barreiras individuais impostas por esse contexto: cansaço, desmotivação, descrença nas instituições públicas. Não há oportunidades de crescimento profissional e intelectual para um jovem que trabalha doze horas em um serviço extenuante que não lhe possibilita crescimento. Lucas coloca isso de uma forma muito lúcida: *"A gente perde muita oportunidade também pela dificuldade que a gente passa."*(Lucas).

MAYCON - O imigrante desempregado

"Eu posso levar isso aí no peito!"

Maycon é um jovem negro de 21 anos, imigrante que já retornou para sua cidade natal no início da pandemia em 2020, viveu em Angra durante 8 anos, atualmente está casado e tem um filho de 2 anos. Em 2019 foi aluno do NEJA 2.

A grande temática de sua vida é a família. Ressalta que ter uma família era seu sonho de criança e a vê como um bem maior, ela guia seus pensamentos e ações em várias situações. Esse sonho traz responsabilidades que pesam: *"De vez em quando eu mesmo me sinto pressionado"* (Maycon) Se coloca como o responsável de prover materialmente sua família

(esposa e filho) e que esta responsabilidade apesar de lhe pressionar o incentiva a se manter no trabalho e a voltar a estudar assim que for possível, visto que teve que sair do NEJA para voltar a trabalhar no mesmo período que voltou para sua cidade natal.

Maycon ressalta que Angra oferece oportunidades para os jovens principalmente na área de estudos, e diz que o esporte é um campo que já foi de muitas ofertas de crescimento em especial através da participação no time de futebol da cidade, do qual fez parte. Maycon sendo imigrante tem uma relação diferente com a cidade, que num primeiro momento viu com estranheza por não ser um lugar de roça como imaginava, diz que criou laços de amizade e que sempre foi respeitado. Os imigrantes representam em torno de 30 a 40% dos alunos da EJA no município, portanto sua condição é de relevância para esta análise.

Fala de questões relevantes como a violência policial, que na sua visão não atinge somente a população negra, o que configuraria racismo, mas atinge aos pobres de maneira geral e aos jovens imigrantes de modo particular por serem alvo de questionamentos, tais como: sob que circunstâncias vieram para a cidade, se estão foragidos de outros lugares, se mataram alguém e vieram se esconder na cidade.

Não toca na questão da atuação do poder público para a manutenção da moratória para os jovens diretamente, mas ao identificar ações que eram implementadas em tempos anteriores e que não são mais, reforça nossa hipótese de que há no município uma moratória social descontínua, entrecortada, que se modifica de acordo com ações governamentais.

Aponta de diversas maneiras as questões de conflito da juventude com o mundo do trabalho: fala de indicações políticas, da falta de experiência dos jovens diante de funcionários mais antigos, e os conflitos que isso gera, mas seguindo este mesmo raciocínio diz não achar justo que os mais velhos com experiência sejam demitidos por conta da formação e qualificação dos mais novos, nesse ponto mostra um conflito entre ler a realidade e dentro dela ter as suas necessidades atendidas, fala ainda da disputa de cargos dentro do trabalho.

Ressalta de maneira muito interessante as dificuldades na disputa por um emprego entre jovens inexperientes, mas com qualificação e adultos que têm vasta experiência, mas sem formação acadêmica, e acrescenta que todos perdem seus empregos para os indicados políticos o que classifica como injusto. Neste ponto abre uma discussão interessante sobre o fato de que sem o Ensino Médio não se consegue emprego. E continua: quanto mais pessoas concluem o E.M. mais difícil fica para quem não tem essa formação.

Questão trazida por Bourdieu (1983) quando fala da crise dos diplomas na década de 50 e 60 na França, onde quanto mais pessoas obtinham o diploma ao que equivaleria ao nosso Ensino Médio mais esse diploma era desvalorizado, ou dito de outra forma, quanto mais pessoas o obtinham era necessário investir em uma formação maior para se diferenciar e agregar capital cultural. Essa crise no Brasil é recente, e como bem mostra a saída dos alunos da EJA na pandemia, ela não vai se manter por muito tempo. Podemos estar diante de um apagão do Ensino Médio. Onde mesmo com o diploma, a próxima geração, não conseguirá bons empregos, visto que os sistemas de ensino estão optando pela não reprovação aliada a uma flexibilização da construção do conhecimento.

A pandemia traz uma cisão de um processo que vinha em crise, mas não por isso traz novas soluções para antigos problemas de inclusão dos alunos pobres no sistema escolar. Esta, sem dúvida, é a fronteira mais regulada através da qual Maycon e os alunos da EJA-EM tentarão se mover daqui para frente.

É de maneira insistente que ressalta a importância de cada um buscar se desenvolver e que a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso é inteiramente pessoal.

Suas falas recorrentes sobre as indicações políticas serem o caminho para o emprego no município, soam como um ressentimento para justificar o fato de que não conseguiu ficar em Angra, não porque não haja oportunidades, porque a cidade fechou uma quantidade enorme de postos de trabalho, e nem sequer porque as oportunidades que existem são desigualmente distribuídas, mas porque ele não conhece um vereador. Assim mesmo, ele não desistiu de Angra. Ele escolheu voltar para São Gonçalo para ficar junto da avó que está doente e necessitando de apoio que seu pai e seus tios não estão podendo lhe oferecer.

Peregrino (2010) ao analisar as turmas de uma determinada escola em que realizou sua pesquisa de doutorado, chama de modo reto de escolarização ou caminho reto e rígido o que experienciam os estudantes considerados bem-sucedidos das classes populares que para serem considerados “os melhores” precisam cumprir com rigidez certas normas de conduta estabelecidas pela instituição escola, não sobrando margem para a mobilização das múltiplas potencialidades humanas.

Aqui tomamos o conceito de caminho reto e rígido que a autora utiliza para leitura do espaço escolar e o extrapolamos para além das vivências nesse espaço, e em diálogo com a

própria autora vamos utilizá-lo para falar das normas e códigos que se impõem na vivência da juventude pobre, periférica e em especial aos negros dentro dessa categoria.

Essas normas e condutas foram assim definidas por um dos entrevistados:

“ser jovem hoje em dia no mundo em que vivemos não é fácil, todos sabem disso. Mas podemos encontrar maneiras de viver, bem dizendo podemos escolher entre o bem e o mal. Muitas pessoas jovens hoje, preferem fazer o mal, mas outras preferem fazer o bem, ajudar os outros, conforme ajudar a si mesmo também. /Ninguém deseja ficar para trás, mas também ninguém deseja sair na frente do outro. /Muitos pensa: ‘Ah ele tem e eu não posso ter.’ Às vezes se iludi com muitos fatos e muitas coisas erradas.” (Maycon - depoimento oral)

Entre inúmeros outros trechos em que transparece uma espécie de protocolo de ação que irá garantir o sucesso individual, este caminho como diz Maycon é difícil para todo mundo. Diante desta fala nos fizemos o questionamento sobre quem é “todo mundo” de que ele fala? Ele não passa a impressão de ter uma consciência de que este caminho não é para todos, mas que atinge de maneira especial o público da EJA-EM.

Maycon relata que tem uma rede de apoio que se estabelece principalmente a parte da família do pai e amigos, não define bem o papel deste último, mas faz questão de reafirmar que é uma pessoa querida e que tem boas relações, aqui reforça mais uma vez a necessidade de seguir o caminho reto e que esse caminho reto traz benefícios e vantagens: ser querido, conseguir emprego, ter amigos. Fala da escolaridade como um processo importante para continuação de sua vida, para atingir seus objetivos.

Toca no ponto do racismo de maneira indireta, acredita que há pessoas racistas e quem sofre o racismo deve se mostrar superior e não ser violento, demonstrando assim seu valor e dignidade.

Único momento em que cita escola ele cita como meio de conseguir informações sobre as oportunidades da cidade. Ele fecha sua fala dizendo que o desenvolvimento e a desenvoltura da sociedade atualmente levam os jovens a estarem mais soltos e confiantes para se comunicar com as outras pessoas.

Diz ser motivado em todos os momentos pela esposa, que segundo ele não o deixa esmorecer, busca alegrá-lo e é quem apresentou cursos e outras coisas importantes para ele na cidade além de o aconselhar, o filho que ele cita também como uma pessoa que lhe dá muito apoio, na verdade pelas circunstâncias indica ser junto com a esposa o motor que o impulsiona a se manter dentro desse caminho reto.

As fronteiras a que está exposto falam sobre desemprego ligado a baixa qualificação, bem como as fronteiras morais as quais se impõe onde o indivíduo é responsável por seus sucessos e fracassos bem como por seu valor diante dos outros, ou seja, Maycon não reconhece o papel das classes, das desigualdades, da injustiça social no que está vivendo! Para ele a responsabilidade do que impacta o cotidiano e a vivências é somente do indivíduo que vence por seus próprios méritos ou de sua família de origem.

Ser responsável por uma família acrescenta a fronteira da responsabilidade da vida adulta ao seu rol de fronteiras limitantes em que não lhe é permitido fazer experimentações e errar e acertar livremente sem o peso dessa responsabilidade, mas ainda assim como também acreditamos essa condição específica não encerra a vivência da juventude para Maycon, ele afirma essa noção quando diz:

Hoje em dia eu já me tornei um homem e já tenho uma família mesmo sendo novo, já posso conquistar meus objetivos, mesmo eu voltando a estudar para terminar que para mim só falta mais um ano, eu posso conquistar meus objetivos, por que não é questão a já tá numa idade avançada, Eu tô naquela meia idade ainda com 21 eu posso conquistar coisas pela frente conquistar na escola tentar fazer uma faculdade.
(Maycon - depoimento oral)

Para pensar o quanto o trocadilho com as seguintes palavras: “meio jovem, meio adulto, não mais jovem e nem adulto” próprios da transição da juventude para a vida adulta e presente na fala de Maycon transcrita acima, nos permite pensar sobre a condição juvenil na atualidade, retomamos alguns conceitos chaves trabalhados nesta dissertação e os conectamos num esforço de avançar nas reflexões sobre a vivência da juventude tema central desta pesquisa.

O primeiro é o de fronteira, quando MEZZADRA E NEILSON (2017) nos afirmam que as fronteiras podem ser temporárias, voláteis e servir de membrana para filtrar os fluxos mais do que os impedir de forma definitiva, nos possibilita utilizar essa noção para desenvolver a análise de outro conceito que estamos utilizando que é o de moratória social no que se refere a sua oferta e retirada diversas vezes dos jovens ao longo de seu processo de socialização, permitindo assim um prolongamento da fase de juventude mesmo para indivíduos que em certas áreas de suas vidas já fazem parte do mundo dos adultos. Dito de outra maneira reconhecer essa descontinuidade das fronteiras nos ajudam a analisar a descontinuidades das políticas públicas também.

RONNY - o supervisor de uma clínica

"A nossa oportunidade de mudança é agora, escolher nosso caminho."

Ronny é um jovem pardo de 22 anos, natural de Angra dos Reis, mora com a esposa. Traz como temática principal as oportunidades de formação/qualificação/emprego para os jovens na cidade, demonstrando grande preocupação com o desemprego. Destaca que o ensino médio é muito valorizado e que faz diferença terminá-lo. Dá como exemplo a própria experiência: ele se formou no final de 2019 e nos contou que ter o diploma do EM facilitou conseguir o emprego atual. Diz que tem planos futuros de continuar a sua formação acadêmica. Sua mobilidade em relação a escola o facilitou nesse processo: Ronny tem apenas uma ponte separava separa o bairro que mora do bairro da escola isso lhe dava facilidade de estar a 5 minutos da escola.

Ronny tem uma história não muito comum de experiência com trabalho mesmo estando em empregos exigentes não sentiu que no início trabalhar e estudar foi uma experiência ruim: começou a trabalhar vendendo bala no sinal por conta própria e que após teve uma experiência de trabalho com o cunhado em uma empresa de restauração de lanchas, essas experiências iniciais, como ele cita no questionário não interferiram no estudo e lhe proporcionar um crescimento.

Trabalhar e estudar para Ronny foi uma das coisas mais difíceis segundo ele, na última etapa do ensino médio teve algumas crises com relação a permanecer no trabalho, mas com o apoio da esposa e da irmã conseguiu se reequilibrar e continuar no emprego, que exigia muita dedicação de sua parte. Sua rede de apoio é a família com orientação e conselhos para que possa ter uma vida melhor, esse apoio é muito mais emocional e de incentivo do que sobre questões materiais.

Em relação a assumir responsabilidades de adulto destaca que já se sentiu muito pressionado, mas que atualmente lida bem com essa questão, ou seja, o fato de manter a família e o emprego exigente.

Sua condição se destaca do perfil geral dos alunos da EJA-EM, estando como supervisor de um setor de uma clínica onde as pressões, responsabilidades e condições de trabalho não se comparam com os empregos da maioria. Convive com a realidade do desemprego, tendo

consciência de que esta questão é relevante na cidade, que atualmente perdeu mais de 15 mil postos de trabalho em menos de meia década (2015 a 2019)¹⁶.

Se mostra com acesso a informações sobre políticas públicas, cita programas do governo federal com possíveis implementações na cidade, cursos específicos oferecidos no Sesi/SENAI, o que ele está dizendo que há oportunidades de qualificação, mas que não há emprego bem como oportunidades em outras áreas para a juventude.

Este aluno nos traz um elemento muito importante que é sobre o envolvimento cada vez mais crescente dos jovens em atividades ilícitas na cidade¹⁷, sendo um dos poucos que sobrevivem a esta passagem.

Cita a questão da violência como um grande problema da cidade que a seu ver de um ano para cá está apenas encoberto e não acabou, aponta que houve operações na cidade que deram essa falsa sensação de normalidade e de que a violência acabou.

Cita que a escola é muito criticada, mas que faz um trabalho muito bom e de qualidade, com uma visão positiva da atuação dos que lá trabalham.

As fronteiras a que está exposto dizem respeito à insegurança no ambiente de trabalho, as exigências de um trabalho que lhe cobra muita dedicação, estando ainda nas fronteiras mais ambíguas do sistema social em Angra, possui acesso à informação e ao mesmo tempo esteve bem próximo de se associar ao crime tem um emprego relativamente estável, mas a preocupação com o desemprego é constante.

ANTÔNIA - A imigrante que só conta consigo mesma

"Eu mesma meto a cara e vou."

Antônia é uma aluna imigrante, parda, vinda da Paraíba como quase 40% dos alunos da EJA-EM, mora em Angra há 14 anos. Trabalha na cozinha do Supermercado Rede Market, estuda no NEJA 2, tem 24 anos, não tenho filhos, é solteira e mora com os pais e as irmãs.

¹⁶ Dados da PNAD de 2019.

¹⁷ Vide gráfico Retrato da criminalidade na região no primeiro capítulo pág. 25.

Antônia foi econômica em suas palavras, mas em várias delas traz uma densidade de informações, expectativas e desejos que impressiona. Quando fala do papel crucial da formação acadêmica para mudança de vida que persegue apesar de todo o cansaço e dificuldades que o trabalho lhe impõe ou quando descreve a atuação da polícia e do tráfico de drogas no bairro com seus rituais violentos que invadem o cotidiano escolar do Ciep, citando apenas dois exemplos dessa densidade de suas falas a que nos referimos.

Vê como muito positivo estar no ensino médio e reconhece que as pessoas valorizam essa condição. Não fala das dificuldades pelas quais passou em sua trajetória escolar que a fizeram estar aos 24 anos ainda na metade do Ensino Médio. Em um primeiro momento ressalta que não foi difícil estudar e trabalhar, mas ao longo da conversa diz que em alguns momentos difíceis se apegava a realização dos objetivos que a formação na EJA-EM vai lhe proporcionar para superar tais dificuldades. Mas para isso há uma luta contra o cansaço, contra as dificuldades de estudar e trabalhar. Continua estudado, mesmo durante a pandemia, não apontando nenhuma dificuldade em se ambientar nesse novo modelo de ensino.

Se coloca como sozinha no mundo, sem apoio, mas deixou entrever o fato de contar com a família em determinadas situações e cita que tem amigos que a incentivam a continuar e manter o foco nos seus objetivos e não desanimar diante das dificuldades.

Sua visão sobre as ações do governo é bastante crítica, na verdade, ressalta que a ausência de ações revela um descaso com a população e com os jovens em especial.

Descreve de maneira detalhada as dificuldades vividas na escola em quase todas as outras do município de uns tempos para cá, por causa do tiroteio entre facções e dessas com a polícia, cita este fato como possível responsável pelo menor número de alunas do que alunos na NEJA.

Se mostra atenta às questões do contexto social e político que influenciam o cotidiano da escola e dos jovens. Antônia apresenta uma clareza sobre a realidade de violência cotidiana que sofre a maioria dos angrenses neste momento, lembrando que o bairro da escola se encontra entre os 15 que mais teve aumento da violência nos últimos anos.

As fronteiras que podemos perceber na trajetória dessa aluna são relativas ao fato de não apontar /não ver oportunidades para os jovens na cidade, sua visão é extremamente pessimista quanto a ação de governo na cidade impossibilitando estar aberta a possíveis oportunidades que surgirem através de políticas públicas mesmo que políticas de governo voláteis e descontínuas

como já destacamos que a maioria delas o são. Sua visão de não poder contar com mais ninguém além de si mesma, também chama a atenção pois da mesma forma que usamos a noção de caminho reto para Maycon, nos parece que aqui estamos novamente diante dessa visão de mundo que cria fronteiras de uma concretude comparada a dos muros.

MARY CAROLINE - a jovem que nem estuda e nem trabalha

"Antes quando eu era jovem!"

"A única coisa que a pessoa não pode tirar da gente é o nosso conhecimento né!"

Mary, é parda, tem 24 anos, mora com o esposo e por conta da gravidez e nascimento do filho a dois meses não está nem estudando e nem trabalhando no momento, mas pretende voltar assim que puder, inclusive apontou o desejo de fazer uma faculdade se tiver oportunidade.

Mary se enquadra na categoria nem-nem que vem sendo debatida atualmente no meio acadêmico, esse debate vem trazendo avanços sobre o mapeamento das condições que levam os jovens a esta subcategoria social, desmistificando o senso comum de que seriam jovens irresponsáveis e sem perspectiva de futuro.

Sua situação é bastante interessante pois nos permite analisar de perto este contexto de uma nem-nem. As condições que a levaram a esta categoria, já se impõe em nosso contato pela lojista que tivemos que planejar para que a entrevista pudesse ocorrer: precisava ser entre realização das atividades de cuidado de seu filho recém-nascido conciliando o horário e formato de comunicação possível: fizemos a entrevista mandando as perguntas por escrito e ela respondendo por áudio.

Mary responde à pergunta se tem responsabilidades de adulto e se isso pesa para ela mandando uma foto linda de seu bebê e diz que suas únicas responsabilidades no momento são cuidar dele, de sua casa e esposo. Ou seja, teve que parar de estudar e trabalhar momentaneamente para cuidar do filho, assumindo responsabilidades como a vida familiar, ela está longe desse perfil caricato da jovem irresponsável e demonstra que não desistiu de pensar

em seu futuro, apenas precisa dar prioridade a reorganização de sua vida familiar, antes de planejar seu futuro.

Mary descreve uma infância com muitas dificuldades em que contou com o apoio material e emocional de pessoas fora de seu vínculo familiar. Se coloca como adulta e diz que não teve juventude em função de sua história de vida que a obrigou a ser responsável por si mesma a partir dos 14 anos.

Tem uma visão muito negativa sobre a escola e a forma como esta lida com os estudantes, deixando fazer o que querem e não se importando em motivá-los e auxiliá-los em sua trajetória escolar. Chega a confundir a escola com poder público de modo geral e deixa claro que sabe que há jovens que são atendidos e outros não. Quando pedimos para detalhar não soube explicar, mas o fato de identificar essa diferença já é marcante.

Vê o ensino médio como base para conseguir um emprego e que sem ele não se consegue. Conta não ter tido dificuldades em conciliar escola e trabalho por conta dos horários de trabalho e estudo no ano de 2019, trabalhava de manhã e estudava à noite. Mas relata que teve que parar de estudar algumas vezes ao longo de sua trajetória escolar para trabalhar e se manter financeiramente.

Mary vive uma das fronteiras mais difíceis de ser transposta, que é a maternidade na juventude. Suas condições de vida não lhe proporcionaram moratória juvenil, obrigando a muito cedo assumir não apenas algumas responsabilidades de adultos na vivência da sua juventude, mas sim uma vida de adulto.

Cita que depois de muitas dificuldades vividas por ter uma mãe alcólatra vem conseguindo manter uma convivência saudável com ela, pois a mãe está fazendo o tratamento do alcoolismo. Cita inclusive que ela vem lhe ajudando com o bebê, aqui destacamos outro indício de que a moratória descontínua a que vimos nos referindo pode estar presente no cotidiano da juventude, a mãe que a maior parte da sua juventude não teve condições de lhe dar suporte emocional e nem mesmo material, nesse momento vem lhe auxiliar com as novas tarefas que está assumindo.

Ficam alguns questionamentos sobre sua história: em que medida a escola lhe deu suporte enquanto criança para atenuar as dificuldades que viveu? Aqui estamos diante de uma situação única, em que a trajetória de vida de uma criança desassistida na maior parte do tempo determinou a ausência de juventude, queimando etapas fazendo-a ir direto para a vida adulta.

Síntese das entrevistas -Visão de juventude, composição escola com trabalho e moratória descontínua para a juventude da EJA-EM

A questão central levantada por este trabalho é sobre como estudantes trabalhadores vivem o seu direito à juventude, pois não apontavam contar com poder público para esta vivência, nas palavras dos próprios jovens eles vivem a juventude como uma fase de experimentação, de assumir responsabilidades, de necessidade de projetar seu futuro, tendo consciência de que as ações de agora vão influenciar por toda sua vida.

Apenas Mary se coloca como tendo passado da adolescência direto para a vida adulta, não passando pela juventude, mas mesmo ela se contradiz em alguns momentos da entrevista em relação a essa visão.

Neste ponto queremos reforçar que aspectos isolados da vivência de responsabilidades da vida adulta ou ter um filho não acaba com a juventude, não faz com que os jovens se sintam adultos e sem perspectivas de continuar as experimentações afetivas, de formação e nas relações sociais próprias da juventude.

Para continuar a análise das entrevistas trabalharemos com 3 eixos principais de reflexão a partir das falas dos entrevistados: sua vivência e visão do que seja a juventude, como compõem escola com trabalho e quais suportes que recebem (públicos ou não) para viverem sua juventude.

Destacamos que a consciência de cada um à sua maneira sobre as dificuldades dessa etapa da vida como dissemos no início desta análise a depender de onde estão inseridos na sociedade angrense traz elementos comuns e por outro lado muito específicos do cotidiano da juventude enquanto categoria social.

A principal características das fronteiras que nos auxiliam a refletir sobre os impasses do direito à juventude a que esses jovens entrevistados estão sujeitos diz respeito do binômio indissociável segundo MEZZADRA E NEILSON (2017) que é a exclusão integrativa e a inclusão diferencial, este binômio cria tensões e conflitos torna indefinidos os limites entre inclusão e exclusão, ou seja o quanto o trabalho de Lucas o integra ou o excluí da sociedade? O quanto as necessidades de cuidar da família assumindo empregos que o impedem de estudar o inclui ou exclui? Ele passa por esse processo de exclusão integrativa e inclusão diferencial que o faz viver na tensão de não conseguir continuar seus estudos por causa das condições limitantes de seu emprego e por não conseguir se qualificar também não irá conseguir empregos melhores.

Podemos continuar nessa linha de raciocínio ao pensar o caminho reto seguido por Antônia e Maycon que os integra na sociedade, mas os engessa num modelo de mundo que não lhes possibilita pensar que é necessário participação social e política coletiva e não apenas um grande esforço individual para enfrentar os desafios de sua condição juvenil.

Mary no momento invisibilizada pelo seu contexto de nem-nem parece estar num limbo em que não importa o binômio exclusão integrativa e a inclusão diferencial como fronteira, nos passa a impressão de estar fora do jogo, talvez a condição de adulta que ela assume nos impossibilite de usar as características da categoria juventude para analisar sua situação.

Juventude

Iniciamos todas as entrevistas com a seguinte pergunta: "Como é ser jovem pra você?" para tentar captar a experiência e o ponto de vista relativo a própria vivência da juventude para cada um. O que nos causou verdadeira surpresa foram respostas densas que não passavam por uma visão nem simplista e nem supérflua da própria condição juvenil.

"é a uma fase que a gente começa a ter mais responsabilidade tem que trabalhar, tem que sustentar a família, tem que caçar um serviço porque tem família pra sustentar."(Lucas);

"Ao decorrer pelo fato de não ser novo com 17, 18, mas hoje em dia com 21. De vez em quando eu mesmo me sinto pressionado, mas depois eu vejo que não."(Maycon);

"Acho que é a melhor oportunidade, é a melhor fase da vida, digamos assim. [...] Acho que a nossa oportunidade de mudança é agora, escolher nosso caminho. (Ronny);

"É legal, a gente vai aprendendo, vai se desenvolvendo." (Antônia)

"Tive que trabalhar muito cedo! Não aproveitei muito a juventude! Então não sei te dizer, não sei te responder, sinceramente! / Eu não tive juventude!"(Mary)

Lucas acha a melhor e a pior da vida por sentir que o jovem em sua condição não é visto pela sociedade angrense. Maycon se sente meio adulto meio jovem, não tem muita clareza do seu papel neste momento. Ronny vê como momento de muitas oportunidades e de mudanças,

se sente pressionado por causa do trabalho e suas preocupações são com o desemprego e qualificação. Antônia não apresenta se questionar muito sobre a etapa que está vivendo, com uma vida mais estabilizada segue em direção a sua meta que é se formar para garantir uma vida melhor. Já Mary tem a certeza de que não pode ter juventude, mas em alguns momentos cita: “quando eu era jovem...” não parece ter muito claro o papel da juventude em sua vida, se coloca como adulta.

Composição escola com trabalho

Sobre a composição escola e trabalho durante a juventude são apresentados por eles histórias pessoais em sua maioria dramáticas que no fundo trazem as histórias recorrentes de escolarização descontínua como também de alternância entre empregos e desemprego, sendo sempre a escola preterida diante da necessidade de se manter ou manter a família já constituída.

O trabalho para os homens tem sido fonte de tensões e reflexões sobre qualificação, disputa, formas de ingresso e como se manter no mercado. Para as alunas essa situação se mostra diferente. Antônia com um emprego que parece estar estabilizado não levanta questionamentos sobre o tema e vem conseguindo conciliar escola com trabalho devido a horários bem compatíveis. E Mary está momentaneamente fora deste contexto, tendo se formado na NEJA em 2019 aponta que devido ao trabalho de doméstica com horários compatíveis foi possível conciliar escola e trabalho de maneira satisfatória neste final do ensino médio, mas aponta que precisou interromper algumas vezes sua trajetória escolar em função da necessidade de trabalhar. Mas pretender fazer cursos de qualificação e uma faculdade se for possível.

Neste ponto podemos retomar o verbo transitar entre escola e trabalho que Cardoso nos aponta, sendo a moratória social descontínua um dos elementos que contribuem atualmente para essas idas e voltas para formação, para as experimentações entrecortadas, fragmentadas e frágeis feitas por esses jovens, mas de qualquer forma experimentações com suportes insuficientes, mas ainda assim suportes.

Sobre a rede de suportes de forma unânime os 5 entrevistados citam a família como sua maior rede e de maneira geral para guiá-los por caminhos melhores, têm um referencial de vida em suas famílias, poucos falaram de amigos. Maycon cita de forma superficial que têm amigos e é bem relacionado e Antônia cita que eles a incentivam a não parar de estudar e se manter firme em seu foco de terminar o EM.

Num primeiro momento ela se diz sozinha não podendo contar com ninguém nesta etapa da vida.

Esta questão de só contar consigo mesmo para viver essa etapa é uma questão importante da análise da entrevista de Maycon, que a todo momento reafirma que é de inteira responsabilidade do indivíduo ter sucesso. Maycon e Antônia nesse ponto têm uma postura muito parecida e que identificamos como a necessidade de se manter no caminho reto (Peregrino2010), utilizamos e explicamos o termo na apresentação de Maycon e justificamos que nesta dissertação estamos ampliando sua abrangência para além do contexto escolar em que ele foi utilizado, ampliamos para uma conduta de vida de determinadas classes sociais que se impõem regras rígidas e pessoais para se enquadrar num estilo de vida que lhes exige um padrão de comportamento e pensamentos voltados sempre para as ações corretas que o indivíduo tem que tomar pois se sente como o único responsável pelo que acontece em sua vida.

Moratória descontínua para a juventude da EJA-EM

O poder público é totalmente desacreditado por todos os entrevistados, e nesse ponto, a maioria não faz uma distinção clara entre o poder público presente na escola e nas esferas municipais e estaduais de governo, mas garantem que a juventude não é alvo das ações governamentais, chegam mesmo a fazer uma identificar que há entre os jovens os que são atendidos e outros que não o são atendidos pelas políticas públicas, mas compreendem vagamente que tem setores da juventude estão nessas condições ou ainda quais políticas públicas são essas e em quais situações a exclusão ou inclusão acontecem.

Em várias partes das entrevistas os alunos utilizaram o termo “Hoje em dia não tem mais” seja passeios culturais, seja esporte no bairro em que moram seja políticas públicas que ficaram apenas na promessa de sua implementação ou seja, percebem nitidamente que há uma descontinuidade nas ações do governo em relação a juventude, o que nomeamos como moratória descontínua dada a juventude em períodos específicos ligados, a nosso ver, a políticas de governos, que trabalham com planejamentos aligeirados dentro de uma linha populista com mal uso do dinheiro público em muitos casos, bem como por causa de uma ausência sistemática de acompanhamento, revisão e avaliação das políticas públicas implementadas.

Ela é descontínua também porque na arena política onde são decididas as agendas que se transformarão de fato em políticas públicas há interesses dos mais diversos e no que se trata do poder argumentativo e de efetiva participação nesta arena por parte de jovens caracterizados nesta pesquisa levantamos alguns questionamentos.

Como de fato suprir a demanda de participação social buscando assim garantir a efetividade de seus direitos enquanto jovens, sujeitos que precisam interromper suas trajetórias escolares repetidas vezes para garantir sua subsistência e a das pessoas com quem mantém laços

e responsabilidades, mesmo reconhecendo a importância da formação escolar para uma melhor qualidade de vida. Em que momentos e espaços podem garantir essa participação social?

Quando o sustento de si ou de sua família está em jogo, o jovem passa de estudante, como principal atividade para trabalhador, que a partir daí já não tem volta nas prioridades que lhe são impostas. Uma discussão que merece ser aprofundada, mas que não cabe no escopo desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a questão central da pesquisa: como a experiência de juventude se dá no cotidiano dos alunos da EJA – EM, entre os anos de 2015 a 2020, concluímos que essas vivências são tão variadas quanto há possibilidades para os alunos da modalidade, como nos aponta Bourdieu(1983) não há homogeneidade no grupo da população jovem.

Os alunos apresentam importantes reflexões sobre sua condição juvenil, reconhecem a importância do período de vida em que estão e nos ofereceram novos sentidos para questões por nós já conhecidas como a evasão, a desistência dos estudos, bem como o não estar estudando nem trabalhando.

Essa variedade de formas de viver a juventude nos levou a reavaliar conceitos e questões como por exemplo o fato de quem não está procurando emprego ser por falta de interesse ou apenas a ausência de postos de emprego disponíveis, esta situação foi relacionada por eles com a necessidade de cuidar de filhos ou ainda estar novamente amparado pelo apoio de seus pais ou familiares e amigos, ou seja, vivendo com os benefícios da moratória social descontínua (investimentos financeiros, em formação etc, ofertados de forma descontínua pelas famílias e poder público).

As famílias são o principal referencial e rede de apoio dos alunos entrevistados, através de aconselhamentos, na escuta de suas questões, e o construir uma família é um dos seus objetivos de vida, pelo menos para a maioria deles, como nos afirmaram quatro dos cinco entrevistados. Fica uma intrigante questão: esses jovens não apontaram suas famílias como caminho para apoio financeiros, foi dito o contrário, eles necessitam trabalhar para sustentar suas famílias.

Esta questão nos remete ao jogo estabelecido no segundo capítulo sobre o fato de vivenciarem responsabilidades de adulto em um ou mais campos de suas vidas e em outros continuar com as experimentações próprias da juventude.

Desenvolvemos questões específicas que nos ajudaram na compreensão da questão central da pesquisa, essas questões foram sendo respondidas aos logo dos três capítulos. Todas as análises partiram das inquietações levantadas pela ausência de suporte das políticas públicas para a vivência da juventude em Angra dos Reis. Ao não se valer de direitos sociais para viver sua juventude a quais redes de apoio recorrem os jovens angrenses? Respondemos essas questões nos capítulos que descrevemos a seguir.

No primeiro capítulo tínhamos a seguinte questão norteadora: qual o impacto das mudanças ocorridas na cidade sobre a vida dos moradores em geral e para a vivência dos jovens? Por ser uma área fronteira e estratégica entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, para melhor mapear as mudanças econômicas, sociais e estruturais e seus impactos trabalhamos com o conceito de fronteira com viés epistemológico buscando compreender dinâmica do território onde a pesquisa se efetivou. Esta opção metodológica nos garantiu analisar aspectos importantes relativos as complexas relações que o cenário local tem com outras esferas de poder governamentais e do capitalismo e o quanto essas esferas regulam as fronteiras impostas a cidade.

Aspectos como a exclusão integrativa, a inclusão diferencial, a violência e a regulação de fluxos de pessoas, dinheiro e mercadorias, tão característicos das fronteiras nos permitiram descobrir que a cidade em si é uma zona fronteira entre Rio e São Paulo, que entre os morros com seus conglomerados subnormais e a orla com seus casarões e praias praticamente exclusivas, a Rodovia Rio-Santos se constitui como uma das principais fronteiras no município, que para além dessa barreira social, ela vem sendo palco de rituais de violência impostas pela disputa entre facções pelo controle do poder nessa fronteira.

Os problemas criados pela violência passaram a ser a principal fronteira da cidade, regulando a circulação e o cotidiano de toda a sociedade angrense e em especial a mobilidade dos jovens pobres de periferia, alguns ao serem identificados e rotulados como criminosos fazem cada vez mais parte das estatísticas do Mapa da violência e seguem impedidos de serem respeitados com jovens.

A degradação econômica e social imposta pelo fechamento de mais de 15 mil postos de trabalho no período estudado, nos coloca diante da influência econômica de outros mercados e governos. Esta situação vem atingindo o município de forma expressiva e propicia cada vez mais a descontinuidade de políticas públicas, de modo particular as que ofertavam lazer, cultura e educação para os jovens, em especial aos jovens da pesquisa que tiveram a moratória social descontínua de forma muito presente em seu cotidiano, com interrupções de políticas públicas importantes para o seu desenvolvimento além das dinâmicas familiares citadas anteriormente.

Como resultado dessas análises podemos afirmar que a cidade passou por intensas transformações que a levaram a uma degradação econômica e social com o aumento da violência, no período estudado em comparação com períodos anteriores. Ao observar séries sobre o município, percebemos que Angra dos Reis passou por diversos ciclos econômicos onde

há um auge de investimentos e acumulação de riquezas seguido da dizimação de ofertas de trabalho e profunda crise econômica.

De modo geral os impactos causados por essas mudanças limitaram ainda mais a circulação de pessoas, numa cidade que geograficamente já convive barreiras naturais (grandes distâncias entre espaços: ilhas, sertões, zonas rurais e urbanas e desastres ambientais severos) que dificultam a mobilidade social e o desenvolvimento. Há muito potencial econômico, cultural e educacional a se desenvolver com investimentos em turismo e indústrias, bem como resultado dos investimentos já feitos para a vinda de universidade para a cidade, garantindo perspectivas de continuidade da escolarização.

Os alunos da EJA-EM entrevistados apontam o interesse e as dificuldades dessa continuação dos estudos no contexto em que vivem, percebem ainda a ausência da oferta de esportes e eventos culturais que já fizeram parte do cotidiano da cidade, direitos garantidos na legislação e não efetivados ou descontinuados.

No segundo capítulo refletimos sobre alguns conceitos que nos possibilitaram sustentação teórica para a discussão desenvolvida em torno da seguinte questão “como a juventude vive a moratória social?”, conceitos como sujeitos de direito, juventude e moratória social nos permitiram uma melhor análise do estudo de caso realizado.

Buscamos refletir sobre a importância da proclamação e defesa dos direitos da juventude e fizemos um breve resgate histórico do desenvolvimento de um novo paradigma que vê a juventude como sujeitos de direito, este conceito vinha se consolidando através das ações do ciclo de políticas públicas para a juventude que se encerrou em 2015 (Ribeiro e Macedo 2018). Após o encerramento desse ciclo junto às consequências do *impeachment* da presidenta eleita, Dilma Rousseff em 2016 as políticas públicas que vinham sendo implementadas seguem sendo desarticuladas ou apenas não recebem investimentos ou continuidade das ações que as implementaram.

Juventude, enquanto categoria social, foi um termo sobre o qual nos debruçamos. Ela é vista como símbolo e moeda de valor em nossa sociedade e chegamos à conclusão de que nem todos os jovens podem ainda utilizá-lo para viver essa etapa de suas vidas, quem tem direito ao uso deste símbolo garante melhores contextos e oportunidade de desenvolvimento educacional, afetivo e de trabalho. Por esse grande valor social, seu uso está sempre em disputa e no caso dos alunos que pesquisamos, alguns se colocam impedidos de se classificar e se

beneficiar de sua juventude seja pelas responsabilidades de adulto que já assumem, seja pela discriminação social e violência sofridas, limitando seu desenvolvimento e a melhora de suas condições de vida e trabalho atuais e futuras.

Foi de fundamental importância as reflexões feitas sobre a moratória social para nos ajudar a compreender como são ofertadas as políticas públicas e outros suportes para a juventude. Este estudo nos levou a construção de um novo conceito, o de moratória social descontínua por identificarmos que são variadas as formas de o investimento em políticas públicas e das famílias chegarem até o jovem, a oferta e cortes de programas, projetos e redes de apoio para períodos de experimentações, seja nas esferas governamental, social ou familiar acontecem de maneira entrecortada, com interrupções e retornos.

O conceito de moratória social descontínua nos auxiliou na análise da vivência da juventude por parte dos jovens pesquisados, em especial sobre a qualidade dessa vivência. Apontamos neste ponto a importância da questão levantada por Madeira (2006) para analisar essa qualidade da vivência da juventude. Madeira(2006) ao apontar que devido ao fato de a expectativa e a própria vida terem se alongado as suas etapas (infância, juventude, idade adulta e velhice) também se alongaram o que nos coloca diante da necessidade de reinventar essas etapas. Associamos a essa reinvenção a extensão da moratória social para um maior número de jovens ao longo das últimas décadas.

Por outro lado quando pensamos sobre a qualidade dessa vivência podemos medir, entre outros aspectos também, pela moratória social que lhes é oferecida, que afirmamos através do conceito criado, ser hoje, descontínua e alongada, mesmo dessa forma ela se apresenta como fundamental para essa juventude pobre de periferia.

Chegamos à conclusão de que a moratória social atualmente não se caracteriza por uma vida em separado para preparar o jovem para o mundo adulto, ou seja, acreditamos estar diante de uma nova adaptação do conceito de moratória juvenil. Pelo que nos aponta os resultados da pesquisa aqui descrita, ela se manifesta nos investimentos e formação concomitantes ao ingresso no mundo do trabalho, pois como vimos o trabalho no Brasil também produz juventude, confere identidade juvenil e possibilidade de novas explorações de potencialidades de formação profissional e acadêmicas e de afetos, ao garantir financeiramente que essas experiências aconteçam.

Pudemos perceber que os jovens do Ciep do Areal para além de todas as dificuldades relatadas na entrevista continuam se classificando como jovens. Essa identificação é socialmente construída, eles se classificam assim em parte porque também são vistos assim socialmente. Percebemos no campo de pesquisa o que nos apontam autores da temática, vivemos um momento histórico em que não há uma passagem linear da juventude para a vida adulta, ou mesmo da escola para o trabalho, observamos formas diferenciadas de vivenciar a juventude mesmo dentro da EJA – EM. O termo transitar (Cardoso 2008) utilizado para entender o movimento feito pelos jovens atualmente entre escola e trabalho também se aplica a outros campos da vida da juventude.

A EJA como modalidade garantida pela legislação que lhe dá legitimidade e autonomia, foi decisiva na trajetória dos alunos pesquisados, que em sua maioria estavam concluindo através dela o Ensino Médio, pois se não fosse este o espaço para continuação dos seus estudos eles teriam interrompido mais uma vez sua trajetória escolar. Em função da necessidade de trabalhar já não é possível para eles estudarem no diurno, como prioriza o Novo Ensino Médio.

No terceiro capítulo descobrimos, embasados pelas reflexões feitas nos capítulos anteriores, que estamos diante da invisibilidade de certos segmentos da juventude angrense, e que mesmo na EJA temos diferentes formas de viver a juventude, que implicam em ter mais ou menos oportunidades, em viver de uma maneira mais ou menos assistida por uma rede social ampla que lhes facilite a transição para a vida adulta.

Nos propomos a estudar as tendências no perfil dos alunos da EJA ensino médio o que se mostrou pertinente quando podemos verificar a gama de experiências diversificadas vividas pelos alunos que não se encerra num perfil homogêneo. A nova realidade trazida pela pandemia agudiza questões como a exclusão integrativa com novos contornos, os sistemas de ensino ao implementar o ensino remoto deixou de lado parte da população que não tem acesso a internet ou tem habilidades necessárias para o estudo autodidata. Como podemos observar na fala do aluno Lucas são inúmeras as barreiras para que esse estudo aconteça: “[...] porque agora é pela plataforma e tem apostila para a gente estudar, só que eu trabalho de segunda a sexta, das 6 horas às 6 horas, então é muito cansativo.”.

Retomando o conceito de consciência geracional discutido por diferentes perspectivas por Cardoso (2015) e Ferreira (2016) ambos os autores apontam que o desemprego aliado ao aumento da formação profissional e acadêmica dá consciência aos jovens de que sua geração passa por uma crise em que a desvalorização da formação e o desemprego estrutural fazem

parte da vivência de sua juventude. Para o estudo de caso aqui apresentado podemos inferir que a consciência geracional vem pela sensação de desamparo pelo poder público, como na resposta do jovem Lucas: *“Não tem muita oportunidade, bem dizer tem, mas não é pra gente!”*, ou ainda pela sensação de que a população contava com maior presença do poder públicos nos bairros em que moram, bem como contavam com mais equipamentos e ações de cultura e lazer, como nos afirma Maycon no seguinte trecho da entrevista: *“tinha muito isso aqui em Angra, esporte aqui através da ação social hoje em dia eu não escuto mais falar isso, que passa aqui pelos bairros é isso, tinha esporte para as crianças”*.

Após analisar as entrevistas podemos afirmar que a principal forma de apoio, ou seja, o caminho que mais oferta moratória social para aqueles alunos são suas famílias, citadas por todos como ponto de apoio e norte em meio as dificuldades enfrentadas. É através de suas famílias que estão conseguindo se estruturar em seus trabalhos, ter foco para continuar a estudar e seguir com seus objetivos de formação e qualificação.

O fato de os alunos entrevistados não se enquadrarem no perfil hegemônico de juventude demonstra a dificuldade de serem considerados alvo de políticas públicas e ter suas necessidades atendidas por elas e mais, revela que a disputa pelo conceito Juventude e seu uso enquanto categoria social continua em voga apesar de todos os avanços que tivemos, pois neste momento de crise e pandemia a arena política se torna mais agressiva para a defesa dos direitos sociais da juventude e de toda a sociedade.

Diante do relato de 4 dos 5 jovens, em momentos de crises, apenas trabalhar se fez imperativo e a escola foi deixada, isto nos traz a questão já levantada no grupo de pesquisa do qual fazemos parte que é: há estudantes trabalhadores e há trabalhadores estudantes entre os jovens. Existem diferenças entre esses dois tipos de jovens. Na prática, nessa pesquisa, vimos que há uma diferença nesse sentido que é divisor de águas, que marca profunda e permanentemente a trajetória escolar, a de trabalho e a vida desses jovens, os alunos do Ciep em sua maioria são trabalhadores estudantes, visto que sua prioridade por uma série de questões econômicas e sociais é o trabalho abrindo mão algumas vezes, temporariamente, da continuidade da escolarização.

Temos uma juventude que passou diversas vezes por uma moratória social descontínua seja em sua formação acadêmica, seja no acesso à cultura, esporte e lazer na cidade devido a ter necessidade de se sustentar ou ainda em função do corte de investimentos nas áreas citadas, ou ainda por ter que se responsabilizar por suas famílias ou por ter filhos entre outras

responsabilidades, que à medida que o tempo passa se impõem de maneira entrecortada e descontínua, o que atualmente a nosso ver, não configura uma entrada definitiva na vida adulta. Através da análise das entrevistas, podemos inferir que eles ainda se identificam como pertencentes a juventude.

Ficou claro a importância de em uma paisagem fronteiriça como Angra dos Reis as decisões e interesses de outras esferas governamentais, pois todo o trabalho desarticulado a nível nacional e estadual de ações para a juventude implicou em menores oportunidades de trabalho, lazer e cultura na cidade. Serão necessárias ações como a rearticulação dos conselhos nacionais e estaduais de juventude a retomada de projetos como o PROJOVEM, PROEJA, a divulgação massiva de programas e projetos municipais que não usem a inclusão seletiva como princípio, retomar o conceito do jovem como sujeito atuante para voltarmos a avançar na garantia de direitos para a juventude.

Há uma série de pautas que precisam ser retomadas para que a vivência da juventude não seja encarada de forma tão solitária como nos aponta a maioria dos alunos pesquisados. A retomada de discussões e implementação de projetos como Agenda do Trabalho Decente para a juventude, composição de escola e formação profissional e possibilidade de continuação dos estudos em nível de ensino superior

Com os dados que coletados através do questionário e das entrevistas foi possível confirmar a hipótese inicial que aponta para uma ausência de políticas públicas para esta parte da população angrense com defasagem de idade X ano de escolaridade.

De acordo com Madeira(2006) há uma clara relação entre padrão de desenvolvimento adotado por um país e as políticas públicas ligadas a educação e trabalho ofertadas aos jovens, precisamos ter a clareza de que quanto mais investimos em políticas de juventude maior será o desenvolvimento humano e social que teremos.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. **A juventude é apenas uma palavra**. In: BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-122.

_____. **A miséria do mundo**. São Paulo, Vozes. 2003

BRASIL. **Agenda nacional de trabalho decente para a juventude**. Brasília, DF: MTE, Segpres, OIT, 2011. Disponível em:

https://www.ilo.org/brasil/temas/emprego/WCMS_301824/lang--pt/index.htm

_____. **Secretaria Nacional de Juventude Estação juventude: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude** / organizado por Helena Abramo. – Brasília: SNJ, 2014. Moratória Juvenil: uma expressão, vários usos. Políticas Públicas de Juventude

CAGED **Dados do Cadastro Geral de Empregos e Desempregados** reaquisição do mercado de trabalho para jovens até 29 anos

CARDOSO, Adalberto **Transições da escola para o trabalho no Brasil: Persistência da desigualdade e frustração de Expectativas** *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 51, no 3, 2008, política pública. 569 a 616.

_____. **Metamorfoses da Questão Geracional: O Problema da Incorporação dos Jovens na Dinâmica Social** DADOS – *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 58, no 4, 2015, política pública. 873 a 912.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues **Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens Tra(n)çados da cidade** Niterói 1999

DE LA FARE, M. DE LA, CORRÊA, G. C.- **A EJA como analisador de práticas educacionais em contextos de expansão da escolaridade**- *Revista: Educação Por Escrito*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 339-352, jul-dez.- 2015

DUARTE, M. L. Juventude(s), escolarização e desigualdade. In SALES, S. R. (Org) – **(Des)encontros na educação de jovens e adultos: identidades, políticas e práticas** – Curitiba, CRV, 2019.

FERREIRA, V. S. **Educação e inserções profissionais**. In J. M. Pais & C. R. Pereira, Os Jovens portugueses no contexto da Ibero-America. Lisboa, Imprensa das Ciências Sociais 2016

IBGE, **Análise dos dados da PNAD Contínua** site: <http://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa>

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Angra dos Reis. Cidades – Perfil dos Municípios**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/angra-dos-reis/panorama>.

JULIÃO, F. E. **Diagnóstico da educação de jovens e adultos na região Costa Verde do estado do Rio de Janeiro: mapeamento do território em subsídio a uma nova agenda política.** Rio de Janeiro, UFF 2017

JULIÃO, F. E., FERREIRA, P. M., **Notícias da margem: as políticas de ampliação de oportunidades educacionais no Brasil e as trajetórias escolares na EJA/EM na cidade do Rio de Janeiro,** 2018.

KRAUSKOPF, Dina. **La construcción de políticas de juventud en Centroamérica.** In: LEÓN, Oscar (Ed.). *Políticas públicas de juventud en América Latina: políticas nacionales.* Viña del Mar, Chile: Cidpa, 2003. MADEIRA, Felícia, 2006 – Educação e Desigualdade no tempo da juventude.

MADEIRA, Felícia Reicher. **Educação e desigualdade no tempo de juventude.** In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.) *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição.* Rio de Janeiro: IPEA, p. 139-170, 2006.

MAPA DA VIOLÊNCIA, 2017. São Paulo/Flasco, 2017.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud.** Buenos Aires: Biblos, 1996.

MEZZADRA, Sandro; NEILSON, Brett **La frontera como método.** Internacional: Traficantes de sueños, 2017.

MONTEIRO, F. D. et al. **Relatório final do diagnóstico de segurança pública e social do município de Angra dos Reis** Cadernos UFF – Angra dos Reis, 2018.

NOVAES, Regina. **Juventude: políticas públicas, conquistas e controvérsias.** *Juventudes em Foco.* São Paulo. p. 39-74. 2013

PEREGRINO, Mônica. **A expansão escolar e as trajetórias de jovens e não jovens na EJA Ensino Médio.** 2016.

_____. **Juventude, escola e trabalho: uma aproximação é necessária.**
http://www.cis.puc-rio.br/cis/cedes/PDF/janeiro_marco_2014/Artigo

_____, **Trajетórias desiguais: um estudo sobre os processos de escolarização pública de jovens pobres.** Rio de Janeiro: Garamond, 2010

RIBEIRO, Eliane; MACEDO, Severine. **Notas sobre dez anos de Políticas Públicas de Juventude no Brasil (2005-2015): ciclo, agendas e riscos.** REVISTA DE CIENCIAS 2018.

RIBEIRO, L. C. Q. ; KOSLINSKI, Mariane C.; ZUCCARELLI, C.; CHRISTOVAO, A. C. **. Desafios urbanos à democratização do acesso às oportunidades educacionais nas metrópoles brasileiras.** Educação e sociedade, v. 37, p. 171-193, 2016.

RUAS, Maria das Graças. **As políticas públicas e a juventude dos anos 90. In Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas.** v.2. Brasília: CNPD, 1998, pag.731-752.

SOCIALES DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGÍA Vol. 31 - n. °42 - enero-junio de 2018
Montevideo – Uruguay **rvs Jóvenes y políticas públicas en América Latina 42** Acessado
em: <http://dx.doi.org/10.26489/rvs.v31i42.5>

Sites acessados:

- <http://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2016/08/indios-de-angra-dos-reis-enfrentam-problemas-para-frequentar-escola.html>
- <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/01/1950465-desemprego-faccoes-e-poder-do-traffic-impulsionam-mortes-no-litoral-do-rj.shtml>
- <http://www.ilhagrande.com.br/ilha-grande/historia>

Anexo 1

QUESTIONÁRIO

BLOCO 1 – PERFIL SOCIOECONÔMICO

P1. Sexo 1 – Masculino 2 – Feminino	P2. Quantos anos você tem? _____ anos 99 NS/NR	P3. Dentro dessas Respostas (categoria do IBGE), qual a que melhor identifica sua cor ou raça? 1. Branca 2. Preta 3. Parda 4. Amarela 5. Indígena 99 NS/NR
--	---	---

P4. Local de Nascimento: Estado

P4.1. Município:

P5. Local de Moradia: 1. Município: _____ – 2. Bairro: _____	P5.1. Reside em comunidade? 1. Sim 2. Não	P6. Atualmente você está: (uma opção) 1. Solteiro 3. Casado 5. Mora junto 99 NS/NR 2. Separado 4. Viúvo 98. NA
--	--	--

BLOCO II – SOBRE TRABALHO E ESTUDO

P7. Você já estudou e trabalhou ao mesmo tempo?

1. Sim
2. Não

P8. Com que idade começou a trabalhar?

- | | |
|-----------------------|-----------------------|
| 1. Nunca trabalhei | 4. Entre 16 e 18 anos |
| 2. Menos de 10 anos | 5. Mais de 18 |
| 3. Entre 10 e 15 anos | |

P9. Como você avalia ter estudado e trabalhado simultaneamente?

- | | |
|---|--------------------------------|
| 1. Atrapalhou meus estudos | |
| 2. Possibilitou meu crescimento pessoal | 4. Não atrapalhou meus estudos |
| 3. Só consegui retornar aos estudos porque estava trabalhando | 98.NA |

P10. Atualmente você trabalha?

- | | |
|---|--------------------------------------|
| 1. Não, só estudo e não estou procurando trabalho | 5. Sim ajudo nos afazeres domésticos |
| 2. Não e estou procurando emprego | 6. Sou aposentado, mas trabalho |
| 3. Sim, tenho trabalho fixo | 7. Sou aposentado e estudo |
| 4. Sim, faço bicos/biscates | 98. NA |

P11. Porque você entrou pra EJA no Ensino Médio (2º grau)? (pode marcar mais de uma)

- | | |
|--|--|
| 1. Não estudo na EJA | 7. Porque tive filhos |
| 2. Para concluir mais rápido o Ensino Médio | 8. Porque me casei |
| 3. Para poder estudar à noite | 9. Por ser mais velho |
| 4. Porque a EJA é mais fácil | 10. Não sabia que era EJA quando fiz a matrícula |
| 5. Eu não escolhi, a escola em que estudava me mandou para a EJA | 11. Outros, quais?
_____ |
| 6. Esta foi a única escola em que encontrei vaga | _____ |

P12. Dos programas listados a seguir, marque com um X todos os projetos que você já frequentou ou frequenta:

- | | | |
|--|--|---|
| 1. ProJovem adolescente (agente Jovem) | 5. ProJovem Campo (Programa de Saberes da Terra) | 11. Bolsa família |
| 2. ProJovem urbano | 6. Programa Cultura Viva (Ponto de Cultura) | 12. Proeja |
| 3. ProJovem Trabalhador (Programa Escola de Fábrica, Juventude cidadã e Consórcio social da Juventude) | 7. Pronasci (Mulheres da Paz, Proteja e outros) | 13. Escola Aberta |
| 4. Centro de Referência da Juventude | 8. Pronatec | 14. PROEMI - Programa Ensino Médio Inovador |
| | 9. Juventude Viva | 15. PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) |
| | 10. Jovem Aprendiz | 16. Nunca participei de projetos |

P13. Você participa de alguns dos grupos abaixo? (pode marcar mais de uma)

1. Grêmio estudantil
2. Sindicato ou associação profissional
3. Grupo de bairro/ associação de moradores
4. Grupo jovem religioso
5. Partido político
6. Grupo de defesas do meio ambiente ou ecológico
7. Grupo de identidade (jovem, mulheres, negros, homossexuais, pessoas com deficiência etc.)
8. Grupo cultural/esportivo (esporte, arte, música etc.)
9. Outros, quais? _____
10. Nenhum

Opcional

Nome: _____

E-mail: _____

Telefone: _____

Anexo 2

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)****(POSTADO NO LINK DE ACESSO)**

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) da pesquisa: Estudantes trabalhadores do Ensino Médio - EJA de Angra dos Reis: como vivem seu direito à juventude? coordenada pela pedagoga Kelly Rodrigues de Souza, mestranda na Universidade Federal Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO com a orientação pela Prof.^a Dra. Mônica Peregrino.

Essa pesquisa tem como objetivo investigar como os alunos jovens da Educação de Jovens e Adultos - EJA – EM vivem sua condição de estudante e trabalhador no município de Angra dos Reis.

Serão realizadas entrevistas com jovens selecionados, como você, que responderam ao questionário da pesquisa. Ao aceitar participar da entrevista você irá conversar com a pesquisadora por volta de uma hora, respondendo de forma livre e espontânea as perguntas de um roteiro de entrevista que lhe serão enviadas previamente por e-mail. Sua participação nesta pesquisa será de forma online através de uma plataforma de chamada de vídeo combinada previamente e com gravação de áudio da entrevista, você responderá a perguntas sobre seu tempo de trabalho e estudo, seu dia a dia (como é morar no Areal, como são seus hábitos de lazer, o que Angra dos Reis te oferece em termos de oportunidades de trabalho e lazer) e como o governo te ajuda a conciliar a escola com o , trabalho e lazer, você poderá também falar sobre estas experiências mesmo que não estejam relacionadas nas perguntas enviadas, se assim o desejar.

. Você tem a liberdade de se recusar a participar, bem como de desistir da entrevista a qualquer momento que decida, sem qualquer prejuízo. No entanto solicitamos sua colaboração por entendermos que ela nos ajudará a compreender como os jovens vivem e que oportunidades e apoios recebem em Angra dos Reis, sua participação pode nos ajudar a obter melhores resultados na pesquisa.

Dados como seu nome não serão publicados, sendo garantido o sigilo quanto a sua participação e a confidencialidade das informações coletadas, que somente serão utilizadas para os fins deste estudo, atendendo ao disposto na legislação brasileira (Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde - CNS).

A pesquisa envolve riscos mínimos de desconforto ao participante. Caso você tenha algum incômodo ou desconforto com alguma pergunta ou momento da entrevista será proposta uma pequena pausa e, em seguida, você decidirá sobre a interrupção da entrevista ou a continuidade com outro assunto, pausas também poderão ser feitas caso solicite ou apresente cansaço. Ressaltamos que você poderá exercer o direito de não discorrer sobre temas que possam causar algum tipo de constrangimento ou induzir a sentimentos negativos.

Todas as informações coletadas e gravadas através de áudio nesta investigação serão estritamente confidenciais para fins de estudo e análise, não sendo divulgados as identidades e nem os dados pessoais dos participantes, todo material coletado será armazenado em um pendrive destinado apenas para esse fim e após 5 anos será totalmente apagado. Você terá uma cópia deste termo de consentimento através de download na página em que assinar o mesmo eletronicamente. A qualquer tempo podem ser solicitadas pelos participantes esclarecimentos de dúvidas sobre o processo de pesquisa através dos contatos descritos da pesquisadora e do Comitê de Ética no final desse termo.

A partir da participação nesta pesquisa o jovem não terá nenhum benefício direto. Entretanto esperamos que futuramente os resultados desta pesquisa sejam utilizados em favor da análise e melhora das condições de vida de outros jovens.

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação.

É de responsabilidade da pesquisadora obedecer aos critérios de ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme as determinações das Resoluções 466/12 e/ou 510/16 do CNS e será prestar assistência necessária a você participante durante e após todo procedimento da entrevista, garantir o sigilo e demais procedimentos descritos neste documento que você irá assinar.

Para outros esclarecimentos e informações que achar necessário entre em contato com a gente!

Pesquisadora responsável: Kelly Rodrigues de Souza (24) 999026944 souza.kr@hotmail.com
CPF: 086.386.957-21

CEP – UNIRIO – Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO (21) 2542-7796 ou e-mail cep@unirio.br

Após estes esclarecimentos solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto preencha as informações pedidas abaixo:

Através do link:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdil47JxQyYnHmBAo17rxKov7kimJwdI2raY06KVe2vNmKzhw/viewform?usp=sf_link

Ao não concordar em participar da pesquisa nas condições apresentadas, solicitamos que não preencha as informações solicitadas abaixo e feche seu navegador de internet.

Tendo sido esclarecido todas as informações quanto ao estudo eu (preencha seu nome completo abaixo e a data de assinatura do termo), manifesto meu livre consentimento em participar e autorizo o uso das informações por mim prestadas a partir desta entrevista e da gravação de áudio da mesma incluindo a captação, uso e guarda da voz em caráter gratuito, exclusivamente para fins de transcrição e análise e estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Eu concordo em participar deste estudo (preencha na linha abaixo):

Assinatura do aluno(a): _____

Data: ____/____/____

Telefone: _____

Anexo 2

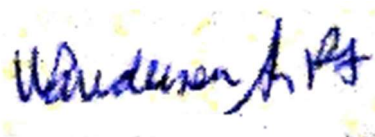
GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO
Secretaria de Educação
CIEP 055 – João Gregório Galindo

Angra dos Reis, 09 de outubro de 2020.

Carta de anuência

Declaramos para os devidos fins que estamos cientes e de acordo com a execução da pesquisa intitulada: Estudantes trabalhadores do Ensino Médio - EJA de Angra dos Reis: como vivem seu direito à juventude? sob a responsabilidade da pesquisadora Kelly Rodrigues de Souza e assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada nesta instituição após a devida aprovação no Comitê de Ética avaliador do estudo.

Atenciosamente,



Diretor Geral – CIEP 055 – João Gregório Galindo

Wanderson Alves Porto
DIRETOR GERAL
ID: 4202946-5
MAT.: 0916125-8

Transcrição das entrevistas:

Lucas - O matador de mato.

Entrevistado: meu nome é Lucas tenho 22 anos sou casado é isso aí eu trabalho, e é isso

É isso mesmo que eu tenho pra falar mesmo.

Você tem filhos?

Lucas: não, tenho só uma cachorra.

Então só mora você e sua esposa é isso?

Lucas: Eu, ela e meu enteado.

Então eu vou te falar primeiro a pergunta como é ser jovem para você?

Lucas: ah ser jovem para mim é a melhor fase da vida, a pior fase eu não sei te explicar. Eu acho que é legal ser jovem, pra mim ser jovem é, é a uma fase que a gente começa a ter mais responsabilidade tem que trabalhar, tem que sustentar a família, tem que caçar um serviço porque tem família pra sustentar. Mas ser jovem é bom, eu gosto de ser jovem.

Vc falou né, tem hora que é bom, tem hora que não é. Quais são as dificuldades que você vê em ser jovem?

Lucas: Ah as dificuldades de ser jovem é não ter oportunidade e ter que arrumar um trabalho ter pouca experiência, hoje em dia para arrumar um serviço você tem que ter experiência, tem gente que tem experiência pelo tempo que eu tenho de vida é isso que é ruim ser jovem. A gente perde muita oportunidade também pela dificuldade que a gente passa. A gente não tem nada na nossa cidade, Ser jovem e se não tiver consciência muitos faz m**** isso é o ruim de ser jovem, essa é a parte ruim de ser jovem.

Você acha que a violência atrapalha você ser jovem aqui na cidade? Isso mexe com você?

Lucas: atrapalha, mexe o preconceito da polícia com a gente jovem negro, atrapalha muito!

Você já foi parado pela polícia?

Lucas: Centenas e centenas de vezes!

Mas foi de maneira respeitosa ou não, foi tranquilo?

Lucas: Não, desrespeitosa

Quem é que te apoia nessa sua fase da vida? Qual pessoa você diz com essa eu posso contar, tá junto comigo, o que eu precisar essa pessoa tá junto comigo ou me apoia em algumas coisas?

Lucas: Minha mãe, minha mulher, meu pai. Todos eles me apoiam.

Como é que eles te apoiam, o que eles fazem?

Lucas: aconselha, tá comigo nos piores momentos, nos ajuda a resolver nossos problemas esse é o apoio que eu tenho deles

Você o ano passado estava estudando você continua estudando?

Lucas: por causa da pandemia e eu tá trabalhando agora, eu parei de estudar, porque agora é pela plataforma e tem apostila para a gente estudar, só que eu trabalho de segunda a sexta, das 6 horas às 6 horas, então é muito cansativo. O final de semana que eu tenho é para descansar, descansar o corpo. Meu serviço é cansativo fisicamente e mentalmente também.

Você pode contar para gente o que você faz?

Lucas: eu trabalho com veneno que bota no mato pela ValeSul, matando mato, o capim que dá no meio do pasto. É desgastante fisicamente e mentalmente eu fico com a bomba o dia inteiro na minhas costas, com o encarregado o dia inteiro falando na nossa cabeça é o mentalmente.

Então isso está te atrapalhando nesse momento? No questionário você colocou que começou a trabalhar entre 10 e 15 anos trabalhar estudar atrapalhou né você pode contar um pouquinho dessa sua experiência?

Lucas: eu quando comecei a trabalhar fichado mesmo eu tinha de 14 para 15 anos, trabalhava na peixaria eu estudava a tarde só que eu passei pra noite, só que a hora que eu saía da peixaria já tinha dado o tempo de entrar pra escola, eu perdia o primeiro tempo da aula e também cansava quando a gente chegava em casa queria tomar um banho para descansar para trabalhar no outro dia, aí depois eu saí e voltei a estudar depois arrumei outro serviço aí o horário não batia aí tive que sair da escola de novo depois voltei a estudar estudei esses tempos o ensino fundamental e depois fui para o ensino médio aí depois eu arrumei um outro serviço com a minha tia e era de 9 horas da manhã às 9 horas da noite, aí o mesmo motivo pelo serviço eu tive que parar de estudar.

Você não mora perto da escola né?

Lucas: não, eu moro no São Domingos, tem também o horário do ônibus que quando eu saio do serviço 6 horas aí até chegar em casa umas 6:30 tomar um banho e se arrumar, o ônibus passa 7:30 e aí chega na escola mais de 8 horas, não dá tempo.

E agora com a plataforma você disse que está sendo difícil também né?

Lucas: é porque fica muita coisa para mim fazer e eles colocam tudo num dia só e aí não dá tempo para eu descansar, e o sábado e domingo é o dia que eu tenho para resolver a minha vida, para pagar uma conta resolver alguma coisa e é o dia que eu tiro para fazer a obra da minha casa aí eu não tenho tempo nenhum.

A sua esposa trabalha também ou só você?

Lucas: ela trabalha.

Quais oportunidades Angra oferece para os jovens e quais você aproveita?

Lucas: Angra dos Reis não sei, não tem muita oportunidade, bem dizer tem mas não é pra gente, oportunidade de serviço tá difícil Ainda mais no lugar que eu moro aqui se a gente não trabalhar no pasto e mato tem que trabalhar com boi a única oportunidade que eu tenho morando em Angra no lugar onde eu moro é isso, oportunidade de serviço geralmente eles dão mais para quem mora perto do estabelecimento. Aqui onde eu moro não tem comércio, e é mais em comércio que tem trabalho para jovem.

Você sabe aí no seu bairro ou em Angra mesmo no bairro da escola alguma atividade de esporte de lazer o de teatro de Cultura em geral que tem aqui em Angra, aí no seu?

Lucas: Quando eu era criança tinha muito isso aqui em Angra, esporte aqui através da ação social hoje em dia eu não escuto mais falar isso, que passa aqui pelos bairros é isso, tinha esporte para as crianças. Hoje em dia você passa aqui pelos bairros e é muito difícil você ver eles fazer alguma coisa pras crianças.

E pelos jovens também não né.

Lucas: pelos jovens menos ainda

Então na verdade do poder público você não vê investimento na juventude.

Lucas: É.

O jovem que estuda e trabalha menos ainda? Ou é a mesma coisa, você acha que eles veem do mesmo jeito?

Lucas: infelizmente eles não vê o jovem eles, não vê com o olho, tipo assim ele é jovem e ele trabalha, ele estuda eles precisam de alguma coisa. Eles pensam que a gente já tá até perdido assim.

Essa é uma imagem bem puxada né, porque quem vê o jovem dessa forma não dá apoio para quem está nessa fase? Então o apoio que você conta mesmo é da sua família?

Lucas: da minha família

Vocês costumam sair, se divertir, nos momentos de lazer o que vocês costumam fazer, vc tem momentos de lazer?

Lucas: a gente saía muito antes da pandemia, agora a gente ficar mais dentro de casa mesmo, mas de vez em quando a gente sai na rua faz um lanche, compra um lanche para fazer dentro de casa, às vezes vai na cachoeira aqui em frente à minha casa, é só isso mesmo.

Você gostaria de falar mais alguma coisa que a gente ainda não falou não comentou

Lucas: não tá tudo certo é só isso mesmo.

Muito obrigada pela sua contribuição pela sua forma de colocar as coisas!

Maycon – O migrante desempregado

Você pode se apresentar!

Maycon: meu nome é Maycon, tenho 21 anos atualmente não moro mais na cidade de Angra dos Reis hoje em dia eu moro na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Tenho, hoje em dia graças a Deus eu tenho a minha família moro com a minha esposa tem meu filho, hoje em dia eu tenho a minha vida, não vou mexer com o diferente. Atualmente eu não tô estudando, mas estou pretendendo voltar também porque eu fiquei um pouquinho enrolado pelo fato dessa pandemia e eu comecei a trabalhar se não é não poderia faltar nada dentro da minha casa principalmente para o meu filho. Porque algo que eu não quis para mim no passado eu também não vou querer para ele no presente e nem no futuro.

Como é ser jovem para você nessa sua experiência? Com família, filho?

Maycon: então ser jovem hoje em dia no mundo em que vivemos não é fácil, todos sabem disso. Mas podemos encontrar maneiras de viver, bem dizendo podemos escolher entre o bem e o mal. muitas pessoas jovens hoje preferem fazer o mal, mas outras preferem fazer o bem, ajudar os outros, conforme ajudar a si mesmo também. Ser jovem para mim é uma experiência boa, eu fui pai novo Algo que eu não esperava, mas vamos botar assim Deus que me presenteou com isso eu não ia poder negar e nem ia poder virar as costas, o bom de ser jovem é que hoje em dia os pais são mais liberal do que antigamente, hoje em dia os pais, tem alguns pais que não, mas hoje em dia os pais deixam sair mais, hoje em dia a pessoa pode curtir a vida da maneira que ela quiser, hoje em dia se a pessoa preferir ir para escola ela vai se não tá tudo certo ela não frequenta. Ser jovem para mim uma experiência boa e pelo fato que eu tenho muitos conhecidos, muitas pessoas da minha idade eu tenho me divertido com os meus amigos, e pelo fato eu tenho muitos conhecidos e as pessoas que estão próximas a mim, eu não me afasto de ninguém. Eu acho isso aí uma experiência bacana. Hoje em dia eu já me tornei um homem e já tenho uma família mesmo sendo novo, já posso conquistar meus objetivos, mesmo eu voltando a estudar para terminar que para mim só falta mais um ano, eu posso conquistar meus objetivos, por que não é questão a já tá numa idade avançada, eu tô naquela meia idade ainda com 21 eu posso conquistar coisas pela frente conquistar na escola tentar fazer uma faculdade.

Meu filho não vai me impedir a isso, basta eu correr atrás e lutar. mesmo sendo jovem. Desde pequeno, meu pensamento não foi ser grande ou ser melhor que ninguém mas ser diferenciado de muitos. Não querendo ser mais que alguém ou menos que o outro, não porque para mim não tem melhor nem pior é todo mundo igualado. Eu sempre pensei dessa forma, e hoje em dia graças a Deus eu sempre mantendo os pés no chão na humildade. Na minha juventude graças a Deus ele tá me abençoando que eu tô podendo construir o sonho que eu sempre tive desde novo que era ter minha família minha casa e conquistar os meus objetivos que eu sempre almejo que eu quero para o meu o presente e para o futuro também para poder ajudar meu filho. E com isso vou na minha caminhada. Eu sempre agradeço a Deus por esse fato. Mas hoje em dia ser jovem não é um negócio fácil, às vezes é um negócio até difícil. Mas se nós puder levar com sinceridade honestidade, nós podemos chegar longe.

O quê que você acha que não é fácil de ser jovem hoje?

Maycon: ah ser jovem hoje em dia é que vamos colocar assim temos fatos, hoje em dia muita das vezes tem muitos jovens, não estou me referindo a um lugar mais rico ou a um lugar mais pobre, na classe menos favorecida hoje em dia, pelo fato da pessoa ser jovem e ela vê alguém que tem e ela pensa que não vai poder ter, muitas vezes ela se iludi com diversas coisas. Aí nisso o pensamento da pessoa fica, a pessoa fica pensativa pensa que ela é menos favorecida do que a outra, mas se fosse levar para esse caminho, muitos jovens que hoje cresceram na vida, também poderia ser assim, porque a vida nunca vai ser fácil para ninguém, A vida sempre vai ser difícil para todo mundo nada cai do céu, de lá só cai chuva. Na sinceridade honestidade nós vai chegando nós vai tendo uma hora nós vai conquistar. Porque quem quer não desiste. Quem que almeja batalha para conquistar. Ninguém deseja ficar para trás, mas também ninguém deseja sair na frente do outro. Muita das vezes a diferença hoje, vou botar da juventude é isso, que muitos pensa a ele tem e eu não posso ter. Às vezes se iludir com muitos fatos e muitas coisas erradas. Se nós parar e raciocinar as coisas não são dessa forma, ele teve ou ele tem é porque ele ou a família dele batalhou para conquistar. Hoje na juventude, o erro da juventude hoje é esse achar que errar ganhar dinheiro fácil é isso e aquilo.

Quando você fala isso e você falou também de ter uma ilusão você tá falando assim de ganhar dinheiro de forma errada no tráfico coisas assim ou é outra coisa que você tá querendo dizer?

Maycon: não, também pode ser, também muitos hoje em dia pensam dessa forma. Graças a Deus eu não penso eu nunca fui de pensar nisso. Mas muita das vezes quando eu paro, no meu raciocínio eu penso que não, na vida as pessoas querem ter coisa fácil. Vamos botar uma suposição entrou agora no serviço tá de repositor passou um ou dois, passou dos 3 meses de experiência já quer ser gerente, já tá almejando um cargo da pessoa já tá ali anos e anos pra conquistar que não foi fácil pra ela batalhar para chegar até ali.

Quem são as pessoas que te apoiam? Quem te ajuda hoje a viver a sua vida?

Maycon: hoje graças a Deus quem me ajuda, minha família me ajuda, mas conforme eu cresci eu fiquei distante da família por parte de mãe eu sou mais presente na família do lado do pai.

São eles que me ajudam, mas a pessoa principal que me ajuda hoje na minha vida, a quem eu dou graças a Deus por isso é a minha esposa. A pessoa que mais me ajuda que me incentiva. Se eu tiver triste ela não deixa a tristeza tomar conta de mim, sempre vem alegrar já tirou um sorriso do meu rosto, meu filho que sempre está comigo às vezes eu tô chateado com algum

negócio que às vezes eu não consegui ele vem brincar comigo, ele faz carinho, joga bola, eles são o que mais me ajuda.

Seu filho tem quantos anos?

Maycon: ele tem dois.

O tempo que você passou em Angra, qual foi a impressão que ficou para você da cidade, você se sentiu acolhido aqui, foi fácil chegar e viver? Como foi o tempo que você passou aqui em Angra?

Maycon: no começo eu falo para senhora, no começo adaptação aí foi meio difícil. Eu não estava acostumado, eu pensava que era a roça, as pessoas que na minha época que eu fui pra aí criança, eu pensava que os garotos não brincava, que não tinha garoto maneiro para se divertir na rua jogar bolinha de gude coisa de criança. Aí agora nesses tempos eu vi que era tudo diferente. Na época os amigos que de quando eu era criança chegavam em mim me chamavam para brincar, depois eu fui frequentar a escola conhecer as pessoas, aí fui conhecendo a localidade conhecendo os bairros. Eu sempre fui acolhido sempre fui respeitado nunca desrespeitei ninguém. Eu me senti acolhido na cidade.

O que você percebia que a cidade podia oferecer para os jovens? Você acha que Angra tenha oportunidade para os jovens? Vc chegou aproveitar alguma oportunidade que você viu aqui na cidade?

Maycon: eu falo para senhora até hoje eu vejo aí tem, tenho oportunidade, mas é só as oportunidades daí sugerem vamos botar assim, sugerem você ser próximo de um vereador, uma coisa que entristece muitas pessoas ao arredores é isso aí é que você tem que ter um vereador ali para você conquistar algo para você ter algo na sua vida. Se você não chegar nele e não colar nele você não vai ter.

Ter o que por exemplo? Emprego, alguma outra coisa?

Maycon: aí é bastante dessa forma. Mas também tudo equivale pelo estudo, mas muitas das vezes aí é muito dessa forma, curso não, curso já é diferente, é você chegar ali tá no concurso. Vamos botar assim você vai fazer um curso no SENAI ou no Senac ali aí uma suposição chegar lá, vamos botar vai lá para o lado da Vila Histórica, faz a prova aí você tem que mandar bem na prova porque aí você tá concorrendo com muitas pessoas que são boas igual a você, mas no caso de serviço se você não tiver colado na pessoa às vezes você é passado para trás

Toda vez que você vai entregar um currículo numa empresa daí, fala pô as pessoas os caras sempre falam a mesma coisa. Cê vai todo o início da semana na empresa lá fala: “Não aqui você só vai conseguir se o vereador chegar aqui e dar na mão de supervisor ou do encarregado aí que bota para dentro fora isso você não vai conseguir. Mas é claro que eu não desisti, portanto, nisso que na época aí eu trabalhei no mercado Poupe ali no Areal, portanto eu não desisti, mas conforme o tempo foi passando eu sempre quis voltar para o Rio meu sonho era voltar para cá para poder ajudar a minha avó, que hoje está de idade, porque o meu pai não mora com ela nem meu tio. A pessoa mais próxima em quem ela acredita mais e que confio mais de mim e é ela. Aí eu preferi voltar para cá e ajudar.

Você então pelo que tá falando já tem algumas responsabilidades de adulto. Isso pesa para você? E quais seriam essas responsabilidades de adulto? Você falou de cuidar da sua avó, de ter um filho, como é isso? Essas responsabilidades pesam?

Maycon: eu não vou mentir para senhora, eu não posso falar que não pesa, pesar pesa. Ao decorrer pelo fato de não ser novo com 17, 18 mas hoje em dia com 21. De vez em quando eu mesmo me sinto pressionado, mas depois eu vejo que não. Porque se eu quiser lutar, se eu quiser tipo assim, se eu for amadurecer e tiver um pensamento como adulto eu vejo que posso conquistar, que eu posso levar adiante que eu posso levar isso aí no peito. Porque se eu ficar cabisbaixo e achar que nunca vai dar certo, eu nunca vou ter a maturidade eu nunca vou pensar como uma pessoa adulta sempre vou pensar como criança. Então eu não posso deixar isso aí subir à cabeça.

Você respondeu no questionário que estudar e trabalhar possibilitou o seu crescimento então vai um pouco nessa linha do que você tá falando das responsabilidades de adulto. Me dá a impressão de que você sempre buscar ver o lado positivo das situações para ter um crescimento.

Maycon: é porque eu sempre parei e pensei, hoje em dia eu tenho a minha esposa que me ajuda. Por que antigamente na época que eu morava com minha mãe eu sempre ficava pensando pô será que eu vou morar com a minha mãe por muito tempo? Será que eu vou ter família com 35 com 40 anos. mas graças a Deus a responsabilidade que eu tenho hoje com meu filho e com a minha esposa de ser o homem da casa de ser pai de família hoje eu sempre penso positivo porque eu não posso pensar negativo. Se eu pensar negativo foi da forma que eu falei, eu sempre vou ficar para trás nos objetivos que eu tenho condições e posso conquistar. Então eu nunca posso abaixar minha cabeça diante da dificuldade.

Porque se eu tenho confiança a dificuldade eu posso superar.

Falando um pouquinho ainda de Angra você via que a cidade oferece esporte, lazer e cultura para os jovens? Você acha que isso era direcionado para os jovens aqui na cidade?

Maycon: hoje em dia eu falo para senhora de uns dois anos para cá, eu não vi muita evolução não. Eu via evolução de esporte para alguns jovens que chegava do Rio para cá conforme o time profissional que tem aí que é o Angra. Mas uns 5 anos atrás eu tinha uns 15 para 16 e tava aí mais ou menos eu participava de esporte sim eu treinava futebol disputava campeonato lá mesmo no estádio municipal Jair Toscano disputava ali, disputava campeonato de variedade você morou aqui de que de idade a qual idade?

Maycon: eu fui morar aí 2008/2009 e fiquei até o mês cinco desse ano aqui. Agora eu tô morando no Rio.

Você acha que a violência na cidade é grande? Você acha que tem preconceito com jovem? Vc viveu alguma situação de violência aqui?

Maycon: é tudo moderadamente eu acho, não pelo fato de eu ser negro pobre, eu não acho isso. Por que isso aí tem toda a localidade, certo? Mas o que sempre me, não só eu, mas o que sempre quando esse rapaz o garoto que é clarinho também branco, o que sempre deixava nós, vamos dizer assim, nós chateado às vezes com a vida, era muito dos fatos que às vezes nós estava soltando a pipa, jogando um futebol, e aí pela criminalidade que tinha na comunidade às vezes a polícia saía lá do lado do Chapa do 33 para vim fazer ronda devido ali né, as vezes nós jogando bola, parava, revistava, querendo ou não esculachava, que isso aí é fato. Esculachava, falava que, aí perguntava de onde nós morava se se era daqui mesmo de outro lugar, aí falava que era de outro lugar muita das vezes, eles falavam que vinha de lá foragido que era criminoso, que já matou alguém. mas eu nunca deixei isso subir a minha cabeça, porque se deixar subir a minha cabeça hoje nem com a senhora aqui eu podia tá falando.

Sempre pensei assim nunca deixei subir a minha cabeça não, porque preconceito vai ter. Porque aí o preconceito também, é claro que muita das vezes temos que denunciar é certo, porque ninguém tem que ficar parado para nada. Mas também muitas das vezes se nós paramos para repensar na vida se a pessoa for preconceituosa com nós, com o nosso interior, com a nossa pessoa, nós podemos fazer o quê. Já que ela se acha melhor que nós, nós podemos não se igualar ela mostrando a diferença. Eu sempre pensei assim, se você mostra ser diferente dela, ela vai começar a te enxergar com uma visão muito melhor do que o que ela Te enxerga agora.

Você não pode se deixar influenciar pelo preconceito do outro, não é? Nesse sentido que você fala?

Maycon: isso.

E você acha que quanto mais você estuda as pessoas te olham de outra maneira? Te valorizam mais? O estudo é importante, você vê assim?

Maycon: o estudo é importante, porque hoje em dia, sempre foi. Não é questão da década passada, da década anterior ou de 50 anos atrás da década de 50, não é questão disso, sempre foi importante. Mas durante um tempo para cá no meado de uns 20 anos para trás, tinha muita gente que sem estudo consegui uma vaga no emprego bom, ainda conseguia, hoje em dia já é dito em todos os locais que você vai trabalhar que você tem que ter cursado o 3º grau, vou botar o segundo grau ali, ter concluído. Hoje em dia também muitas pessoas vão concluindo aí vamos botar assim, fica até sem condições, muitas pessoas não estudou, tipo assim eu sei que precisa, todo mundo precisa. Mas vamos botar uma suposição a pessoa não estudou, aí tem uma que estudou, tipo é mais qualificadinho é mais qualificado, aí podia estar numa vaga que, vamos botar assim não é que gosto que hoje em dia ninguém tem mais gosto pode ser qualquer uma vaga que for trabalho hoje em dia muita gente tá pegando. Mas aí a pessoa que estudou vai ser desmerecida pela pessoa que não estudou? Isso aí eu acho totalmente errado, porque se a pessoa estudou independente dela assim completou o dela e a outra não completou, mas a outra tá naquela vaga eu acho que daí foi mérito da pessoa que não estudou certo?

Tem até uma experiência também no trabalho?

Maycon: É isso aí! Temos que ver que muitas das vezes também tem empresa aí também que a pessoa não estudou, mas quem puxou ela sem estudo lá pra dentro foi um familiar que tem grande cargo dentro da empresa. Aí você consegue chatear a pessoa por causa da pessoa da família. Isso entristece todo mundo.

Você falou de curso, você acha que Angra traz essa oportunidade para os jovens, de se formar de fazer cursos de estudar mais?

Maycon: Eu creio que traz, tipo assim até um tempo atrás eu não era interessado no negócio de curso não, não é questão tipo assim que eu não era interessado, é questão que tipo assim é que tinha pessoas ao meu ao meu redores que não sabiam

Que na cidade poderia tá dando curso gratuito ou até mesmo pagando eu não estava interagindo nesse mundo, ainda no negócio de curso. Depois que eu conheci a minha esposa ela começou a colocar, ela começou a falar para mim que Senai Senac tinha diversos cursos, que eu podia tá fazendo prova para tentar para ver se passasse para tentar aprender algo bom fazendo um curso desse, até mesmo para me profissionalizar na minha vida, uma profissão para mim. Aí eu vejo que negócio de curso em compensação esse negócio aí da da oportunidade, mas aí é aquele negócio eu sempre me viro. Só consegue fazer quem busca, muito dos jovens de Angra hoje em dia não busca isso, hoje em dia eu sempre gostei disso aí eu nunca escondi para ninguém. Mas foi algo do meu interesse eu vou atrás. Mas se todo angrense parar e raciocinar, tem muito jovem de Angra hoje em dia aí que não corre atrás e quando outra pessoa consegue fala: “Ah”, sempre fala que foi sorte, mas não sabe o esforço que a pessoa fez pra tá ali concluindo ir algo que conseguiu na vida.

Você acha que os cursos as atividades são bem divulgadas na cidade ou não?

Maycon: antigamente, vamos botar assim, nos tempos atrás eu achava que não, porque raramente as pessoas ficavam sabendo, hoje em dia muitas pessoas também não, não interagem muito em rede social, mas hoje em dia às vezes o jovem tá pensando em interagir em rede social para ficar em relacionamento para ficar, querendo arrumar namoradinha, as garotas novas arrumar um namorado. Por que separar para interagir, todo mundo sabe todo mundo aí em Angra sabe, todo jovem aí sabe que tem SENAI e SENAC quando vai na escola se for na secretaria eles vão te informar, se você chegar lá e perguntar diretora, supervisora tem como a senhora me informar como eu posso tá fazendo um curso gratuito aqui em Angra dos Reis. Ela vai te informar.

Tem mais alguma coisa que a gente não conversou e você gostaria de falar? Ainda dentro desse campo de juventude da cidade de Angra?

Maycon: Da juventude e da cidade de Angra o negócio que eu tenho, assim é a prática no decorrer do assunto,

Dentro da juventude ali o bom é que a pessoa tipo assim tá começando a conhecer de si próprio tá deixando assim, vamos botar assim deixando a dependência da mãe. Tipo assim é claro que a mãe de todos conhece o seu filho melhor que o pessoal que conhece você amanhã. Mas aí ela já, na juventude ela começa a se conhecer, ela que decide se vai abrir espaço na vida dela para alguém, para alguma amizade nova para algum relacionamento. Aí hoje, graças a Deus está

mais prático, porque, porque antigamente até eu mesmo não ia tá conversando aqui com a senhora, antigamente eu era vergonhoso há uns 3 4 anos atrás a senhora ia mandar mensagem eu não respondia. Se fosse um tempo atrás eu nem respondia, mas agora para mim tipo assim já é algo mais natural dialogar com as pessoas.

Ronny – O supervisor de uma clínica

Você pode se apresentar para gente?

Ronny: meu nome é Ronny de Souza Cândido, tenho 21 anos, sou natural de Angra dos Reis, eu moro com a minha esposa, é amigado digamos assim, porque nós não somos casados ainda, mas já moramos juntos.

Como é ser jovem para você?

Ronny: acho que é a melhor oportunidade, é a melhor fase da vida, digamos assim. Pelo que me relatam também. Acho que a nossa oportunidade de mudança é agora, escolher nosso caminho.

Quais são essas oportunidades? Como você vê essas oportunidades acontecerem?

Ronny: Ah a gente vem, hoje em dia é tudo mais acessível com bastante cursos, com disponibilidade também a partir da internet, que tem mais acessibilidade fica mais fácil a gente ter esse acesso a essas informações.

Você vê dificuldades para viver sua juventude e quais são essas dificuldades?

Ronny: eu creio que Angra dos Reis é o desemprego é um dos maiores que eu vejo. Acho que é o principal. Porque do que eu passei a gente tem muito pouca oportunidade, pro jovem é muito difícil entrar no mercado de trabalho sem nenhuma experiência.

Você chegou a fazer estágio sabe de algum estágio? Por que o ano passado você estava terminando o ensino médio, não é?

Ronny: sim.

Você fez o ensino médio básico não foi? Isso dificultou facilitou você conseguir emprego?

Ronny: facilitou, facilitou bastante. E a respeito do estágio eu fiz em 2018, fiz tipo 3 meses e saí, depois fiz por mais seis meses e hoje eu estou nessa mesma empresa, onde eu fiz o estágio. Eu fui contratado por ela.

Esse estágio era vinculado a prefeitura ou a ensino médio? Ou era uma empresa privada mesmo?

Ronny: Era de uma empresa privada.

Então não tinha vínculo com a parte de estudo não?

Ronny: não tinha vínculo com estudo não.

Hoje você diria que quem te apoia para você viver essa fase da sua vida?

Ronny: a minha esposa e a minha irmã. A minha irmã bastante

Você ainda tem pais?

Ronny: não, não tenho mais nenhum dos dois.

Como elas te apoiam? O que elas fazem por você?

Ronny: quando a gente tá num momento ruim, eu já tive alguns problemas aqui e tal, elas é sempre incentivando a não parar a me manter não perder o foco e tal.

Você pode falar para mim um pouco desses problemas de uma maneira geral?

Ronny: Ah sim, de uma maneira geral vamos lá! Quando eu quis sair desse meu primeiro emprego que é o atual, eu achei que eu tava demais, que não era o que eu queria pra mim, aí elas me apoiaram bastante. E antes mesmo de eu entrar nesse emprego onde eu estou agora, eu cheguei a iniciar uma vida errada e coisa assim, entendeu, e elas com bastante conversa com diálogo elas me incentivaram a sair disso.

Elas então estão muito atentas muito próximas a você nessa parte de conversa de orientação né?

Ronny: Sim

Você acha que ser homem facilita ou dificulta você viver a sua juventude?

Ronny: eu acho que facilita. Como homem a gente vê a gente tem uma liberdade maior tem uma acessibilidade maior em tudo hoje em dia.

Uma coisa que eu percebi lá no CIEP é que era um menos jovens mulheres estudando à noite do que homens jovens estudando à noite. Você acha que isso acontece por quê?

Ronny: eu não tenho uma opinião muito formada sobre isso não, eu não sei te informar.

Você se sente pressionado a assumir responsabilidade de adulto?

Ronny: hoje não hoje eu já vejo como algo mais natural, acho que a gente se adapta com isso né. Apesar de reconhecer também que a gente já tem tais responsabilidades.

Você poderia citar as responsabilidades que você tem de adulto?

Ronny: assim como meu emprego a de manter a minha casa, de ajudar minha esposa também, eu diria que essas são as principais

Sobre Angra, você acha que a cidade oferece oportunidade para os jovens, você acha que isso mudou ao longo do tempo, como você vê essa situação?

Ronny: não vi muita diferença não desde vamos supor os meus 17 anos geralmente aonde eles dão essas oportunidades até hoje eu não vi muita diferença até por conta de ir em alguns órgãos públicos e eu não consegui não, já tentei diversos programas e não consegui nenhum deles.

Quais programas você tentou acessar?

Ronny: Tinha um que chama: programa Mais emprego, teve um também no Campo Belo eu não me lembro o nome específico, mas foi numa época até de campanha de eleição que não saiu do papel nada.

Você acha que tem esporte cultura lazer para os jovens em Angra?

Ronny: esporte em específico eu acho que sim, esporte tem bastante. Agora acho que nada mais como você tá falando uma distração a mais um curso, algo que prenda a atenção dos jovens

além do esporte eu acho que falta muito em Angra. O esporte mais específico é o futebol né a gente vê muito esporte masculino, futebol masculino.

Então você mesmo dentro do esporte você não vem aproveitando essas oportunidades seria isso?

Ronny: acesso eu já até tive por meio de alguns programas, decidi esporte eu já fiz parte muito tempo, eu creio que desde os meus sete até os 17 ou 18 anos.

Você citou as dificuldades de trabalho né, você pode dizer em que que você trabalha?

Ronny: posso sim, hoje eu trabalho numa clínica de atendimento médico, hoje eu sou supervisor de um dos setores da clínica.

Você acha que a questão da violência em Angra é uma coisa presente ela aumentou, ela diminuiu? Como você vê?

Ronny: é bem presente ainda, bem presente. Hoje a gente não é algo novo digamos assim, porque há um ano atrás mais ou menos, parecia que era época que tava com mais visibilidade digamos assim porque estava tudo voltado para isso, mas não quer dizer que tenha diminuído, porém os holofotes não estão mais ali no específico.

É interessante isso, porque a impressão que eu tive até lá do bairro da escola é que tinha dado uma melhora. mas então você acha que só saiu do holofote né?

Ronny: exatamente

O seu bairro é perto do Areal é fácil acesso para o areal como é?

Ronny: são bairros vizinhos é só uma ponte que divide os dois.

Então é muito próximo da escola né?

Ronny: é muito, muito próximo é uma questão de cinco minutos da escola

Você está pensando em fazer faculdade?

Ronny: sim eu estou pensando, não tenho uma área em específico, eu ainda não estou dizendo uma área em específico, mas penso sim.

Por você ter feito ensino médio você acha que as pessoas te valorizam mais? Ou não tem nada a ver?

Ronny: sim influencia demais. Influencia bastante

E trabalhar e estudar, como foi essa experiência para você?

Ronny: Ah foi um dos períodos mais difíceis assim de conseguir conciliar

Por quê?

Ronny: eu não sei no geral mais de mim específico eu depositar uma confiança muito grande na empresa eu até meio até que me sobrecarregava lá dentro por conta disso, então chegou o momento que já tava difícil conciliar a escola com o trabalho porque já estava exigindo muito de mim.

No questionário você fala que começou a trabalhar entre 10 e 15 anos e você fala que isso possibilitou o seu crescimento que é o contrário do que você diz que estava acontecendo um ano passado!

Ronny: sim, sim, mas a forma como eu comecei a trabalhar foi muito, digamos que por meio próprio, assim tomando uma iniciativa própria assim, meio que sem o apoio de ninguém.

E era em quê?

Ronny: olha quando 12 13 anos a gente vendia balas na rua e tal, aí com os 14 anos o meu cunhado abriu uma empresa de reforma de embarcações abrir um serviços náuticos, foi quando ele me ensinou a profissão foi a primeira que eu aprendi. Então eu fiquei um período legal com ele acho que desde os 14 até os 16 anos, dos 13 aos 16 17 anos mais ou menos.

Você gostaria de falar alguma coisa que a gente ainda não tocou, falaram alguma coisa mais.

Ronny: não, não nada específico eu quero mesmo é parabenizar a escola porque eu vejo todo mundo criticando, criticando o ensino tal e por mais que a gente sofria com a falta de professores que era o grande problema mas a qualidade em si era muito boa.

Antônia – A imigrante que só conta consigo mesma.

Meu nome é Antônia Fernandes, moro com a minha mãe e com meu pai com três irmãs, moro em Angra dos Reis a 14 anos vim da Paraíba para cá. Trabalho na Rede Market na cozinha, estuda no CIEP no Areal no segundo ano. Tenho 24 anos e não tenho filhos.

Como é ser jovem pra você?

Antônia: É legal, a gente vai aprendendo, vai se desenvolvendo.

Quais são as dificuldades que você vê em ser jovem?

Antônia: Não.

Você acha que ser mulher facilita ou dificulta você viver a sua juventude?

Antônia: Não dificulta,

Você saberia me dizer por que tem mais alunos homens na escola à noite do que alunas?

Antônia: Não

Você acha que a violência atrapalha você ser jovem aqui na cidade? Vc viveu alguma situação de violência aqui?

Antônia: A violência atrapalhava na escola. Porque a polícia entrava, já barraca a escola naquele dia que ela entrava para fazer operação já não tinha aula. Aconteceu da gente tá lá e começar a tiroteio. Esse ano a violência melhorou por causa da pandemia, por causa do vírus.

Quem é que te apoia nessa sua fase da vida?

Antônia: Ninguém, eu mesma meto a cara e vou.

Você continua estudando esse ano?

Antônia: Continuo. Pela plataforma, eles enviam, a gente faz.

Como era a sua rotina o ano passado?

Antônia: Acordava de manhã ia trabalhar, chegava em casa as 15 horas fazia alguma coisa que tinha que fazer em casa, 5 horas eu tomava banho e ia para o colégio e voltava umas 10, 11 horas da noite.

Como é estudar e trabalhar para você?

Antônia: Positivo, mas é muito cansativo, mas a gente enfrenta porque lá na frente vai valer a pena.

Por você estar no ensino médio você acha que as pessoas te valorizam mais?

Antônia: Acho que sim.

Você se sente pressionada a assumir responsabilidade de adulto?

Antônia: Sim

Você poderia citar as responsabilidades que você tem de adulto?

Antônia: trabalhar, pagar contas, ajudar em casa,

Você morava perto da escola?

Antônia: um pouco, uns trinta minutos de bicicleta

Só você trabalha na sua casa?

Antônia: não todos trabalham

Você tem amigos? Eles te apoiam, são parceiros?

Antônia: tenho amigos, eles me incentivam a não desistir, a ter foco

Quais oportunidades Angra oferece para os jovens? Isso mudou ao longo do tempo

Antônia: eu não vejo oportunidades na cidade

Angra investe no jovem estuda e trabalha? Por quê

Antônia: Não. Eu acho que é porque o prefeito não tá nem aí, não faz nada.

Angra oferece atividades de esporte, lazer, de teatro e de Cultura em geral?

Antônia: não, não oferece nada.

Tem algum ponto assim que a gente não tocou que você gostaria ainda de falar?

Antônia: não era só isso mesmo.

Mary – A jovem que nem estudo e nem trabalha.

Meu nome é Mary, tenho 24 anos. Mora, moro só eu e meu esposo e agora meu filho, não estou trabalhando porque acabei de ser mãe e... Acho que é isso!

Como é ser jovem para você?

Mary: Bom, como é ser jovem para mim! Eu não tive muita infância. Tive que trabalhar muito cedo! Não aproveitei muito a juventude! Então não sei te dizer, não sei te responder, sinceramente!

Qual é a sua história então, como você começou a trabalhar?

Mary: Então! Na, na, a minha, minha mãe é alcoólatra né? Aí eu fui, com 10 para 11 anos assim, eu comecei a morar na casa de um, na casa de outro, na casa de um, na casa de outro. Com 15 anos que eu comecei fazer faxina para ganhar já meu dinheiro. Aí, com 17 pra 18 anos eu consegui um serviço no comércio, de vendedora e, e daí eu aluguei uma casa para morar sozinha. E daí então trabalhei no comércio e depois sai, trabalhei em um bar, sai. Aí voltei a trabalhar de doméstica e... meu primo me deu um terreninho, eu construí pra mim uma casa. Que é a que eu moro hoje. E pra simplificá é isso aí! É, casei agora, tive neném e é isso! Não trabalho agora, mas pretendo voltar a trabalhar! Tive que parar de estudar um certo tempo pra..., ou estudava ou eu trabalhava né? Se eu não trabalhasse eu morreria de fome porque eu morava de aluguel, eu tive que parar de estudar, só por causa disso! Mas quando eu tive oportunidade de voltar, eu voltei e já terminei e é isso! Hoje em dia minha mãe não bebe mais, não é, mas alcoólatra. Ela mora lá no Bracuí e eu moro aqui no Japuíba. Ela vem aqui me ajuda né! No que

ela pode né com o bebezinho! E é isso! Tá tudo bem agora! A vida tá andando graças a Deus rs!

Você ajudou na recuperação dela?

Mary: Não porque... eu saí, eu não moro com a minha mãe desde os meus 10 anos de idade né! Então eu só ia lá para ver ela só e ela também não queria ajuda! É... mas ela parou de beber por vontade própria dela né! Depois que ela, levou um susto aí e quase morreu e ela ainda tinha um filho pequeno, meu irmão. Hoje ele tá com 15 anos. Mas... não, não ajudei em nada, eu não morava com ela. (silêncio) Só ia pra visitar mesmo. Foi sim tive que amadurecer bemmm cedo né?

O período que você estava estudando o ano passado você estava trabalhando? Como foi estudar e trabalhar?

Mary: Sim, eu estava trabalhando! Foi de boa porque eu trabalhava de manhã estudava à noite então deu para conciliar tudo! Não difícil não. Eu trabalhava de doméstica.

Quais as dificuldades você enfrentou na sua vida?

Mary: Bom, dificuldade... Eu já enfrentei bastante coisa! Ter que passar fome né, bastante coisa! Escuta desaforo, coisas das pessoas sem necessidade. Não tem apoio de família, de mãe! Mas hoje em dia eu tenho outro né! Eu tô, eu sou mais madura, adulta. Mais responsável, posso cuidar das minhas coisas, fazer minhas coisas hoje em dia não tenho tantas dificuldades não!

Quais são as suas responsabilidades hoje?

Mary: Bom, hoje... as responsabilidades que eu tenho, é só com meu filho, meu esposo e minha casa agora né! Até então essas são minhas responsabilidades.

Você acha que ser mulher facilita ou dificulta você viver a sua juventude?

Mary: Não dificulta em nenhuma hipótese!

Por que você acha que tem menos mulheres jovens estudando no NEJA no Areal?

Mary: Bom! Talvez por causa do tráfico, que ocorria muito ali né? Hoje em dia ali eh, tá mais calmo né? Mas antes tava meio que perigoso! Mas eu num, num... Nem cheguei a repará que tinha menos mulheres ali estudando à noite. Eu não cheguei a reparar não! Mas eu acho que deve ser por causa disso, só!

Por ter ensino médio você acha que as pessoas te valorizam mais?

Mary: Acredito que sim! Até porque hoje em dia eles perdem tudo né! Se você tem ensino médio completo... tudo isso! Se não tiver é complicado até pra tudo hoje em dia! Então... eu acredito que sim!

Você acha que a violência em Angra vem aumentando? Você já foi parada pela polícia? Você já foi parada pela polícia?

Mary: Não! Até que tem diminuído bastante. A violência tem diminuído bastante! Já fui parada sim. Quando eu era jovem, agora depois de adulta não!

Quem está ajudando a superar as dificuldades que você teve na vida? E como?

Mary: É, pessoas estranhas que hoje viraram família né! Foram duas pessoas! Que hoje em dia tem mais contato né! Até botei como madrinha do meu filho as duas pessoas. Viraram amiga minha, duas pessoas só! Se precisar dos nomes é a Clayre e Michelle. Bom, a Clayre eu cheguei a morar um tempo com ela, ela era vizinha da minha vó... Aí eu tive um desentendimento... Aí... a Clayre me chamou pra morar com ela e tal! Aí eu fui mora, morei um bom tempo com ela e a Michele, também já me ajudou muito, que eu trabalhei pra ela também e acho que é isso! E são minhas amigas, já me ajudaram com muita coisa mesmo! De tirá comida de casa pra me dar, roupa e essas coisas! Elas me incentivavam a estudar me aconselhava sempre.

Você acha que Angra oferece oportunidades para os jovens e quais são?

Mary: Até então que eu saiba não oferece nenhuma, tá! Até pra estudar eles já fazem pouco caso. Quem dirá outras oportunidade né? Bom os professores e diretores de responsáveis das escola, pelo que eu vejo não tão nem aí né? Eles fazem pouco caso: "Ah se o aluno quer bem se não quer amém também" E os pais também né? Num, em vez de incentivar, pega firme né? Também fazem pouco caso! Então é meio complicado! Depois que a gente vê aí, os jovens aí do jeito que tá, largado né! Preferindo o caminho errado, é... É difícil!

Angra oferece atividade de esporte e lazer teatro e de Cultura em geral?

Mary: falando português bem claro não oferece m**** nenhuma, nunca tem nada! Não tem esporte, não tem cultura. Num tem nada nada, nada! Antes, antes quando eu era jovem até tinha né hoje em dia não tem nada! Antes era melhor do que hoje rsrs. Ah antes tinha... Você ia ao

teatro... Eles te levavam a passeio né! Antes era um pouquinho melhor, hoje em dia você... Mal vai pra escola, quando vai pra escola não tem professor e aí isso aí.

Você pretende voltar a estudar?

Mary: Sim! Se aparecer alguma oportunidade boa, para fazer algum cursinho, uma faculdade que eu me interesse... sim! Eu sempre gostei de estudar, estudar é bom. A única coisa que a pessoa não pode tirar da gente ao nosso conhecimento né!

Você mora perto da escola

Mary: Do CIEP sim... Quase perto!

O jovem estudante trabalhador é valorizado em Angra?

Mary: É... muito relativo falar sobre isso, né? Tem jovens que sim, tem jovens que não! Então é complicado falar sobre isso! Aqui em Angra ninguém é valorizado em nada! Rsrs

Quais jovens são valorizados?

Mary: Não sei te dizer! Quem... é valorizado e quem não é. Eu desconheço

Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre o que conversamos?

Mary: Não, não! Não tem não!

Anexo 5



Prefeitura de Angra dos Reis

Secretaria de Desenvolvimento Social e Promoção da Cidadania

Secretaria Executiva de Esporte e Lazer

Assessoria de Fomentos e Incentivo as Políticas Públicas de Esporte e Lazer

Planilha de **ATIVIDADES FÍSICAS E ESPORTIVAS** realizadas no município de Angra dos Reis

Programa PEC (Projeto Esporte para Crianças) – crianças de *4 a 17 anos
Programa PAC (Projeto de Ação Corporal) – acima de 18 anos

1º DISTRITO

MODALIDADE	LOCAL	DIAS	HORÁRIOS
Funcional	Balneário	Ter/qui	8h/16h
Zumba	Balneário	Ter/qui	8h/16h
Aeroboxe	Balneário	Seg/qua	17h
Funcional	Aterro	Seg/qua	7h30
Funcional	Mº Abel	Seg/qua	18h30
Canoagem	Bonfim	Ter/qui	9h/14h
Funcional	Bonfim	Ter/qui	18h30
Funcional	Mº da Glória	Ter/qui	17h
Funcional	Mº Perez	Ter/qui	7h30
Tae Kwondo	Balneário	Ter/qui	18h30
Natação	Piscina Ceav	Seg/qua	7h/13h30

Hidroginástica	Piscina Ceav	Seg/qua	7h40h/16h
Hidroginástica	Costeirinha	Ter/qui	6h30
Futebol	Balneário	Ter/qui	9h/14h
Ginást. Artística	Balneário	Seg/qua	9h/14h

2º DISTRITO

MODALIDADE	LOCAL	DIAS	HORÁRIOS
Funcional	Mº Cruz	Seg/qua	8h
Funcional	Mº Cruz	Ter/qui	20h
Futebol	Mº Cruz	Seg/qua	9h/14h
Aeroboxe	Campo Belo	Terça	15h30
Funcional	Campo Belo	Quinta	15h30
Funcional	Campo Belo	Quarta	18h30
Futebol	Enseada	Ter/qui	9h/14h

3º DISTRITO

MODALIDADE	LOCAL	DIAS	HORÁRIOS
Aeroboxe	Garatucaia	Quinta	15h30
Aeroboxe	Monsuaba	Terça	7h30
Funcional	Monsuaba	Quinta	7h
Hidroginástica	Monsuaba	Seg/qua/sex	6h30

Soft Vôlei	Monsuaba	Ter/qui	8h30
Funcional	GDV	Seg-qua / Ter-qui	17h / 8h
Aeroboxe	GDV	Sexta	8h
Zumba	GDV	Seg/qua	8h
Hidroginástica	GDV	Ter/qui	7h/16h
Natação	GDV	Ter/qui	9h/14h
Futebol	GDV	Seg/qua	8h30/14h
Ginástica	Village	Qua/sex	7h30
Aeroboxe	Camorim Grande	Seg/qua	7h30
Ginást. Localizada	Camorim Grande	Ter/qui/sex	18h

4º DISTRITO

MODALIDADE	LOCAL	DIAS	HORÁRIOS
Aeroboxe	Morada do Bracuí	Segunda	16h30
Aeroboxe	Santa Rita do Bracuí	Segunda	17h30
Zumba	Morada do Bracuí	Quarta	16h
Zumba	Santa Rita do Bracuí	Quarta	17h
Funcional	Vila Histórica	Ter/qui	18h30
Ginástica	Mambucaba	Seg/qua	8h
Futsal	Pq. Mambucaba	Seg/ter/qua/qui	9h/14h

5º DISTRITO

MODALIDADE	LOCAL	DIAS	HORÁRIOS
Futebol	Abraão	Ter/qua	14h
Futsal	Abraão	Qua/qui	18h / 14h
Futsal femin.	Abraão	Qua/qui	20h /9h
Basquete	Abraão	Ter/qui	20h / 13h
Atividade (escola)	Abraão	seg/ter/qua/qui/sext	Horários alternados

Quantitativo de atividades atendidas	48
Projetos Esportivos para iniciar nas próximas semanas	17
Bairros atendidos por atividades esportivas gratuitas	23
Quantitativo de profissionais efetivos	19
Quantitativo de profissionais contratados	6
Estimativa de número de alunos participantes dos projetos PEC e PAC	2.500

Total de Atividades / dez 2019 – **65**